

# CULTURA eADVENTISMO



**Estudos em:  
Eventos Finais**

**Vol. 04, n.02 - Ano 2025**

**UNASP** 



© Centro White Press – Todos os direitos reservados

A revista Cultura e adventismo é uma publicação do Grupo de Pesquisa Cultura e Adventismo do Centro de Pesquisas Ellen G. White (UNASP-EC)

**Editor:** Dr. Renato Stencel

**Coordenador editorial:** Leila Amaral Carvalho, Melissa Querido Batista

**Revisão:** Matheus Brito Fonseca, Melissa Querido Batista

**Diagramação e projeto gráfico:** Matheus Brito Fonseca

Cultura e Adventismo – v.2, n.1 (2025) – Engenheiro Coelho: Centro White, 2025.

29cm

Semestral 2025-2.

e-ISSN: 2965-4297

1. Teologia - Periódicos. I. Centro de Pesquisas Ellen G. White

Idioma: Português, Inglês

Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Estrada Pastor Walter Boger, S/N – Lagoa Bonita, Eng. Coelho - SP, 13448-9

# Conteúdos

Editorial.....	2
----------------	---

## Artigos

1. História Hermenêutica de Daniel 8:14: Estudo Interpretativo dos Séculos II ao XIX – **Flávio Pereira e Renato Stencel**.....3
2. Daniel 11:31 e sua Interpretação: Estudo do pensamento em Quatro Preeminentes Acadêmicos da IASD – **Henrique Pinheiro**.....17
3. A Relevância do Dia 22 de Outubro de 1844 para a Igreja Adventista do Sétimo Dia: O Movimento Milerita, a Doutrina do Santuário e o Dom de Profecia na Igreja Adventista – **Luan Alves da Cota Mól**.....27
4. O Derramamento da Chuva Serôdia em Joel 2:23, 28-32: Estudo Escatológico à Luz do Contexto Histórico-bíblico e dos Escritos de Ellen G. White – **Eduardo Pietrafessa Filho e Matheus Fonseca**.....49
5. Convergências e Divergências Entre a Teoria do Arrebatamento Secreto e a Escatologia Adventista do 7º Dia – **Leila Amaral e Melissa Querido**.....72
6. “Sedes Perfeito” no Contexto da Parousia: Perspectiva Bíblica, Histórica e nos Escritos de Ellen G. White a Respeito do Perfeccionismo – **Felipe Cruz**.....89
7. A Cruz, o Grande Conflito e a Herança dos Santos: Uma Perspectiva sobre os Eventos Finais – **Bruno Moore**.....110

## **Editorial:**

---

Ao estudar a Bíblia pode-se observar que Deus não deixou seus filhos sem orientação quanto ao mais importante evento registrado em suas páginas, a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Um em cada vinte versos das Escrituras, Deus reforça e relembra a cada leitor a importância desse grandioso acontecimento. Dessa forma, a Bíblia é o guia mais seguro para buscar compreender o destino de toda humanidade perante os eventos que precedem à Segunda Vinda de Cristo. A compreensão desses sinais ajudará os cristãos a fortalecerem a fé, a confiarem mais em Deus e a permanecerem firmes diante das dificuldades que surgirão nos últimos dias.

Uma das passagens mais conhecidas sobre esse assunto, é narrada nos evangelhos, quando os discípulos pedem a Jesus mais detalhes sobre o tempo de sua vinda. Enquanto Jesus achava-se assentado, no Monte das Oliveiras, eis que seus discípulos lhe pediram: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.” (Mateus 24:3). Jesus então passou a discorrer sobre tais eventos dizendo: “Vede que ninguém vos engane.” (v4); “ouvireis falar de guerras e rumores de guerras.” (v6); “se levantarão nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares.” (v8); “sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.” (v9); “muitos hão de se escandalizar, traír e odiar uns aos outros.” (v10); “levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.” (v11); “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos.” (v12); “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.” (v14).

Tais revelações não têm o propósito de produzir medo ou curiosidade excessiva, mas de preparar espiritualmente o povo de Deus. Aqueles que estudam a Bíblia com sinceridade receberão discernimento para reconhecer o erro e permanecer fiéis. O conhecimento desses eventos deve promover o cristão a uma vida transformada, marcada pela obediência, vigilância espiritual e compromisso com Deus, e sua Palavra.

Ao descrever esse momento, os Testemunhos do Espírito de Profecia nos alertam: “Pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Escritura, poderá resistir no último grande conflito.” (GC, 593). “Apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganos que dominam o mundo.” (GC, 625). Dessa forma, as palavras de Cristo apresentadas em seu sermão profético, ecoam até nós hoje: “Portanto vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” e, “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.” (Mateus 24:42; 25:13).

Dr. Renato Stencel  
Editor da Revista Cultura e Adventismo

## História Hermenêutica de Daniel 8:14: Estudo Interpretativo dos Séculos II ao XIX

---

Flávio Pereira da Silva Filho<sup>1</sup>  
Renato Stencel<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo realiza uma investigação histórica e hermenêutica de Daniel 8:14, versículo fundamental da escatologia adventista, examinando sua interpretação entre os séculos II e XIX. Analisa o desenvolvimento do conceito das “duas mil e trezentas tardes e manhãs” desde a exegese judaica inicial e o pensamento cristão patrístico até a teologia medieval, reformista e milenarista. Busca compreender como fatores teológicos, filosóficos e sociais influenciaram a ressignificação progressiva do texto, culminando na formulação da doutrina adventista do juízo investigativo. A metodologia, de caráter documental e comparativo, investiga fontes primárias e secundárias judaicas, cristãs e adventistas, evidenciando a evolução hermenêutica e o processo histórico que consolidaram a leitura profética de Daniel 8:14 como um marco interpretativo central da teologia adventista do século XIX.

**Palavras-chave:** Daniel 8:14; escatologia adventista; interpretação histórica; hermenêutica bíblica; princípio dia-ano.

**Abstract:** The study conducts a historical and hermeneutical investigation of Daniel 8:14, a foundational verse in Adventist eschatology, examining its interpretation from the 2nd to the 19th century. It analyzes the development of the concept of “two thousand and three hundred evenings and mornings,” from early Jewish exegesis and patristic Christian thought to medieval, Reformation, and millenarian theology. The research seeks to understand how theological, philosophical, and social factors influenced the progressive reinterpretation of the text, culminating in the formulation of the Adventist doctrine of the investigative judgment. The methodology, documentary and comparative in nature, investigates primary and secondary Jewish, Christian, and Adventist sources, highlighting the hermeneutical evolution and historical process that established Daniel 8:14 as a central interpretative landmark in 19th-century Adventist theology.

**Keywords:** Daniel 8:14; Adventist eschatology; historical interpretation; biblical hermeneutics; day-year principle.

---

<sup>1</sup> Pós-graduado em Teologia Bíblica pelo UNASP. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFMA-MA e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: [hebraico.usp@gmail.com](mailto:hebraico.usp@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Diretor administrativo do Centro de Pesquisas "Ellen G. White", UNASP, Engenheiro Coelho, SP. E-mail: [renato.stencel@unasp.edu.br](mailto:renato.stencel@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

A história da interpretação bíblica revela a maneira como textos específicos moldaram não apenas sistemas teológicos, mas também movimentos religiosos e sociais ao longo do tempo. Daniel 8:14, com sua referência às "duas mil e trezentas tardes e manhãs", é um desses textos paradigmáticos cuja relevância é projetada a partir do domínio exegético, influenciando interpretações teológicas e práticas religiosas.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, esse versículo tem sido examinado sob diversas perspectivas, culminando em um clímax hermenêutico em 22 de outubro de 1844, data fulcral para o movimento adventista. Inicialmente enraizada no judaísmo, a análise de Daniel 8:14 atravessou múltiplas tradições cristãs, ganhando novos contornos com os debates patrísticos, os estudos medievais e o fenômeno da Revolução Francesa. No contexto contemporâneo, esse versículo foi fundamental para o surgimento do fervor milenarista do século 19, servindo como alicerce para a formulação doutrinária que caracterizou o movimento adventista.

Esta investigação emprega uma base metodológica alicerçada em um exame documental e cronológico. A estratégia abrange o contraste e a constância dos matizes interpretativos de Daniel 8:14 ao longo da história. O propósito desse estudo é mapear o desenvolvimento hermenêutico do texto, desdobrando as transições teóricas que culminaram na perspectiva adventista, com o objetivo de compreender o processo interpretativo do versículo, que se tornou um pilar doutrinário de um movimento religioso global.

## 2. O Cânon de Ptolomeu

O Cânon de Ptolomeu, datado do século 2 d.C., estabelecido com base em observações de eclipses dos períodos babilônico, persa, grego e romano, representa uma fonte astronômica determinante no contexto do estudo profético. No *Almagesto*, título da obra que contém o Cânon, Ptolomeu registra 19 eclipses lunares, especificando suas datas em termos de ano, mês, dia e hora, com referência aos anos de reinado de diferentes monarcas.<sup>1</sup> Assim como as evidências fornecidas pelas moedas e medalhas ao longo da história, que servem como elementos auxiliares no campo da numismática, o Cânon tem sido progressivamente empregado ao longo dos últimos séculos para determinar com precisão a data inicial das setenta semanas proféticas, de Daniel 9:24-27, e, igualmente,

dos 2.300 anos, de Daniel 8:14 ([Froom, 1950, p. 240](#); [Oliveira; Velten, 2018](#); [Ptolemaei, 1515, p. 69](#)).

### 3. Interpretações Patrísticas

#### 3.1 Clemente de Alexandria (c. 150 – c. 215)

Clemente de Alexandria afirma que os “dois mil e trezentos dias se tornam seis anos e quatro meses” ( $\beta\tau' \eta\mu\epsilon\rho\alpha\iota, \gamma\in\nu\omega\nu\tau\alpha\iota \xi\tau\eta \varsigma', \mu\eta\nu\epsilon\varsigma \delta'$ ), durante a metade dos quais Nero dominou, por meia semana; e, na outra metade, Vespasiano, Otho, Galba e Vitório, reinaram ([Alexandrinus, 1857, p. 889, 890](#); [Roberts; Coxe, 1885, p. 334](#)). Essa interpretação, feita por um dos pais da Igreja do século 2, apresenta a profecia com dias literais projetada para os reis romanos. Essa é uma das primeiras tentativas de interpretação de Daniel 8:14 dentro da literatura cristã.

#### 3.2 Sexto Júlio Africano (c. 160 – c. 240)

Júlio Africano sugere que os 2.300 dias podem ser computados por meses, totalizando cerca de 185 anos, que se estendem desde a captura de Jerusalém até o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes. Segundo o autor: "descobrimos que esses anos indicados são 2300 meses hebraicos" ( $\rho\eta\sigma' \dot{\epsilon}\nu\iota\alpha\nu\tau\alpha\dot{\nu}\varsigma \mu\eta\nu\alpha\varsigma \epsilon\nu\r\iota\sigma\kappa\mu\mu\epsilon\nu, \beta\tau' \dot{\epsilon}\nu\beta\r\alpha\iota\kappa\dot{\nu}\varsigma$ ) ([Africanus, 1857, p. 91, 92](#); [Froom, 1950, p. 281](#)).<sup>ii</sup>

#### 3.3 Policrônio (V séc. d. C.)

Policrônio contabiliza as 2.300 tardes e manhãs como 1.150 dias inteiros. Ele associa o período à perseguição de Antíoco aos judeus e à mudança de suas leis, tentando correlacionar o período de 2.300 "tardes e manhãs" a 1.150 dias, dividindo o número total de sacrifícios matinais e vespertinos). Ele também vincula esse cálculo ao período de "três anos e seis meses" ( $\xi\tau\eta \tau\r\alpha \kappa\alpha \mu\eta\nu\alpha\varsigma \xi\xi$ ), ou "tempo, tempos e metade de um tempo" ([Froom, 1950, p. 431](#); [Polychronius, 1825, p. 14](#)).<sup>iii</sup> Policrônio inclui no elenco hermenêutico dos próximos séculos um personagem que, ao longo de 1.000 anos, seria protagonista de várias interpretações de Daniel 8:14: Antíoco Epifânio, o rei selêucida.<sup>iv</sup>

### 3.4 A Interpretação de Tomás de Aquino (1225-1274)

Tomás de Aquino identifica Antíoco como o chifre pequeno de Daniel 8:9, saindo da divisão selêucida do império de Alexandre. Os 2.300 dias são interpretados como o período da devastação causada por ele em Jerusalém. Assim, quase 700 anos depois de Policrônio, Antíoco Epifânio é associado ao cumprimento das 2300 tardes e manhãs.

De acordo com Tomás de Aquino, a desolação efetuada por Antíoco duraria dias e noites “por dois mil e trezentos dias, que são seis anos e três meses” (*per duo millia, & trecentos dies qui sunt anni sex & tres menses*) ([Aquinatis, 1641, p. 34; Froom, 1950, p. 657](#)).

## 4. Daniel 8:14 no Contexto Judaico

No início do século 9, vários rabinos judeus começaram a estender o princípio dia-ano para outros períodos proféticos no livro de Daniel. Isso incluía as 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14, assim como os 1.290 dias e 1.335 dias de Daniel 12:11-12, todos os quais eram vistos como tendo implicações messiânicas.

O primeiro desses rabinos, Benjamin ben Moses Nahawendi, que viveu entre os séculos 8 e 9, considerou as 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14 como anos, contando-as a partir da destruição de Siló (que ele datou em 942 a.C.) até o ano 1358 d.C. Naquele ano, ele esperava que o Messias viesse ([Jonsson, 2004, p. 25](#)). Embora os judeus claramente percebessem o sólido princípio interpretativo do dia-ano na profecia de tempo, eles não utilizaram a chave hermenêutica dos cristãos.<sup>v</sup>

## 5. Transições Hermenêuticas no Período Medieval

### 5.1 Joaquim de Fiore (c. 1135 –1202)

Joaquim de Fiore é uma figura de suma importância e um ponto de inflexão na interpretação de Daniel 8:14. Não há menção direta das 2.300 tardes e manhãs na pesquisa do autor, mas Fiore lidou com os 1.260 dias de Apocalipse 12:6, que, implicitamente, também está em Daniel 7:25, 12:7 e Apocalipse 12:14 e 13:5, como “tempo, tempos e metade de um tempo” e “quarenta e dois meses”.

A partir de Joaquim de Fiore, a interpretação de Daniel 8:14 iniciou sua convergência com a perspectiva adventista contemporânea, e houve um avanço histórico na interpretação profética. Joaquim, pela primeira vez, aplicou o princípio do dia-ano à profecia

dos 1.260 dias. Ele asseverava que a mulher vestida de Sol significava a Igreja, e que essa permaneceu escondida no deserto, longe da face da serpente, e que “um dia sem dúvida é aceito como um ano e mil duzentos e sessenta dias como o mesmo número de anos” (*accepto haud dubium die pro anno et mille ducentis sexaginta diebus pro totidem annis*) ([Froom, 1950, p. 700](#); [Joachimus, 1527, p. 12](#)).

## 5.2 Semine Scripturarum (c. 1205)

Um monge anônimo de Bamberg, Alemanha, produziu no início do século 13 um manuscrito chamado *Semine Scripturarum* (c. 1205). A obra foi atribuída falsamente a Joaquim de Fiore (daí o termo pseudo-joaquimita). O documento é importante porque foi o primeiro tratado cristão conhecido a explicar os 2.300 dias de Daniel como 23 séculos. O *Anonymus Bambergensis*, como também é conhecido o manuscrito, apresenta um método alegórico de interpretação, comparando cada letra do alfabeto latino a 100 anos (23 letras correspondendo a 2.300 anos). Embora o cálculo estivesse correto, o método é controverso para o padrão hermenêutico historicista. Em resumo, o documento apresenta uma chave numérica, onde cada letra do alfabeto corresponde a um século ([Espelt, 2005, p. 154, 155](#); [Froom, 1950, p. 718, 719](#); [Joachim, 2025](#); [Kaup, 2021, p. 221-225](#); [Zapf, 2012, p. 197, 198](#)).<sup>vi</sup>

## 5.3 Arnaldo de Vilanova (1240 – 1311)

Arnaldo de Vila Nova, um médico e alquimista espanhol (ou francês, segundo algumas fontes), utilizou o documento *Semine Scripturarum* e estabeleceu o princípio de "dia-ano" como regra básica para os 2300 dias de Daniel. Ele conectou o princípio de Joaquim de Fiore à interpretação dos 2300 anos.

Sob essa perspectiva, segue a cronologia da evolução interpretativa do texto:

1. Joaquim de Fiore introduziu o princípio de "dia-ano" na cosmovisão hermenêutica profético-cristã;
2. O monge anônimo de Bamberg aplicou esse princípio aos 2.300 dias, interpretando-os como anos;
3. Vila Nova consolidou essa interpretação ao unir as informações e aplicá-las de forma objetiva ao texto bíblico de Daniel 8:14.

Em resumo, Villanova fez uma aplicação mais específica do princípio do dia-ano que havia sido enfatizado para os 1.260 dias de anos por Joaquim de Fiore um século antes, e foi estendido sob uma hermenêutica controversa para os 2.300 dias no pseudônimo *Semine Scripturarum*.

Villanova estabeleceu a equação dia-ano como regra básica para os 2.300 dias. Este foi um avanço notável na interpretação de Daniel 8:14. Conforme o autor, “deve-se dizer que por dias ele [Daniel] quer dizer anos” (*dicendum quod per dies intelligit annos*) ([Benton, 1982, p. 245; Espelt, 2005; Froom, 1950, p. 743; Vilanova, 2025](#)).

#### **5.4 Nicolau de Cusa (1401 – 1464)**

Nicolau de Cusa, um cardeal católico romano nascido no século 15, chegou próximo da data de 1844 como término do período dos 2.300 dias. Cusa, sob o princípio dia-ano, estabeleceu o intervalo de 559 a.C. até 1700, com flexibilidade de 50 anos (559 a.C. até 1750) (*post annum Christi 1700 et ante 1750*), para o cumprimento de Daniel 8:14. Esse estudo, apresentado em um sermão em 1440, deu uma data mais definida para o período de 2.300 dias ([Cusa, 1565, p. 933; Froom, 1946a, p. 125](#)).

### **6. A Interpretação de Martinho Lutero (1483-1546)**

Para Lutero, a duração do conflito de Daniel 8:14 foi de 2.300 dias literais, ou cerca de seis anos e três meses. Ele afirmou: "É por isso que todos os professores do passado viram um símbolo do Anticristo neste Antíoco, e certamente encontraram a verdade". Sob o sentido de Antíoco, a interpretação de Lutero releva a evolução hermenêutica do texto e volta para Policrônio, mil anos antes. Segundo Lutero, "o templo deverá ser purificado após dois mil e trezentos dias, o que equivale a seis anos e um quarto de ano" [três meses] (*der Tempel nach zweitausend und dreihundert Tagen gereinigt werden soll, welche machen sechs Jahr und ein Vierteljahr*) ([Froom, 1946a, p. 239; Luther, 1892, p. 905](#)).

### **7. Revolução Francesa**

A partir da Revolução Francesa ocorre uma aceleração no estudo hermenêutico de Daniel 8:14. Ela é um elemento catalisador no sentido de expandir o estudo das profecias de Daniel e Apocalipse e multiplicar o número de estudiosos que chegaram a

uma data próxima de 1844. A Revolução Francesa, também conhecida como “a mãe de todas as revoluções”, estabelece o ano de 1798 como um ponto de intersecção entre a profecia e a história. A partir dessa data, muitos estudiosos aplicaram o princípio dia-ano de maneira retroativa e chegaram ao ano 538 através da profecia dos 1.260 dias.

Como resultado direto, um volume considerável de publicações, tanto do lado europeu do Ocidente quanto na América, apontava para os 1260 dias proféticos. Esses documentos foram postos em circulação em vários lugares como uma interpretação padronizada, e houve um relativo consenso de que a profecia de Daniel 12:4, referente ao desselemento do livro, havia se cumprido, marcando a chegada do tempo do fim. Essa é a ponte escatológica para os 2.300 dias de Daniel 8:14 ([Silva Filho, 2019; Froom, 1946a, p. 765-780](#); [Knight, 2010, p. 14](#); [Sandeen, 1970, p. 7](#)).

## 8. O Fervor Milenarista dos Séculos 18 e 19: cinquenta e oito expositores

Como resultado do fervor milenarista desencadeado pela Revolução, LeRoy Froom documentou cinquenta e oito expositores, em quatro continentes, que, entre 1800 e 1844, previram que a profecia de 2.300 dias proféticos seria cumprida entre 1843 e 1847 ([Froom, 1954, p. 404](#); [Timm, 1995, p. 19, 20](#)):<sup>vii</sup>

### 8.1 Manuel Lacunza (1731 – 1801)

Um jesuíta chileno chamado Manuel Lacunza, escreveu, em 1790, o livro *La Venida del Mesías en Gloria y Majestad*. Essa obra tornou-se o elemento desencadeador de várias discussões teológicas no México, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Espanha, com intervenções das Inquisições Espanhola, Mexicana e Peruana. Como consequência, em 6 de setembro de 1824, o Papa Leão XII adicionou o livro ao *Index Librorum Prohibitorum*, proibindo os católicos romanos de lê-lo. Sob a percepção de Lacunza, referente ao capítulo 2 do livro de Daniel: "Cristo destruirá e consumirá todos os reinos retratados na estátua" ([Froom, 1954, p. 307-314](#); [Lacunza, 1821, p. 29](#); [Vaucher, 1938](#)).

### 8.2 Edward Irving (1792 – 1834)

O livro de Lacunza não menciona Daniel 8:14, mas uma tradução inglesa do pregador escocês Edward Irving é publicada em 1826, em Londres, com o título *The Coming of Messiah in Glory and Majesty*. A edição em inglês do livro de Lacunza influenciou diretamente os pregadores do advento, que discutiram as suas crenças nas *Conferências de Albury*, na Grã-Bretanha, de 1826 a 1830 ([Vaucher, 1938](#)).<sup>vii</sup>

### 8.3 Guilherme Miller (1782 – 1849)

Em seus primeiros anos de estudo (1816-1818), Guilherme Miller buscava compreender e harmonizar períodos proféticos, como os 2.300 dias, de Daniel 8:14; os 1.290 dias e 1.335 dias, de Daniel 12:11,12; e os 1.260 dias, de Apocalipse 11:3 e 12:6 (cf. Daniel 7:25; Apocalipse 11:2; 12:14; 13:5). Isso levou-o à conclusão de que Cristo poderia vir por volta de 1843 d.C. Guilherme Miller desenvolveu um dos mais precisos cálculos cronológicos de profecia bíblica em sua época ([Timm, 1995, p. 7](#)).<sup>viii</sup>

### 8.4 Samuel Snow (1806 – 1890)

A última peça do estudo histórico de dezessete séculos, que convergiu para a data de 22 de outubro de 1844, é Samuel Snow. Com base no calendário dos judeus caraítas, o autor concluiu que o Dia da Exiação cairia nesse dia ([Oliveira; Tavares, 2025](#)). Segundo Oliveira e Velten (2018), Snow partiu da ideia de que os caraítas iniciavam o primeiro mês com a lua nova após o equinócio da primavera e, consequentemente, o sétimo mês com a lua nova após o equinócio do outono. Esse método o levou a fixar o décimo dia do sétimo mês em 22 de outubro:

Para a localização do décimo dia do sétimo mês, em 1844, Snow se baseou na noção geral de que os judeus caraítas começavam o primeiro mês com a lua nova que se seguisse ao equinócio da primavera e consequentemente o sétimo mês, com a lua nova que se seguisse ao equinócio do outono. Isso o levou a fixar o décimo dia do sétimo mês em 22 de outubro ([Oliveira; Velten, 2018, p. 90](#)).

## 9. Conclusão

O estudo da profecia de Daniel 8:14 e sua interpretação ao longo dos séculos estabelecem uma jornada hermenêutica de dezessete séculos. Desde os cálculos astronômicos de Ptolomeu, no século 2, até os estudos pormenorizados de Guilherme Miller e Samuel Snow no século 19, a compreensão do texto bíblico supracitado evoluiu

significativamente. A profecia das “2.300 tardes e manhãs” foi analisada sob diferentes perspectivas, moldada por contextos históricos e avanços metodológicos que conduziram para a identificação da data de 22 de outubro de 1844 como um ponto de inflexão para o “tempo do fim”.

As primeiras interpretações diretas desse período profético foram limitadas pela restrição do conhecimento interpretativo do verso na época (cf. Daniel 12:4). Clemente de Alexandria, no século 2, associou os 2300 dias a um período de seis anos e quatro meses, vinculando-os a eventos do Império Romano. Sexto Júlio Africano, contemporâneo de Clemente, transformou os dias em meses, resultando em um período de 185 anos desde a captura de Jerusalém. Esses cálculos iniciais eram caracterizados por tentativas de correlacionar a profecia a eventos históricos específicos, de acordo com o contexto de cada autor.

Durante a Idade Média, teólogos e estudiosos como Policrônio e Tomás de Aquino, usando métodos interpretativos distintos chegaram a conclusões semelhantes, no que diz respeito à figura do rei selêucida Antíoco Epifânio. Paralelamente, a partir do século 9, rabinos judeus detiveram o conceito hermenêutico basilar, ao aplicarem o princípio dia-ano. Mas as interpretações judaicas, por conterem uma outra visão messiânica, seguiram um caminho distinto, resultando em diferentes aplicações proféticas.

Joaquim de Fiore, no século 12, que formalizou o princípio "dia-ano" para o contexto das profecias apocalípticas, o que se tornaria fundamental para as interpretações posteriores. Mas foi um monge anônimo, no século 13, foi o primeiro a sugerir uma aplicação alegórica dos 2.300 dias como anos, sob o contexto do cristianismo.

Ainda no século 13, Arnaldo de Vila Nova expandiu esse conceito, aplicando diretamente o princípio "dia-ano" à profecia de Daniel 8:14. No século 15, Nicolau de Cusa realizou cálculos que se aproximavam do ano de 1844, fornecendo uma base para as interpretações adventistas do século 19.

A partir do final do século 18, o desenvolvimento da exegese profética progrediu de forma contínua e exponencial. A Revolução Francesa (1789-1798) serviu como catalisadora para o reexame das profecias bíblicas, impulsionando um período de intensa investigação teológica. Nesse contexto, Guilherme Miller emergiu como uma das figuras centrais do Segundo Grande Reavivamento na América do Norte (1790-1830). Entre 1816

e 1818, Miller harmonizou os períodos proféticos, concluindo que os 2300 dias terminariam em 1843. Contudo, foi Samuel Snow quem sincronizou os cálculos e, com base no calendário dos judeus caraítas, identificou o dia 22 de outubro de 1844 como o Dia da Exiação.

No desenvolvimento hermenêutico de Daniel 8:14, ao longo de dezessete séculos, foram desenvolvidas técnicas de investigação e métodos sistemáticos para encontrar e seguir padrões. Sob essa perspectiva, a descoberta do princípio dia-ano foi uma das mais importantes conquistas da interpretação profética e marcou o começo real do dessemento do livro de Daniel (cf. Dn 12:4). Essa descoberta demonstrou que conclusões intuitivas baseadas na observação imediata nem sempre devem merecer confiança, pois algumas vezes conduzem a padrões incorretos.

Em resumo, a interpretação de Daniel 8:14, durante os períodos históricos supramencionados permitiu o desenvolvimento de metodologias mais sofisticadas de análise profética. Esse processo contínuo de investigação demonstra a interação entre o conhecimento histórico, a tradição religiosa e o avanço intelectual, revelando, por meio de tentativa e erro, a complexidade e a profundidade da busca humana por significado no tempo e na história. Contudo, além de seu caráter técnico, Daniel 8:14 é uma síntese das aspirações humanas por esperança e redenção.

## 10. Referências Bibliográficas

- AFRICANUS, J. Quæ Supersunt ex Quinque Libris Chronographiaæ. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). **Patrologiae cursus completus. Series Graeca, v. 10.** Paris: Petit-Montrouge, 1857.
- ALEXANDRINUS, C. Opera Omnia Quæ Exstant, v. 1. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). **Patrologiae cursus completus. Series Graeca, v. 8.** Paris: Petit-Montrouge, 1857.
- AQUINATIS, T. Expositio aurea in Danielem. In: MOREAU, D. (Ed.). **Expositio aurea in Danielem, Libros Macchabaeorum, Singulas Apostolorum Iacobi, Petri, Ioannis & Iudæ, Canonicas Epistolas, Apocalypsim B. Ioannis Apostoli, Quinque Libros Boetij de Consolatione Philosophiae & Tractatum eiusdem de Scholarium Disciplina.** Paris: Salamandra, 1641.
- BENTON, J. F. The birthplace of Arnau de Vilanova: a case for Villanueva de Jilóca near Daroca. **Viator**, 13, p. 245-247, 1982.
- CUSA, N. D. **Opera Ominia.** Basileia: 1565.
- ESPELT, J. P. I. L'Autor d'un tractat alquímic podia trobar en l'obra autèntica d'Arnau de Vilanova alguna raó per atribuir-lo a ell? **Arxiu de textos catalans antics**, n. 23/24, p. 151-237, 2005.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 2.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1946a.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 3.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1946b.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 1.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1950.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 4.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1954.

GAFNI, I. ANTIOCHUS. *In: SKOLNIK, F. e BERENBAUM, M. (Ed.). Encyclopedia Judaica, v. 2*: Keter Publishing House, 2007. p. 202-204.

GIBSON, S. Maccabee. *In: SKOLNIK, F. e BERENBAUM, M. (Ed.). Encyclopedia Judaica, v. 2*: Keter Publishing House, 2007. p. 316.

GRECO, B. **Vat. gr. 1209.** Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Vat.gr.1209](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209)>. Acesso em 26 jan. 2025.

JOACHIM, P. **Vatican, Cod. Vat. Lat. 3819, fol. 7r.** Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Vat.lat.3819/20](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3819/20)>. Acesso em 26 jan. 2025.

JOACHIMUS, F. C. **Expositio in Apocalypsim.** Bindoni, 1527.

JONSSON, C. O. **The Gentile times reconsidered.** Atlanta: Commentary Press, 2004.

KAUP, M. The Infernal Trinity as Passivized Pacemaker of Salvation History: Satan's Particular Eschatological Activity in Anonymus Bambergensis' Tracts De semine scripturarum and De principe mundi. *In: LEHNER, H.-C. (Ed.). The End(s) of Time(s).* Leiden: Brill, 2021. p. 221-266.

KNIGHT, G. R. **William Miller and the rise of Adventism.** Nampa, Idaho: Pacific Press, 2010.

LACUNZA, M. **Venida del Mesías en gloria y magestad, v. 1.** Puebla: Officina del Gobierno, 1821.

LUTHER, M. **Dr. Martin Luthers Sämmtliche Schriften, v. 6.** St Louis, MI: Concordia Publishing House, 1892.

MITCHELL, H. H. African American Preaching. *In: WILLIMON, W. H. e LISCHER, R. (Ed.). Concise encyclopedia of preaching.* Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995. p. 2-9.

OLIVEIRA, J. R. D.; VELTEN, H. H. L. **A Astronomia e a Glória do Adventismo: um estudo sobre a precisão do cálculo profético de Daniel 8:14 e 9:24-27.** Vitória, ES: Luz do Mundo, 2018. 608 p.

OLIVEIRA, K. V. F.; TAVARES, C. **Snow, Samuel Sheffield (1806–1890).** Encyclopedia of Seventh-day Adventists, 2025. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9A6O>>. Acesso em 26 jan. 2025.

PEDERSEN, O.; JONES, A. **A Survey of the Almagest**. New York: Springer, 2011.  
9780387848259; 0387848258.

POLYCHRONIUS. **In Danielem. Scriptorum Veterum Nova Collectio, v. 1**. Roma: Typis  
Vaticanicis, 1825.

PTOLEMAEI, C. **Almagestum**. Veneza: Petrus Lichtenstein, 1515.

ROBERTS, A.; COXE, A. C. **The Ante-Nicene Fathers, volume 2**. Buffalo: The Christian  
literature, 1885.

SANDEEN, E. R. **The Roots of fundamentalism: British and American Millerianism 1800-1930**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

SILVA FILHO, F. P. La Révolution française et la formation de l'aventisme. Adventiste  
Magazine. Alemanha: Département des communications de la FSRT. 21: 14-17, 2019.

SINHA, M. **The slave's cause: a history of abolition**. New Haven: Yale University Press,  
2016.

TIMM, A. R. **The sanctuary and the three angels' messages. 1844-1863: integrating factors  
in the development of Seventh-day Adventist doctrines**. 1995. (Doutorado) - Seventh-day  
Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, MI.

USHISTORY.ORG. **Religious Transformation and the Second Great Awakening**. 2025.  
Disponível em: <[www.ushistory.org/us/22c.asp](http://www.ushistory.org/us/22c.asp)>. Acesso em 26 jan. 2025.

VAUCHER, A. A Jesuit Adventist. **Signs of the Times, 2 de maio**, p. 12, 1938.

VILANOVA, A. D. **Vatican, Cod. Vat. Lat. 3824. Fols. 7v, 8r. Introductio in Librum  
[Joachim] De Semine Scripturarum.**, 2025. Disponível em: <[https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Vat.lat.3824/30](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3824/30)>. Acesso em 26 jan. 2025.

ZAPF, V. Anonymus Bambergensis. In: ACHNITZ, W. (Ed.). **Deutsches Literatur-Lexikon:  
das Mittelalter. Band 3, Reiseberichte und Geschichtsdichtung**. Berlin: De Gruyter, 2012. p.  
198, 199.

---

## Notas de fim:

<sup>i</sup> Ptolomeu, um dos maiores matemáticos do século 2, contribuiu involuntariamente para a cronologia histórica do período descrito em Daniel 8:14. Em sua obra *O Almagesto* — cujo nome vem do árabe *al-Majisṭī* (المجسطي), que significa “O Maior” — ele compilou observações astronômicas e cálculos de eclipses usados para estabelecer a cronologia de reis antigos. Apesar de conter erros devido ao modelo geocêntrico adotado, esse livro é considerado uma das mais importantes obras científicas da história (Pedersen; Jones, 2011, p. 15; Ptolemaei, 1515).

<sup>ii</sup> É provável que a sugestão de Júlio Africano de interpretar os 2300 dias como meses e convertê-los em anos envolvesse uma abordagem baseada no calendário lunar, amplamente utilizado na cultura hebraica. De acordo com a interpretação do autor, cada dia equivale a um mês, ou seja, 2300 meses. No calendário lunar, há 12 meses em um ano, portanto, podemos converter os meses em anos:  $2300 \div 12 = 191,67$  anos. Considerando arredondamentos ou ajustes baseados em variações no calendário, Júlio Africano aparentemente chegou a um valor próximo de 185 anos.

<sup>iii</sup> No entanto, o autor comete alguns equívocos em sua interpretação:

- a) Erro de substituição: Ele ajusta o período profético de três anos e meio para três anos e um quarto, o que não corresponde ao texto bíblico.
- b) Distorção do calendário judaico: Policrônio parece ignorar ainda a complexidade do calendário lunar judaico, que não segue exatamente um ano de 354 dias, pois inclui ajustes periódicos (como a adição de um mês bissexto) para sincronizar o ano lunar com o ciclo solar.

<sup>iv</sup> Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.) foi um rei selêucida conhecido por sua tentativa de helenizar à força a cultura judaica. Ele proibiu práticas religiosas judaicas, como o sabá, a circuncisão e a leitura da Torá. Essas ações, juntamente com a profanação do Templo de Jerusalém, levaram à revolta dos Macabeus (168-164 a.C.), liderada por Judas Macabeu e sua família (Gafni, 2007, p. 203; Gibson, 2007, p. 316).

<sup>v</sup> Os judeus interpretavam essas profecias a partir de sua própria tradição e perspectiva teológica, sem adotar os métodos de interpretação usados pelos cristãos, que associavam as profecias de Daniel diretamente à vinda de Jesus Cristo e aos eventos relacionados ao Novo Testamento.

<sup>vi</sup> O cálculo efetuado no documento é baseado em um jogo com as letras do alfabeto em um estilo cabalístico, sendo esse um elemento completamente ausente nos escritos genuínos de Joaquim de Fiore; o tema central são os 2.300 dias – que Joaquim ignorou – interpretados como vinte e três séculos que se estendem até o décimo sexto (Froom, 1950, p. 719).

<sup>vii</sup> A variante de Teodócio, onde se lê: "2.400 tardes e manhãs", foi usada em muitas versões da Septuaginta, e esse é o motivo pelo qual tantos autores supracitados fazem o cálculo sob esse número. No entanto, o código Vaticano e o código Alexandrino, manuscritos de importância majoritária, trazem a palavra *τριακόσιαι* (trezentas) (Greco, 2025, p. 1225).

<sup>viii</sup> Devido a fatores interligados, como o Iluminismo (século 18), a Revolução Americana (1766-1783), a Revolução Francesa (1789-1799) e o Segundo Grande Reavivamento (1790-1830), as décadas intermediárias, entre os séculos 18 e 19, convergiram para um reavivamento mundial sem precedentes no nível de interesse em estudos bíblicos sobre a segunda vinda de Cristo. Muitos intérpretes protestantes foram convencidos pelo estudo da profecia bíblica, de que Cristo retornaria em seus dias (Silva Filho, F. P. 2019; TIMM, 1995, p. 1-4).

# Daniel 11:31 e sua Interpretação: Estudo do Pensamento em Quatro Preeminentes Acadêmicos da IASD

---

Henrique Santana Pinheiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Muitos estudos têm sido produzidos sobre Daniel 11, e pouco consenso parece haver sobre a interpretação da identidade das figuras dos reis do norte e do sul e dos eventos relacionados a eles. O presente artigo busca estudar como os quatro mais preeminentes autores da academia adventista têm interpretado o v. 31 do capítulo. A metodologia será a de revisão bibliográfica. Espera-se encontrar maior consenso entre os intérpretes sobre tal versículo, visto os paralelos de linguagem com as atividades do chifre pequeno no capítulo 8 do livro, um assunto muito mais familiar para o meio adventista, que pode lançar luz sobre a passagem em questão.

**Palavras-Chave:** Daniel; Rei do Norte; Rei do Sul; Chifre pequeno.

**Abstract:** Many studies have been produced on Daniel 11, and little consensus appears to exist regarding the interpretation of the identities of the kings of the north and the south and the events related to them. This article seeks to study how the four most preeminent authors of the Adventist academy have interpreted verse 31 of the chapter. The methodology will be a literature review. It is expected to find greater consensus among interpreters about this verse, given the linguistic parallels with the activities of the little horn in chapter 8 of the book, a subject much more familiar within the Adventist milieu, which may shed light on the passage in question.

**Keywords:** Daniel; King of the North; King of the South; Little Horn.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [henrique.pinheiro@unasp.edu.br](mailto:henrique.pinheiro@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

O capítulo 11 de Daniel é um dos textos mais debatidos atualmente no meio adventista. Poucas partes das Escrituras dividem tantos teólogos quanto a interpretação das identidades dos reinos do norte e do sul e os eventos ligados a essas figuras misteriosas no penúltimo capítulo do livro de Daniel. Apesar de haver certo consenso entre os eruditos sobre os versículos 5-13, o v.14 marca o início da diversidade de interpretações ([Stefanovic, 2007](#)). Em meio a esse capítulo enigmático, entretanto, alguns paralelos linguísticos podem ser percebidos entre o versículo 31 e as atividades do chifre pequeno do capítulo 8 do livro:

Quadro 1: Paralelos Linguísticos entre Daniel 11:31 e Daniel 8:13

Daniel 11:31, NAA	Daniel 8:13, NAA
Forças enviadas por ele <i>profanarão o santuário</i> (דְּשִׁבְעָנָה הַמֹּלֵךְ, wəhilləlū hammiqdāš) e a fortaleza, acabarão com o <i>sacrifício diário</i> (יִמְתָּהַ, hattāmīd), estabelecendo a <i>abominação desoladora</i> (מַמְשִׁיחַ מֹזֵעַ קָרְבָּן הַהֲשִׁיבָּן, haššiqqûṣ məšōmēm).	Depois, ouvi um santo que falava; e outro santo lhe perguntou: — Até quando vai durar a visão do <i>sacrifício diário</i> (יִמְתָּהַ, hattāmīd) suprimido e da <i>transgressão desoladora</i> (מַמְשִׁיחַ עַשְׂפָּהַן, wəhappešā' śōmēm)? Até quando o <i>santuário</i> (שִׁבְעָן, wəqōdeš) e o exército ficarão entregues, para que sejam pisados aos pés?

Fonte: Elaborado pelo autor

Esses paralelos traçam uma ligação entre os dois capítulos. Visto que atualmente existe maior consenso no meio adventista sobre os elementos do capítulo 8, perceber essas conexões pode lançar luz sobre o capítulo 11. Tendo em vista esses fatos, o presente artigo buscará abordar como Daniel 11:31 tem sido interpretado pelos principais expositores atuais da academia adventista. Dar-se-á maior atenção às expressões “profanarão o santuário”, “sacrifício diário” e “abominação desoladora”. Por questões de espaço, não será possível abranger todos os autores que trataram sobre o assunto. Por isso foram escolhidos quatro obras: de [Doukhan \(2019\)](#), [Shea \(2009\)](#), [Stefanovic \(2007\)](#) e [Gane \(2016\)](#), e. O objetivo deste trabalho é descobrir se existe algum consenso entre os teólogos adventistas sobre o versículo em questão, tendo em vista os desafios interpretativos existentes nesse capítulo

## 2. Jacques Doukhan

O primeiro autor que analisaremos é Jacques Doukhan, em sua obra *Daniel 11 decoded: an exegetical, historical, and theological study*. O autor segue uma linha interpretativa simbólica, que ressalta o caráter apocalíptico do capítulo. Doukhan é certamente o autor que propõe a interpretação mais simbólica para os elementos do texto, e isso o coloca em um extremo de nosso espectro de autores. [Doukhan \(2019\)](#) comprehende o texto de Dn 11 como literatura poética e apocalíptica. Logo suas imagens e símbolos descrevem não apenas eventos históricos, mas possuem significado teológico, e as repetições desses, tanto quanto representam sucessões de eventos, marcam o ritmo poético da profecia. Segundo ele, as expressões “rei do norte” e “rei do sul” devem ser interpretadas espiritualmente:

O Norte-Sul simboliza a ideia de totalidade. Como entidade distinta, **o Norte simboliza o caráter religioso e usurpador de Deus encarnado em Babel** e é representado no livro de Daniel pela argila, pelo chifre pequeno e pelo Rei do Norte. **O Sul representa o poder não religioso e autossuficiente encarnado no Egito** e é representado nas profecias de Daniel pelo ferro (Dan. 2:40-42) e pelo quarto animal com dentes de ferro (Dan. 7:7, 19), e pelo Rei do Sul ([Doukhan, 2019, p. 60, tradução livre, grifo nosso](#)).

Para situarmos o v. 31, é importante compreender que o autor propõe duas estruturas literárias para o capítulo. A primeira estrutura, longitudinal-linear-cronológica, enfatiza o conflito entre os reis do norte e do sul que, a partir do v. 5, “segue um movimento regular de ida e volta entre o Rei do Norte (N) e o Rei do Sul (S), progredindo em seis etapas (S-N-S-N-S-N)” (2019, p. 64, tradução livre). As respectivas seções estão dispostas em paralelos laterais em uma estrutura (A-B-C-A1-B1-C1):

- A agressão do Sul [11:5-8]
- B agressão do Norte [11:9-10]
- C agressão do Sul” [11:11-12]
- A1 agressão do Norte [11:13-25a]
- B1 agressão do Sul [11:25b-27]
- C1 agressão do Norte. [11:28-39] ([Doukhan, 2019, p. 64, tradução livre](#))

O v. 31 está situado na seção C1 (Dn 11:28-39), com paralelos linguísticos com C (11:11-12). A segunda proposta de estrutura é a “estrutura quiástica da aliança” ([2019, p. 64, tradução nossa](#)), que dá maior enfoque ao conflito contra o povo da aliança, ressaltando o nervo teológico do conflito. Está organizada da seguinte forma: (a b c d e f

g f1 e1 d1 c1 b1 a1). O v. 31 se encontra na seção d1 (11:28-39), em paralelo com a seção d (11:9-13a):

- a** 10:21b. Inclusio: Miguel, seu Príncipe
- b** 11:1-4. Prólogo: Conflito entre o Oriente e o Ocidente
- c** 11:5-8. A Igreja paganizante: Norte com Sul
- d** 11:9-13a. Retorno; a ascensão da supremacia papal: igreja e estado
  - e** 11:13b—15. Estabelecimento do poder perseguidor; com “grande exército”
  - f** 11:16-21. Desenvolvimento da perseguição; “mas dentro de poucos dias” (11:20)
  - g** 11:22. A(s) vítima(s) da perseguição, o Príncipe da aliança
  - f** 11:23-24. Desenvolvimento da perseguição; “mas apenas por um tempo” (11:24)
  - e** 11:25-27. Queda da Igreja perseguidora; com um “exército muito grande”
  - d<sub>1</sub>** 11:28-39. Retorno; o fim da supremacia papal: “diariamente, abominação da desolação”
  - c<sub>1</sub>** 11:40-43. A Igreja apóstata: Norte com Sul
  - b<sub>1</sub>** 11:44-45. Epílogo: conflito Oeste-Leste
- a<sub>1</sub>** 12:1a. Inclusio: Miguel, o grande Príncipe (Doukhan, 2019, p. 68, tradução livre, grifo nosso).

O autor classifica a seção 11:28-39 como uma “radioscopia teológica”. Isso significa que se trata de “uma pausa especial e atemporal que revela a perspectiva teológica por trás dos eventos históricos na seção paralela.” (2019, p. 74, tradução nossa) Portanto, essa seção não segue uma sequência de pensamento cronológico em relação ao contexto que o cerca, mas marca um retorno à seção paralela (11:9-13a), focando no aspecto espiritual dessa, denunciando a iniquidade da Igreja romana, sua apostasia, sua usurpação a Deus e oposição à aliança.

Com isso em mente, analisaremos os comentários do autor sobre o conteúdo do verso 31. A começar pela profanação do santuário, Doukhan comenta que o significado de “profanar” (heb. לְלַקֵּחַ, lələqəkh) é a introdução de elementos profanos e estrangeiros no santuário (cf. Ez 24:21). Para ele, o santuário em questão é o santuário celestial, que será

profanado, significando que “O Rei do Norte (a Igreja Católica Romana) misturará o poder sacro com o poder secular terreno.” ([2019, p. 172, tradução nossa](#)).

Em segundo lugar, a retirada do diário, como o autor demonstra, é uma ação atribuída ao chifre pequeno no capítulo 8, um ato que acontece no céu. Nota-se que a palavra “sacrifício” não aparece no texto original. “Na verdade, a palavra *tamid*, “diário”, refere-se a mais do que apenas os sacrifícios; esse termo abrange todo o processo de salvação associado ao sacrifício.” ([2019, p. 173, tradução nossa](#)). Citando Richard Davidson, [Doukhan \(2019\)](#) apoia que esse evento ocorreu quando o papa e os sacerdotes católicos usurparam o ministério sumo-sacerdotal de Cristo.

Quanto à abominação desoladora, “A palavra hebraica *shiqutsim*, ‘abominações’, refere-se, na maioria dos casos, a ídolos feitos à mão que são adorados no lugar do Deus verdadeiro.” ([2019, p. 174, tradução nossa](#)). A passagem ecoa Dn 8:13, sugerindo que se trata do mesmo evento. Para Doukhan, não se trata de um novo evento, mas do resultado das ações anteriores; a saber, “a sintaxe da acentuação massorética sugere que a “entrega” da abominação da desolação é o resultado das duas operações anteriores juntas, a saber, a profanação e a usurpação, a remoção do sacrifício diário.” ([2019, p. 173, tradução nossa](#)). “O chifre pequeno, o Rei do Norte, também conhecido como Igreja Católica Romana, usurpou a expiação de Jesus, que era prefigurada pelos sacrifícios; foi essa idolatria (“transgressão” / “abominação”) que causou a desolação.” ([2019, p. 174, tradução nossa](#)). Doukhan ainda menciona a dupla aplicação de que Jesus faz dessa passagem: à destruição de Jerusalém e aos eventos ligados ao fim do mundo em Mt 24. Porém a expressão se aplica mais diretamente ao contexto escatológico, visto que Dn 12:11 mostra que esse evento (a retirada do diário e estabelecimento da abominação desoladora), cobre o período profético dos 1.290 dias e nos conduz ao tempo do fim (cf. Dn 12:9).

### 3. William Shea

Em seu comentário, *Daniel: A Reader’s Guide*, Shea segue a linha de interpretação tradicional historicista literal adventista nessa passagem, reconhecendo a sucessão literal de reis desde o tempo do profeta Daniel até o tempo do fim. Shea também reconhece que essa profecia é a mais detalhada das profecias de Daniel, e que, mais que uma nova profecia, é na verdade uma interpretação literal dada pelo anjo Gabriel sobre a visão do capítulo 8 ([2009](#)).

O livro dedica dois capítulos à perícope de Daniel 10:1-12:13. No primeiro capítulo, avança até o v. 22, culminando nas ações de Roma imperial como o rei do norte e na morte de Cristo, o príncipe da aliança (*נֶגִיד בְּרִית*, *nəgîd bərît*) que é quebrantado (*שָׁבֵר*, *š̄br*), passando pelos reis da Pérsia e da Grécia. A segunda parte da exposição apresenta o verso 23 como a introdução de uma nova fase na narrativa: o surgimento de Roma Papal.

A princípio, Shea ([2009, p. 248, tradução nossa](#)) aponta que “Os versículos 23-39 não apresentam necessariamente as atividades do poder papal em ordem cronológica consecutiva. Em vez disso, neste caso, elas aparentemente estão organizadas em ordem temática” da seguinte forma:

- |                      |  |
|----------------------|--|
| 1. Versículos 23-30  | Campanhas militares efetivas                         |
| 2. Versículo 30      | Subversão do sistema da salvação                     |
| 3. Versículos 32-34  | Perseguição  |
| 4. Versículos 35.-39 | Auto exaltação (Shea, 2009, p. 250, tradução livre). |

Tendo em vista a identidade do rei do norte como Roma papal, Shea primeiramente identifica o santuário mencionado na passagem. Visto os paralelos de linguagem com Dn 8:11 e a dimensão vertical do ataque do chifre pequeno, é assumido que o santuário em questão é igualmente o templo celestial. Quanto à profanação, Shea relembra que:

O verbo ‘profanar’ não requer a presença física de objetos contaminados ou impuros no templo ou local profanado. Alguém pode profanar um templo, ou o nome de Deus, à distância. Não é necessário estar fisicamente presente em um templo para profaná-lo. (...) O poder papal não precisava estar presente literal e fisicamente no templo celestial para profaná-lo. Foi pela obra do papado realizada aqui na Terra que se conseguiu a profanação ([Shea, 2009, p. 257, tradução nossa](#)).

Shea também vê a retirada do contínuo em conexão com a profanação do santuário, uma ação realizada por Roma em sua fase papal, quando essa pretendeu substituir e obscurecer a obra de Cristo por um seu poder terreno. Sobre o abominável da desolação:

O poder do Estado, seja ele local ou estrangeiro, ao se intrometer no âmbito do sagrado era uma abominação que resultava em contaminação. Assim, a abominação que profana pode ser descrita como uma união do secular e do religioso — o Estado e a Igreja — na qual o aspecto religioso é contaminado por sua combinação com as funções do Estado. Na história do cristianismo, essa união surgiu como resultado do apoio do Estado à Igreja, situação que levou ao desenvolvimento do papado medieval ([Shea, 2009, p. 258, tradução nossa](#)).

#### 4. Zdravko Stefanovic

[Stefanovic \(2007\)](#) possui um célebre comentário sobre o livro de Daniel, *Daniel: Wisdom to the Wise*, que desde o sumário define a períope de Dn 11:31-39 como as “atividades religiosas da pessoa vil” ([2007, p. 8, tradução nossa](#)). A “pessoa vil” é introduzida

no v. 21: “Depois, se levantará em seu lugar um *homem desprezível* (נִבְזֵה, nibzeh), ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá de surpresa e tomará o reino, com intrigas”, e parece ser o sujeito das ações até o v. 39. Seu surgimento marca uma quebra na narrativa devido a sua singularidade, chegando até mesmo a estar vinculado à morte do Messias (v. 22).

O autor apresenta as posições das principais escolas interpretativas sobre o texto; a saber, o historicismo, o futurismo e o preterismo. Por ser a linha interpretativa defendida pelo autor, iremos nos atentar apenas aos excertos sobre as conclusões historicistas. A começar pela identidade do homem vil, Stefanovic, citando Maxwell, o identifica como um “poder religioso que sucede o Estado romano” ([2007, p. 419, tradução nossa](#)), no caso, Roma em sua fase religiosa, “um sistema que, por mil anos, afastou as pessoas do ministério sacerdotal de Jesus e as privou do acesso ao Príncipe da Aliança.” ([2007, p. 420, tradução nossa](#)).

Comentando diretamente o v. 31, o autor enfatiza os paralelos da passagem com o capítulo 8, como a menção ao santuário (heb. מִקְדָּשׁ, miqdāš), que é alvo dos ataques do chifre pequeno no oitavo capítulo e a menção ao “serviço contínuo do santuário” (heb. טַמִּיד, tāmīd), que é definido como todo o sistema de serviço do santuário. Também correlaciona a frase “abominável da desolação” com Dn 9:27, Mt 24:15 e Mc 13:14. Todas as atividades do homem vil na passagem levam Stefanovic à conclusão de que, a partir do v. 31, uma nova dimensão religiosa-vertical foi adicionada aos conflitos políticos anteriores:

Assim, a aplicação da mensagem do capítulo 11 é a mesma que a dos capítulos 7 e 8 — todas essas mensagens descrevem a atividade de uma entidade político-religiosa que ofusca o ministério de Cristo no céu e persegue os fiéis, um fato resumido na expressão abominação que causa destruição. Esse poder também é culpado de blasfêmia ([Stefanovic, 207, p. 420, tradução nossa](#)).

## 5. Roy Gane

Por fim, o último trabalho que iremos analisar é o artigo de Roy Gane: *Methodology for Interpretation of Daniel 11:2-12:3*, publicado em 2016 na Journal of the Adventist Theological Society, que, apesar de não ser um comentário exaustivo do texto, propõe uma série de princípios hermenêuticos para a interpretação dessa profecia de Daniel, ao passo que apresenta ilustrações de como esses princípios se aplicam diretamente ao texto. Ao fim, o trabalho de Gane se traduz em uma ótima fonte de interpretações sobre Dn 11. São 10 princípios que Gane apresenta em seu trabalho:

1. Obter uma perspectiva a partir da estrutura narrativa da profecia.
2. Analisar as relações na estrutura literária.
3. Levar em consideração o contexto de um perfil textual.
4. Levar em consideração todas as características internas de um perfil textual.
5. Estabelecer uma correlação com profecias anteriores em Daniel para estabelecer a estrutura histórica.
6. Observar as características da estrutura histórica.
7. Reconhecer a sucessão geográfica.
8. Reconheça alguma disposição temática.
9. Considere alguma linguagem não literal.
10. Compare Daniel 11 com partes paralelas do Apocalipse ([Gane, 2016, p. 342, 343, tradução livre](#)).

A princípio, [Gane \(2016\)](#) destaca o caráter literal da profecia, que é apresentada em uma linguagem direta e não simbólica, característica das interpretações fornecidas às profecias nos capítulos anteriores do livro. Assim como começamos com Doukhan em um extremo simbólico de nosso espectro interpretativo, podemos facilmente considerar Gane como o autor mais literalista em nossa discussão.

A seguinte tabela ilustra como o [Gane \(2016, p. 315, tradução nossa\)](#) delinea a sucessão de poderes relacionadas ao rei do norte ao longo da profecia:

Quadro 2: Interpretação de Gane sobre a sequência de poderes em Dn 11

Referência	Poder
v. 2	Reis da (Medo-)Pérsia
v. 3	Império grego (macedônico) de Alexandre o Grande
v. 4	Quatro reinos gregos
vv. 5-19	Reis da Síria Seleucida (rei do norte) versus Egito Ptolomaico (rei do sul)
vv. 20-21	Transição
v. 22	Roma imperial
vv. 23-45	Igreja de Roma

*Fonte: Elaborado pelo autor*

Logo, Gane identifica o sujeito das ações do v. 31 como Roma em sua fase papal. Comentando sobre a seção relacionada a Roma papal, também organiza a seção dos versos 23-45 na forma de um quiasmo:

A (11:25-30) - Norte vs Sul (sem sucesso)

B (11:31) - Ações religiosas do rei do norte (profana o templo/*fortaleza*; remove o diário; estabelece a abominação)

C (11:32-35) - Ações religiosas relacionadas a pessoas

B<sub>1</sub> (11:36-39) - Ações religiosas do rei do norte (honra o deus das *fortalezas*)

A<sub>1</sub> (11:40-43) - Norte vs Sul (com sucesso)

Comentando o v. 31, Gane ressalta os paralelos entre Dn 11:31 e Dn 12:

Portanto, todos os três períodos de tempo em Daniel 12 — 3½ tempos, 1290 dias e 1335 dias — passam pelo período de perseguição, e a remoção do “regular” e a instalação da “abominação que causa desolação” ocorrem no início dos 1290 e 1335 dias, precedendo a perseguição. Isso se correlaciona com a ordem no capítulo 11, onde o versículo 31 prediz a substituição do “regular” pela “abominação” e os versículos 33-35 predizem a perseguição, tudo realizado sob o “rei do norte” ([Gane, 2016, p. 298, tradução nossa](#)).

Dessa forma, o Dn 12 lança luz sobre Dn 11:31, que por si prediz o evento que em Dn 12:11 inicia os 1.290 dias. Gane não para por aí, mas também estabelece as ligações entre Dn 11:31 e o capítulo 8 do livro:

O mesmo uso incomum de *tamid* por si só com o artigo definido ocorre em 8:11, onde um poder simbolizado por um “chifre pequeno” se engrandece até se tornar “o Príncipe do exército” e tira o *tamid* dele (o Príncipe), “e o lugar do seu santuário foi derrubado”. Este é claramente o mesmo evento que em 11:31, portanto, o rei do norte e o poder do “chifre pequeno” são os mesmos. [...] **Não há dúvida de que o “chifre pequeno” de Daniel 7 e a fase religiosa do “chifre pequeno” em Daniel 8 (vv. 10-12; cf. v. 13) é o “rei do norte” em Daniel 11, pelo menos a partir do v. 31, e que esse rei é o líder da Igreja de Roma.** Ele não pode representar apenas um único indivíduo, mas um cargo de liderança ocupado por uma sucessão de indivíduos durante um longo período e tempo, continuando até o v. 39 e até o “tempo do fim” (vv. 40-45), quando “ele chegará ao seu fim, sem ninguém para ajudá-lo” (v. 45), assim como o “chifre pequeno” religioso finalmente “será quebrado — mas não por mão humana” (8:25; cf. 2 Ts 2:8) ([Gane, 2016, p. 313, 314 tradução e grifo nosso](#)).

## 6. Conclusão

Em síntese, vimos como todos os autores abordados, apesar de possuírem metodologias hermenêuticas e concepções sobre a estrutura geral do capítulo diferentes, possuem semelhantes interpretações sobre o versículo 31 de Daniel 11. As obras são unâimes em identificar o rei do norte - ou a pessoa vil - no v. 31 como Roma em sua fase papal e o santuário em questão como o santuário celestial. Os autores traçam os paralelos entre o chifre pequeno do capítulo 8 e o rei do norte de 11:31.

[Doukhan \(2019\)](#) dedica uma extensa obra ao décimo primeiro capítulo do livro e apresenta uma análise mais detalhada de seu conteúdo, chegando a apresentar duas

propostas de estrutura complementares para o texto. Apresenta contribuições relacionadas à dinâmica sintática do texto massorético, que o levam à uma conclusão singular sobre a relação interior das ações do rei do norte: de que a “abominação desoladora” é o resultado da profanação do santuário e da retirada do *tamid*. E ainda chega a ligeiramente relacionar Dn 11:31 com Dn 12:11. [Shea \(2010\)](#), bem como [Stefanovic \(2007\)](#) apresentam um comentário sobre todo o livro de Daniel e acabam sendo mais sucintos em relação aos detalhes de Dn 11. Entretanto, aquele fundamenta sua interpretação do versículo em seus paralelos com Dn 8 e fornece uma definição chave para “abominação”: a intromissão de um poder secular em assuntos religiosos, enquanto que este ressalta as atividades do “homem vil”, unificando a identidade do rei do norte na seção 11:21-39.

Stefanovic ainda semelhantemente percebe as relações com Dn 8 e ressalta como as atividades do rei do norte em 11:31 marcam a introdução de uma dimensão vertical-religiosa à trama. Por fim, [Gane \(2016\)](#) é efetivo no que se propõe a fazer: estabelecer princípios interpretativos para o capítulo 11 de Daniel, mas também, em suas ilustrações dos princípios que propõe, acaba provendo uma ótima fonte interpretativa das figuras proféticas. Sua grande contribuição para o v. 31 são os paralelos que estabelece com os períodos de tempo de Dn 12, que lança luz sobre a ordem cronológica das atividades de Roma papal, que nos conduzem ao tempo do fim.

Em um ambiente tão controverso de interpretações, ter o v. 31 de Dn 11 como ponto de partida para discussões sobre o tema pode ser útil. Como sugestão de tema para pesquisas futuras, sugere-se que seja feita uma análise da progressão de reinos na interpretação da identidade do rei do norte no meio adventista.

## 7. Referências Bibliográficas

DOUKHAN, J. B. **Daniel 11 decoded**: an exegetical, historical, and theological study. Berrien Springs: Andrews University Press, 2019

GANE, R. E. Methodology for Interpretation of Daniel 11:2–12:3. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 27, n. 1–2, p. 294–343, 2016.

SHEA, W. H. **Daniel**: una guía para el estudiante. Dirigido por Miguel A. Valdivia; traduzido por Raúl Lozano Rivera. 1. ed. Florida Oeste, Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2010.

STEFANOVIĆ, Z. **Daniel: wisdom to the wise** — commentary on the book of Daniel. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2007.

# A Relevância do Dia 22 de Outubro de 1844 para a Igreja Adventista do Sétimo Dia: O Movimento Milerita, a Doutrina do Santuário e o Dom de Profecia na Igreja Adventista

---

Luan Alves Cota Mól<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a relevância teológica e histórica de 22 de outubro de 1844 para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com foco no movimento milerita, na doutrina do santuário e na manifestação do dom de profecia. Descreve os antecedentes escatológicos dos séculos 18 e 19, o reavivamento no estudo das profecias de Daniel e Apocalipse e a centralidade de Daniel 8:14 no anúncio do breve retorno de Cristo. Explora o Grande Desapontamento, a releitura da purificação do santuário e a formulação da doutrina do juízo investigativo como eixo estruturante da identidade adventista. Analisa ainda a organização e expansão institucional da igreja, bem como o papel de Ellen G. White como expressão do dom profético, cuja função confirmatória, corretiva e pastoral contribuiu para a definição do sistema doutrinário e da missão escatológica adventista.

**Palavras-chave:** 22 de outubro de 1844; movimento milerita; doutrina do santuário; juízo investigativo; dom de profecia; Ellen G. White.

**Abstract:** The article analyzes the theological and historical relevance of October 22, 1844, for the Seventh-day Adventist Church, focusing on the Millerite movement, the doctrine of the sanctuary, and the manifestation of the prophetic gift. It describes the eschatological background of the 18th and 19th centuries, the revival in the study of the prophecies of Daniel and Revelation, and the centrality of Daniel 8:14 in proclaiming the soon return of Christ. It explores the Great Disappointment, the reinterpretation of the cleansing of the sanctuary, and the formulation of the doctrine of the investigative judgment as the structuring axis of Adventist identity. It also analyzes the organization and institutional expansion of the church, as well as the role of Ellen G. White as an expression of the prophetic gift, whose confirmatory, corrective, and pastoral function contributed to defining the Adventist doctrinal system and eschatological mission.

**Keywords:** October 22, 1844; Millerite movement; sanctuary doctrine; investigative judgment; prophetic gift; Ellen G. White.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [luan.mol@adventistas.org](mailto:luan.mol@adventistas.org)

## 1. Antecedentes históricos do século XVIII e XIX

O século XIX ficou marcado na história do mundo religioso devido aos sinais escatológicos e reavivamentos religiosos. Eventos naturais em grande escala despertaram o interesse do mundo secular e, especialmente, da igreja cristã. Muitos escritores cristãos reconheceram que o grande terremoto de Lisboa em 1 de novembro de 1755, o dia escuro em 19 de maio de 1780 e a queda das estrelas em 13 de novembro de 1833 eram cumprimentos proféticos do sexto selo e outras passagens das escrituras, como Mateus 24. Para eles, esses sinais indicavam a brevidade da volta de Jesus ([Froom, 1946, p. 187-205](#)). Um outro notável evento histórico ocorreu em 11 de agosto de 1840, quando o império turco-otomano perdeu sua supremacia, confirmado a predição feita por Josias Litch ao utilizar o princípio dia-ano de interpretação (no qual cada dia na profecia representa um ano literal) ([White, 2021, p. 284-285; Froom, 1954, p. 520](#)). Todos estes eventos criaram um entusiasmo religioso sem precedente em todo o mundo e, especialmente, na América do Norte.

Eventos políticos também marcaram o início do século XIX. Assim como no século VI o bispo de Roma, reconhecido e apoiado por Clóvis (508) e pelo imperador Justiniano (538)<sup>2</sup>, alcançou a liderança das igrejas, dando inicio ao período medieval, a inversão desse domínio na Revolução Francesa do século XVIII, quando o bispo de Roma perdeu seu poder temporal, marcou um novo ponto de virada na história, dando início ao mundo moderno.<sup>3</sup> O fato de o apoio francês ao papado iniciado por Clovis em 508 ter se encerrado em 1798 e de o poder temporal do papado ter se estendido de 538 até 1798 indicou, para muitos, o cumprimento, respectivamente, dos 1.290 e 1.260 anos descritos pelo profeta Daniel, indicando que o tempo do fim havia chegado. Isso direcionou a atenção de estudiosos e curiosos para os livros de Daniel e Apocalipse, especialmente para as profecias de Daniel 7:25 e 12:4 e 9 ([Harrison, 1979, p. 5, 55](#)).

A Revolução Americana (1776-1783) e a Revolução Francesa (1789-1799) nesse contexto rapidamente foram relacionadas com as profecias bíblicas a respeito dos eventos do tempo do fim e, com seus ideais de autonomia individual e religiosa, impulsionaram o estudo da Bíblia independente de influências. Nesse período (1790-1830) há o Segundo

---

<sup>2</sup> Para um estudo mais detalhado a respeito dessas datas, ver ZUKOWSKI, J. C. The Role and Status of the Catholic Church in the Church-State Relationship Within the Roman Empire from A.D. 306 to 814. Andrews University, 2009, p. 177-189, 216-226, 321-342. Disponível em:

<https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/174>.

<sup>3</sup> Para mais informações e autores que relacionaram os eventos de 1798 (e outras datas similares) com o fim dos 1.260 de Daniel 7:25 e 12:7, ver FROOM, 1946, p. 11-12, 744-745.

Grande Reavivamento religioso que também impulsionou ainda mais o estudo da Bíblia ([Timm, 2018, p. 29](#)). Esses eventos, especialmente o ano de 1798, marcaram o início de um reavivamento nos estudos das profecias bíblicas, sendo que Daniel 8 e sua profecia a respeito das 2.300 tardes e manhãs recebeu especial atenção, se tornando a seção do livro de Daniel mais estudada a partir do século XIX. Isso aconteceu pois muitos havia uma promessa no último capítulo de Daniel indicando que somente após os 1.260 anos o livro deste profeta seria corretamente compreendido (Daniel 12:4-10). Mas que parte deste livro só seria entendida após 1798?

Alguns autores, mesmo antes de 1798, já haviam identificado o chifre pequeno de Daniel 7 com o papado e os 1.260 anos com o período da idade média e supremacia papal, indicando que a seção de Daniel que seria compreendida após o ano de 1798 deveria ser outra.<sup>4</sup> Ao receber as visões de seu livro, o profeta Daniel ficou sem entender, especificamente, as seções relacionadas ao tempo profético. Neste sentido, havia uma profecia em particular que o profeta não conseguiu entender e, até 1798, ainda não havia sido estudada com tanto interesse e precisão como foi após essa data; a profecia das 2.300 tardes e manhãs que levariam até a purificação do santuário celestial (Daniel 8:14) ([Loughborough, 2014, p. 63](#)).

Segundo [Nuñez \(1987, p. 111\)](#), “o período de 1800 a 1850 pode ser certamente chamado de uma nova era na interpretação da visão de Daniel 8”. Neste despertamento do estudo das profecias de Daniel e, especialmente, do capítulo 8, autores religiosos como Mason, Habershon, Bickersteth e Cambell entendiam que os 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 representam anos, sendo cada um dia, totalizando 2.300 anos, que percorriam de 457 a.C a 1843 d.C., quando, segundo círam, Cristo voltaria nas nuvens dos céus. É neste contexto social e escatológico que Guilherme Miller, em 1814, ao estudar as páginas do livro sagrado, se deparou com o oitavo capítulo deste livro profético e descobriu a profecia que mudaria o destino de sua vida, de sua nação e do mundo moderno. Antes, entretanto, faz-se necessário compreender quem foi esse rapaz e o que o levou a estudar essas profecias.

---

<sup>4</sup> Sobre os demais autores que já haviam identificado o chifre pequeno com o papado e os 1.260 anos com o período de supremacia papal (538-1798) antes de 1798, ver FROOM, 1950, p. 540-543, 700-701.

## 2. O Movimento Milerita e o Grande Desapontamento

Sendo o mais velho de 16 filhos, William Miller nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em 15 de fevereiro de 1782. Após 1876, se mudou para Low Hampton, NY. Em sua infância se destaca uma atividade intelectual além do comum ([White, 1875, p. 13-14](#)). A Bíblia, o saltério e o livro de orações eram os únicos livros de seus pais. Sua mãe o ensinou a ler. Ele foi em grande parte autodidata através da leitura. Durante sua adolescência, desenvolveu sozinho vasto conhecimento histórico e a habilidade de escrita ([Knight, 2010, p. 24](#)). Após seu casamento em 1803, se mudou para Poutney, Vermont, e, por 12 anos, se tornou deísta e membro do mais alto nível da maçonaria, além de um dos principais cidadãos de sua comunidade, além de ter sido promovido a capitão exército ([Bliss, 1853, p. 21-23, 34-36](#)).

A guerra de 1812 e a perda de uma de suas irmãs e seu pai neste ano, no entanto, o fez questionar dois ideais deístas: (1) a morte como fim último da existência e (2) a bondade inata a todos os seres humanos. Poderia o homem ser naturalmente bom, sem intervenção divina? A morte realmente seria o fim, sem esperança de ressurreição ou vida eterna? A intervenção divina na Batalha de Plattsburg em 1814, levantou um terceiro questionamento a Miller: o Deus da bíblia realmente está separado da temporalidade de tal maneira que não é capaz de intervir ou agir diretamente na história humana? ([Knight, 2010, p. 27](#)).

Voltando-se para Deus, Miller não frequentava a igreja quando o pastor não estava presente, pois o diácono que o substitua não supria suas expectativas. Até que Miller começou a fazer as leituras na ausência do pastor, sendo que dia 15 de setembro de 1816, ao fazer a leitura do sermão, se emocionou e decidiu ainda mais se dedicar ao estudo da Bíblia. Meses depois, afirmaria ““As Escrituras devem ser uma revelação de Deus.’ As Escrituras se tornaram meu deleite, e em Jesus encontrei um amigo”. Após ser questionado por um de seus amigos deístas a respeito das supostas incoerências contidas nas Escrituras Sagradas, Miller decidiu iniciar um estudo profundo da Bíblia a fim de harmonizar e sistematizar os ensinos deste livro. Estudando a partir de Gênesis verso por verso ([Knight, 2010, p. 28-29](#)).

Miller percebeu que a Bíblia apresenta profecias de tempo que indicavam os momentos dos grandes atos históricos de Deus no plano da salvação ([Miller, 1845, p. 6, 10](#)). Em 1818 ele se convenceu de que a profecia de Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado” se referia a volta de Jesus, quando, segundo

sua interpretação, a terra seria purificada pelo fogo, de acordo com 2 Pedro 3:7. Partindo do Decreto de Artaxerxes para reconstruir Jerusalém, em 457 a.C., os seus cálculos marcavam o fim do mundo para o ano judaico de 1843. Durante os próximos cinco anos, entre 1818 e 1823, ele estudou com mais profundidade a profecia de Daniel 8:14, temeroso de que estivesse aceitando uma falsa teoria. Nos oito anos que se seguiram, até 1831, ele continuou resistindo à voz que lhe insistia que pregasse a respeito dessa descoberta. Mas, no verão de 1831, ele afirmou que, se Deus abrisse o caminho, ele cumpriria o seu dever em pregar a mensagem do juízo prestes a vir sobre o mundo ([Knight, 2010, p. 34-38](#)).

Trinta minutos mais tarde, um rapaz chegou a sua casa e lhe fez uma proposta para pregar na igreja de Dresden. Miller temeu, mas, segundo o voto que havia feito com Deus, foi pregar e, após aquele dia, recebeu um convite após o outros para levar a outras igrejas a mensagem do breve advento de Cristo. Este foi apenas o início do maior reavivamento religioso do século XIX ([Miller, 1845, p. 17, 18](#)). Em 1833 ele recebeu uma licença de sua própria congregação e de uma congregação vizinha que o autorizava a pregar, ainda que recusasse ser chamado de reverendo, reclamando que nenhum mortal deve ser honrado neste mundo. A partir de 1834, todo seu tempo já havia sido dedicado ao trabalho de pregador, sendo que Miller pregava nos locais que o convidavam. Apesar da grande aceitação de sua mensagem acerca do breve retorno de Cristo, muitos pastores, no entanto, se recusavam a crer na mensagem de Miller ou, quando criam, negavam a pregação ([Knight, 2010, p. 49-51](#)).

Um encontro com um pastor da Igreja Chardon Street, em Boston, mudaria o rumo do movimento milerita. Isso ocorreu quando o pastor Joshua Himes o convidou para pregar em sua igreja e, após ouvir Miller explicar sobre a breve volta de Jesus, desejou que essa mensagem alcançasse ainda mais pessoas, dando início a uma parceria que abalaria o mundo do século XIX ([Bliss, 1853, p. 140-141](#)). O biógrafo de Himes observa que seu lema se tornou “o que fazemos deve ser feito rapidamente”. Himes se tornou em organizador e promotor das ideias do fazendeiro Miller. “Himes forneceu a organização e a estrutura necessárias para transformar [...] uma doutrina em uma causa” ([Knight, 2010, p. 63](#)).

A principal maneira pela qual Himes começou a “ajudar” Miller foi por meio de publicações. Para divulgar a mensagem do advento, começou a publicar a *Sign of the Times* em março de 1840, que a partir de 1842, deixou de ser publicado mensalmente para se tornar semanal ([Himes e Litch, 1842, p. 4](#)). No mesmo ano, para potencializar a

pregação nas cidades onde eram feitos esforços evangelísticos, Himes editou o *The Midnight Cry*. Por mais que alguns periódicos cessassem sua publicação rapidamente, outros apoiadores do movimento surgiram para levar a mensagem do advento através da página impressa a outras localidades, como Josias Litch, Charles Fitch, Robert Hutchinson, George Storrs e Enoch Jacobs, por exemplo ([Knight, 2010, p. 67](#)).

Além das publicações, uma segunda grande contribuição de Himes para a disseminação e estabilidade do adventismo milerita foi a realização de reuniões regulares para encontro dos mensageiros chamadas de “associação geral”. Em 1840 houve a primeira reunião interdenominacional e em 1841. A partir desse segundo evento, a data de 1843 foi ainda mais defendida para o retorno de Cristo, ainda mais com a divulgação do cartas de Charles Fitch e Apolos Hale ([Knight, 2010, p. 70-74](#)). Quando chegou o início de 1843, Miller estava disposto a crer que Jesus voltaria em algum momento daquele ano judaico, mas especificamente entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844 no calendário gregoriano ([Schwarz, 2016, p. 51](#)).



Figura 1: Diagrama profético feito em 1843.

Fonte: Acervo Centro de Pesquisas Ellen G. White, 2024.



Figura 2: Quatro atualizado  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Outros personagens extremamente importantes no sucesso do movimento milerita foram Josiah Litch e Charles Fitch. O primeiro era um ministro metodista, que, ao ler o material de Miller, se converteu ao milerismo e defendeu a interpretação de que a sexta trombeta do Apocalipse se referia a queda do império Otomano, que, segundo ele, seria no dia 11 de agosto de 1840 ([Litch, 1840, p. 157](#)). O cumprimento exato dessa predição concedeu ainda mais força no movimento milerita por parte de seus adeptos. Litch foi reconhecido como o líder teológico do movimento milerita, publicando materiais sobre as profecias de Daniel e Apocalipse mais do que qualquer outro escritor do movimento. Em 1841, após deixar o ministério metodista, Litch se tornou o primeiro pregador milerita a ser pago integralmente pelo movimento.

Com a urgência do iminente advento, Litch ajudou a organizar as reuniões campais, que, além de ganhar milhares de novos conversos à causa, ainda no ano de 1842, levou os mensageiros a construírem a “grande tenda”, com cerca de 16 metros de altura e 36 de largura e capacidade para quatro mil espectadores. Depois ela foi expandida para comportar até seis mil pessoas. Essas reuniões mileritas eram voltadas para “o intelecto e não para as emoções”, diferente de outros reavivamentos religiosos de sua época, como o de Finney ([Knight, 2010, p. 88-86](#)).

Fitch, por sua vez, conheceu a mensagem através dos materiais de Miller e da influência de Litch. Além do gráfico citado, outra contribuição importante de Fitch para o movimento milerita foi sua conclusão, no início de 1844, foi identificar as igrejas protestantes com a Babilônia de Apocalise 14:8. Logo depois, um proeminente ministro milerita, George Storrs, e um dos principais editores, Joseph Marsh passaram a promover o conceito de que os cristãos do advento deveriam sair da Babilônia, retirando-se das igrejas. Isso acontece pois eles acreditavam estar anunciando a hora do juízo prevista em Apocalipse 14:6-7, sendo que as igrejas que negavam essa “hora” profeticamente marcada, se tornam parte da grande Babilônia. Por mais que muitos pregadores mileritas rejeitavam a ideia de organizar uma nova igreja, inevitavelmente o curso do movimento estava pouco a pouco caminhado neste sentido ([Gaustad, 1975, p. 163, 168](#)). No auge do movimento na primavera de 1844, o *Midnight Cry* relatou que cerca de dois mil líderes estão pregando que chegou a hora do juízo. Entre eles, ministros metodistas, batistas, congregacionais, conexão cristã, presbiterianos, entre outros ([Knight, 2010, p. 95](#)).

Quando a primavera de 1844 passou, cessando assim o ano judaico de 1843, o desapontamento foi real e o movimento foi abalado. Pouco tempo depois, há uma reinterpretação da profecia, fixando a volta de Jesus para o outono do mesmo ano, no dia 22 de outubro de 1844 ([Gaustad, 1975, p. 163](#)). A principal contribuição de Samuel Snow foi uma nova interpretação de Daniel 8:14 acerca da purificação do santuário, relacionando a cena do juízo com a parábola do noivo de Mateus 25. Interpretando as festas do santuário da antiga aliança como sombra do evangelho, Snow demonstrou a partir do Novo Testamento que as festas da Primavera: Páscoa, Primícias e Pentecostes foram cumpridas na primeira vinda de Cristo na mesma data em ocorriam segundo o calendário judaico (Lv 23). Snow então destacou que as festas do outono: Trombetas, Purificação e Tabernáculos também deveriam se cumprir na exata data predita pelo calendário de israel. Entendendo que as 2.330 tardes e manhãs se encerrariam em 1844 (não mais em 1843, como Miller entendia), Snow afirmou que, da mesma forma que a festa da purificação no calendário bíblico ocorria no décimo dia do sétimo mês, em 1844, segundo o cálculo dos judeus caraítas, essa data seria 22 de outubro de 1844 ([Schwarz, 2016, p. 58](#)).

Assim como na parábola das virgens, George Storrs indicou que “todas” as virgens cochilaram e dormiram durante o tempo de espera, uma noite, pois o noivo não veio no momento esperado (primavera de 1844). Ele então apontou que o tempo de espera não poderia ser superior a seis meses, uma vez que a noite de espera representava metade de

um dia profético (1 dia = 1 ano, uma noite = 12 horas, 12h = meio dia, meio dia = 6 meses). Ainda segundo a parábola, o clamor afirmando que o noivo estava chegando seria dado a meia-noite, ou seja, na metade dos seis meses. E assim foi, afirmou Storrs, que "o clamor atual do tempo começou em meados de julho" de 1844 ([Knight, 2010, p. 159-163](#)). De acordo com Tiago White (2017, p. 150), um "poder quase irresistível" acompanhou a pregação de que Cristo viria em outubro. Praticamente todos os líderes do movimento milerita, a começar pelo próprio Miller, aceitaram a nova data.

Storrs não apenas se tornou um dos principais publicistas do movimento do sétimo mês, mas também se tornou o principal defensor da mortalidade da alma - uma doutrina que acabou se tornando central para vários grupos adventistas nas décadas de 1840 e 1850. Também passou a defender a extermiação final dos ímpios, ao invés da doutrina do tormento eterno. Além disso, também passou a ensinar a respeito do batismo por imersão ([Knight, 2010, p. 164-165](#)). Em setembro de 1844, a descoberta por alguns a respeito da doutrina do sábado já estava causando alvoroço no movimento.

Infelizmente, o dia 22 de outubro passou e Cristo não retornou. Na manhã seguinte, em 23 de outubro de 1844, Hiram Edson, um fazendeiro metodista de Port Gibson, Nova York, após chorar por toda a noite e clamar a Deus em oração, recebeu a luz necessária para compreender o desapontamento. Após o desjejum, ele e um companheiro estavam caminhando e, ao cruzarem um campo, Edson relatou ter recebido uma visão na qual “em vez de nosso Sumo Sacerdote sair do Santíssimo do santuário celestial para vir a esta terra no décimo dia do sétimo mês, no final dos 2300 dias, ele pela primeira vez entrou naquele dia no segundo compartimento daquele santuário; e que ele tinha um trabalho a realizar no Santíssimo antes de vir a esta Terra.” A partir de então, uma nova doutrina estava sendo articulada ao conjunto de verdades bíblicas, e essa doutrina é o juízo investigativo pré-advento, que Cristo iniciou no dia 22 de Outubro de 1844.

A incrível relação desse desapontamento com os eventos relacionados a morte de Cristo não deve ser passada por alto. Assim como a morte de Cristo foi o cumprimento dos 490 anos profetizados em Daniel 9:25-27, o Juízo para purificar o santuário era o cumprimento dos 2.330 anos de Daniel 8:14. Assim como os discípulos pregaram o tempo correto da primeira vinda de Cristo, mas pensaram que Cristo viria como rei da Glória, os mileritas acertaram a data, mas pensaram que seu Senhor viria como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores para a terra. Do mesmo modo que os discípulos se desapontaram e passaram uma noite em tristeza, os cristãos em 1844 também. Finalmente, tanto Cleopas

e seu companheiro no domingo da ressurreição como Edson e seu amigo na manhã do dia 23 receberam uma visão de Cristo para melhor compreender o que de fato havia ocorrido naquela data. Em ambos os casos, o estudo das profecias do Antigo Testamento, especialmente a luz proveniente do Santuário, iluminou o passado, o presente e o futuro, indicando em que, assim como no ano 31 cabia a Cristo morrer e iniciar sua obra no lugar santo do Santuário, em 1844 deve nosso Sumo Sacerdote iniciar seu último ofício no Santuário Celestial, no lugar Santíssimo. Desse modo, a doutrina do santuário é uma lente que permite aos indivíduos compreenderam corretamente a posição de Cristo em cada momento da história da salvação ([White, 2021, p. 342, 358](#)).

Em 7 de fevereiro de 1846 Crosier publica um artigo intitulado "A Lei de Moisés", afirmando que (1) existe um santuário literal no céu; (2) o sistema de santuário hebraico era uma cópia do santuário celestial, representando todas as fases do plano de salvação; (3) assim como os sacerdotes terrenos tinham um ministério de duas fases no santuário do deserto, Cristo tem um ministério de duas fases no celestial. A primeira fase começou no Lugar Santo em Sua ascensão; a segunda começou em 22 de outubro de 1844, quando Cristo se mudou do primeiro compartimento do santuário celestial para o segundo, iniciando o dia da expiação; (4) o foco da primeira fase de Cristo no lugar santo está no perdão de pecados registrados no céu; (5) a segunda fase lida com o apagamento dos pecados e a purificação tanto do santuário no céu quanto dos crentes na terra; (5) a purificação de Daniel 8:14 foi uma purificação do pecado e, portanto, deveria ser realizada pelo sangue e não pelo fog; (6) Cristo não voltaria à terra até que Seu ministério no segundo compartimento do santuário celestial fosse concluído ([Crosier, 1847, p. 37-44](#)).

Esse estudo confirmou a "visão" que Edson tivera em 23 de outubro. Por meio de estudo intenso d Hebreus e Levítico em conexão com Daniel 7 a 9 e o livro de Apocalipse, a nova compreensão da purificação do santuário tornou-se o eixo estrutural da teologia adventista sabatista. Assim, por mais que algumas doutrinas adventistas já eram ensinadas por outros grupos antes de 1844, foi após o desapontamento que todas as doutrinas foram articuladas dentro do grande plano da salvação revelado na fundamental doutrina do santuário como exposto nas escrituras. Depois de compreender o surgimento e desenvolvimento do movimento milerita, suas bases teológicas e as descobertas posteriores ao desapontamento, será possível entender o motivo que deu origem a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

### 3. A Doutrina do Santuário e o sistema de crenças da Igreja Adventista

Nos escritos dos primeiros adventistas é possível perceber a aplicação do conselho que Miller deu a um jovem ministro em 1832: "Você deve pregar a Bíblia [...] você deve provar todas as coisas pela Bíblia [...] você deve falar da Bíblia, você deve exortar a Bíblia, você deve orar a Bíblia e amar a Bíblia, e fazer tudo ao seu alcance para fazer com que os outros amem a Bíblia também." ([Knight, 2000, p. 39](#)). Para o jovem movimento adventista, "a Bíblia é um sistema de verdades reveladas" ([White, 1875 p. 48](#)). Ou seja, não existem algumas doutrinas somente a serem ensinadas por este novo movimento, mas após o desapontamento, há uma nova forma de enxergar a Bíblia e toda a realidade, pois "o santuário é o coração do sistema de doutrinas adventistas" e vai ser o centro da compreensão bíblico-teológica ([Timm, 2018, p. 127, 128](#)).

Após o desapontamento, "o assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um sistema completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si, o qual mostrava que a mão de Deus havia dirigido o grande movimento adventista e indicava novos deveres ao esclarecer a posição e obra de Seu povo" ([White, 2021, p. 358](#)). A descoberta da doutrina do Santuário onde Deus habita, então, não é meramente uma nova doutrina, mas a doutrina que abriu as portas para descobrir e integrar todas as outras crenças bíblicas, como o ministerial celestial de Cristo, o juízo investigativo pré-advento, a imortalidade condicional da alma, a lei de Deus e o santo sábado ([Timm, 2018, p. 128](#)).

Essas descobertas foram possíveis pois, diferentes de outros movimentos religiosos, [Maxwell \(1993, p. 214\)](#) afirma que:

os pioneiros adventistas do sétimo dia, tendo chegado pela mesma rota à convicção de que o segundo movimento do advento era um cumprimento da profecia, usaram esse cumprimento como um princípio hermenêutico no desenvolvimento posterior de sua mensagem. Uma vez estabelecido como bíblico, o cumprimento da profecia no movimento do segundo advento tornou-se uma ferramenta hermenêutica para ajudar a estabelecer o sábado, o santuário, o dom espiritual, a igreja verdadeira, as doutrinas do segundo advento, etc.

Nos primeiros anos após o desapontamento, os adventistas se reuniam aos sábados para fortalecer a fé e estudar as doutrinas bíblicas que estavam sendo descobertas, seguindo os princípios de interpretação estabelecidos por Miller. Entre 1844-1848, eles descobriram ensinos bíblicos que denominariam como a "verdade presente" ou verdade para nosso tempo. Esses primeiros adventistas sabatistas defendiam que pessoas comuns

podem entender a Bíblia sem necessariamente a ajuda de especialistas humanos, mas debaixo da submissão de guia do Espírito Santo, comparando texto com texto, como Miller cria e fazia ([Knight, 2000, p. 42](#)). Neste sentido, para o movimento adventista não há um cânon dentro do cânon, mas todas as porções das Escrituras são igualmente inspiradas e dignas de confiança, sendo que o evangelho e a lei andam de mãos dadas.

Uma das principais contribuições mileritas posteriormente desenvolvidas pelo embrionário movimento adventista é a não utilização do método alegórico de interpretação aplicado à Bíblia desde os pais da igreja cristã. O método alegórico está baseado no dualismo da filosofia grega, que entende haver um significado espiritual por detrás do texto literal e histórico ([Teixeira, 2021, p. 102-108](#)). Há uma distinção feita entre história (temporalidade) e profecia (atemporalidade). O movimento adventista, implicitamente rompeu com esse método de interpretação ao compreender o texto em seu sentido claro, óbvio e literal, a menos que o contexto indique claramente se tratar de uma parábola ou símbolo.<sup>5</sup>

Uma aplicação clara desse princípio se deu no desenvolvimento da doutrina do Santuário Celestial. A profecia de Daniel 8:14 indicava que há um lugar literal e histórico no céu, se relacionando intimamente com a última obra de pregação e purificação a ser efetuada na terra segundo Apocalipse 14:6-12. A doutrina do santuário celestial, nesse contexto, revela a íntima e direta relação entre o céu e a terra, uma vez que a purificação do templo celestial (Dn 8:14; fator teológico) ocorre simultaneamente com a purificação de um povo na terra para se encontrar com Deus (Ap 14:6-12; fator missiológico).

“Entender esta mudança de paradigma é fundamental na compreensão das posições teológicas adventistas, principalmente a visão de Deus defendida pelos adventistas sabatistas nos primeiros anos. Ao adotarem o santuário celestial como um lugar real, e entender que o evento de 1844 representava o início da nova atuação de Jesus no Céu, em 1844 Ele não apenas começa uma nova fase em seu ministério, mas é apresentado de forma historicamente dinâmica no ambiente celestial” ([Zukowski, 2017, p. 228](#)).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Ver Sylvester Bliss, *Memoirs of William Miller: Generally Known as a Lecturer on the Prophecies, and the Second Coming of Christ* (Boston, MA: Himes, 1853) e Jeff Crocombe, “A Feast of Reason: The Roots of William Miller’s Biblical Interpretation and Its Influence on the Seventh-day Adventist Church” (PhD diss., University of Queensland, 2011).

<sup>6</sup> Dessa maneira, de uma “compreensão atemporal da realidade operativa nas teologias cristãs e protestantes, o Adventismo mudou implicitamente para uma visão temporal-histórica da realidade.” (Zukowski, Suaréz,

A compreensão acerca de quem é Deus (teo-ontologia) fornecida pela Bíblia e compreendida através das lentes da realidade do Santuário revela quem é o homem (antropologia) e mostra o caminho da salvação (soteriologia), desenvolvendo o conceito de missão da igreja (soteriologia) e revelando os eventos finais da história terrestre (escatologia) e do pecado (hamartiológia) ([Teixeira, 2020, p. 19-21](#)). A descoberta desse conjunto doutrinário levou os crentes a um censo de urgência da missão adventista. Eles encontraram sua identidade, mensagem e missão na integração das passagens escatológicas sobre a mensagem do terceiro anjo, o ministério do santuário celestial de Jesus, o sábado do sétimo dia e o selamento dos 144.000 (Ap 7; 11:19; 12:17; 13; 14:9-12). ([conf. Burt, 2002](#)). Neste sentido, restaurar a verdadeira obediência a Lei de Deus e a guarda correta do sétimo dia de descanso andam juntas com a restauração da imagem de Deus no ser humano nos últimos dias e é o objeto da missão adventista.

A respeito da doutrina da salvação, intimamente ligada ao santuário e ao plano histórico da salvação, se desenvolveu um conceito de salvação que permeia todas as áreas da vida durante toda a experiência da jornada cristã. Ao descobrir que o ser humano não possui uma alma imaterial, mas que o homem é uma alma constituídas de faculdades físicas (motoras), mentais (cognitivas) e morais (discernimento). Sendo que a vida espiritual não estaria separada da física, os hábitos diários como comer e beber têm sua “influência direta sobre sua natureza física, mental e moral” ([Damsteegt, 1996, p. 7](#)), dando início a descoberta da mensagem de saúde.

Como a salvação ocorre no santuário e é um processo de restaurar o ser humano integralmente (fisicamente) e gradativamente (históricamente) a imagem de Deus, os adventistas entenderam que é espiritualmente importante 1) o modo como se guarda o sábado; 2) o modo como se administra os recursos financeiros; 3) o modo como se trata o corpo e o cuidado com a saúde. Neste sentido, Andrews desenvolveu a teoria da guarda do sábado de pôr-do-sol a pôr-do-sol, outra comissão sob sua liderança decidiu aplicar princípios de fidelidade financeira que em 1870 se transformaria no sistema de devolução de dízimo e também se concluiu que tabaco, álcool, chá e café são nocivos. Além destes, a carne de porco e outros animais impuros segundo Levítico 11 também foram eliminados

---

Siqueira, 2017, p. 228-229); “A realidade temporal histórica do Santuário celestial desempenhou um papel hermenêutico decisivo na compreensão de Daniel 8:14” (Canale, 2005, p. 139)

da dieta deste povo. Em 1863, há uma nova compreensão a Igreja passa a estimular uma dieta vegetariana a base de verduras, nozes, cerais, legumes e frutas, baseada no plano original de Deus ([Timm, 2018, p. 150-154; Schwarz, 2016, p. 128-129](#)).

Em suma a Igreja passa a ter uma visão Restauracionista, no sentido que se identifica com a missão do Elias profético, que deve restaurar “todas as coisas”, o que inclui retornar ao plano original designado por Deus em Gênesis 1-2 ([Damsteegt, 1981, p. 250, 251](#)).<sup>7</sup> Após diversas descobertas doutrinárias, cabe ao grupo com mais de 3 mil membros escolher o nome que o identificaria, sendo escolhido o nome “Igreja Adventista do Sétimo Dia” em 1860 para denominar essa nova instituição religiosa. Não sem dificuldades, em 1863 foi organizada a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia ([Schwarz, 2016, p. 116](#)). Algum dos motivos que incentivaram a organização foram a crescente necessidade de se obter terrenos para a igreja e para a obra de publicações, o sustento aos ministros integrais e a concessão credenciais aos oficiais representantes do movimento ([White, 2015, p. 66-72](#)).

Juntamente com sua organização, algumas instituições ligadas a igreja surgiram para auxiliar na pregação do evangelho eterno. Além do escritório de publicações que já estava em funcionamento para avançar a pregação das verdades descobertas através da página impresa, em Battle Creek foi inaugurado o Western Health Reform Institute para cuidar dos enfermos através de tratamentos naturais, ensinado na prática o poder da mensagem de saúde. Em 1872 começou a funcionar o primeiro colégio adventista, também em Battle Creek, com o intuito de proporcionar as crianças e jovens uma educação cristã, tendo a Bíblia como livro base e a natureza como auxiliar no desenvolvimento integral (físico, mental e moral) de cada indivíduo. Neste sentido, a educação adventista visa um preparo para a correta realização dos deveres desta vida e prepara o caráter para o serviço na vida futura ([Schwarz, 2016, p. 133-134, 149-154](#)). Atualmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia possui sedes administrativas, instituições de ensino, instituições de saúde, editoras, lojas, fábricas de alimentos, rádio, TV e mantém diferentes projetos sociais espalhados por todo o mundo, buscando assim abreviar a volta de Cristo.

---

<sup>7</sup> Referring to Mal. 4:5, "Behold I send you Elijah the prophet before the coming of the great and dreadful day of the Lord" and Jesus' statement in Mt. 17:11, "Elias truly shall first come and restore all things," Edson asserted that "the work of Elijah, in the last days, is to restore, to 'raise up the foundations of many generations' [Is. 58:12], repair the breach in the law of God, and to restore the true worship of the true God." 5(1190) He continued: "Those who are engaged in this restoration, are the Elijah that was to immediately precede the second advent, the same as was John the Baptist who went before Jesus, in the spirit and power of Elijah, at the first advent."

Em suma, os adventistas do sétimo dia foram especialmente levantados no tempo do fim para dar a última mensagem de advertência a um mundo que está a perecer. Essa mensagem se encontra em Apocalipse 14:6-12 e é conhecida como as “três mensagens angélicas” ou “tríplice mensagem angélica”. Dentre as verdades fundamentais que o santuário integrou ao movimento adventista e fazem parte do evangelho a ser pregado a toda nação, tribo, língua e povo segundo Apocalipse 14:6-12, [Timm \(2018, p. 70\)](#) destaca: (1) a Segunda Vinda de Cristo de forma pessoal, visível e antes do milênio; (2) o ministério sacerdotal de Cristo em duas fases em dois compartimentos distintos do santuário; (3) a imortalidade condicional da alma a extermínio final de pecado e pecadores; (4) a perpetuidade da Lei de Deus e do sábado e (5) a manifestação moderna do dom profético na vida e escritos de Ellen G. White. Sobre esse último ponto doutrinário veremos a seguir.

#### **4. Renovação do Dom Profético em 1844 e a Identidade Adventista**

Ellen Gould Harmon nasceu no dia 26 de novembro de 1827 em Gorham, Maine. Foi uma crente no advento de Cristo entre 1843 e 1844 e passou também pelo desapontamento. Após 22 de outubro de 1844, ela estava na casa amigas em oração e recebeu sua primeira visão. A partir deste momento, o movimento adventista sabatista reconheceria em seu meio o dom profético, mas não sem encontrar dificuldades e críticas. Em 1846, Ellen se tornou esposa do pastor Tiago White, também do movimento, e passou a ser conhecida como Ellen G. White. O ministério dela se estenderia durante um período de 70 anos: de 1844 até sua morte, em 1915. Nestes anos, ela teve cerca de 2 mil visões e sonhos proféticos, escreveu mais de 5 mil artigos em periódicos e, somando com milhares de cartas destinadas a indivíduos e situações específicas, foram escritas mais de 100 mil páginas. No ano de sua morte, havia 24 livros escritos, além dos manuscritos ainda não publicados ([Nix, 2015, p. 34-35](#)).

Nas primeiras visões de Ellen White havia sempre testemunhas presentes, sendo que Tiago White e John Loughborough testemunharam muitas manifestações visionárias. Eles relataram que, assim como Daniel, ela não respirava durante as visões, às vezes por horas, ficando totalmente inconsciente quanto ao que lhe estava ocorrendo ao redor. Seus músculos e articulações ficavam rígidos e seus olhos geralmente abertos, além do fato de conseguir prever coisas desconhecidas e que estavam ocultas aos demais crentes ([Levterov, 2017. p. 306-307](#)).

Ao longo dos anos, ela foi reconhecida como a mensageira deste movimento Adventista e agora veremos a relação deste dom profético com o surgimento dessa igreja. Desde a década de 1840 já havia críticos que se opunham ao dom profético de Ellen. Os adventistas sabatistas, por sua vez, produziram vários artigos em resposta a essa oposição. Um dos principais conceitos promovidos por esses artigos foi a natureza permanente dos dons do Espírito Santo, ensino que contraria os cessacionistas (cristãos que acreditam que os dons do Espírito cessaram no período da igreja primitiva). Em 1851, Tiago White, por exemplo, argumentou que, os dons do Espírito destinam-se a existir na igreja até o tempo do fim.

Um texto frequentemente citado era Joel 2:28-32, afirmando que sonhos e visões se manifestariam na igreja nos últimos dias, que se estendem da morte de Jesus até o segundo advento ([Timm, 2018, p. 224](#)). Na introdução do Livro patriarcas Uriah Smith defende que o ser humano tinha comunhão face a face com Deus antes do pecado. Depois, porém, do pecado, se faz necessário o dom profético a fim de que Deus se comunique com os seres humanos. Ele cita alguns textos do apóstolo Paulo, indicando que os dons do Espírito, dentre os quais se situa o dom de profecia, foram colocados na Igreja para sua edificação e instrução até o fim do tempo. (ver 1 Co 12; Ef 4:8-13; Mt 28:20). Além disso, diversas profecias são citadas pelos pioneiros para endossar que nos últimos dias haverá um derramamento especial do Espírito Santo, e que a Igreja, neste dias finais, terá o testemunho de Jesus, que é o Espírito de profecia (At 2:17-20, 39; 1 Co 1:7; Ap 12:17; 19:10). Uriah Smith segue: “Vemos nestes fatos uma evidência do cuidado e do amor de Deus por Seu povo; pois a presença do Espírito Santo, como Consolador, Mestre e Guia [...] certamente é necessária à Igreja, ao enfrentar os perigos dos últimos dias, mais do que em qual quer outra parte de sua experiência.”

Citando o texto de 1 Coríntios 13, onde Paulo afirma que o dom de profecia, línguas e ciência permanecerão até que tudo se torne perfeito, Smith afirma que “importa lembrar que os dons só cessam quando é atingido um estado de perfeição, porque isso faz com que não sejam mais necessários. [...] ‘Não apagueis o Espírito. Não desprezeis profecias: julgai todas as coisas, retende o que é bom.’ Versos 19-21. E no verso 23 ele ora para que aqueles mesmos que assim tivessem de lidar com ‘profecias’ fossem conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda do Senhor. Em vista destas considerações, não temos razões suficientes para crer que o dom de profecia será manifestado na Igreja nos últimos dias, e que por meio dele será comunicada muita luz, e transmitidas muitas instruções oportunas?” ([White, 2018, p. 24-28](#)). Ou seja, enquanto o ser humano não se

comunica novamente com Deus face a face, faz-se necessária a continua comunicação de Deus com seu povo por meio do dom profético, validando as manifestações recebidas por Ellen White.

Existe também, um outro fator que relaciona o dom profético com as profecias de tempo. Desde que há mundo, Deus atua através do tempo para cumprir seus desígnios e estabelece períodos para agir em favor de seu povo e julgar os pecadores. A seguinte tabela mostra que sempre no fim de um período de tempo Deus levanta um profeta para direcionar o povo da aliança nesta nova fase do plano da salvação:

## 5. Padrão Profético nas Profecias de Tempo<sup>8</sup>

CRIAÇÃO	Atos de Deus na História	Dilúvio	Êxodo	Exílio	1ª Vinda de Cristo	2ª Vinda de Cristo	NOVA CRIAÇÃO
	Período	A vida de Matusalém (120 anos)	430/430 anos (1875/1845 AC — 1445 AC)	70 anos (605-536 AC)	70 semanas de anos = 490 anos; (457 AC-34 DC)	2300 anos (457 AC-1844 DC)	
Profeta Inicial	Enoque (Jd 14; Gn 5:21-27; 7:6)	Abraão (Ex 12:40-41, Gl 3:17 (430) Gn 15:13, At 7:6 (400))	Jeremias (Jr 25:11-12; 2 Cr 36:19-23)		Daniel (Dn 9:24-27; Ed 7:1, 8, 9, 25-26; Lc 3:1; 4:21; Mc 1:14-15)	Daniel (Dn 7:9-14; 8:14; 9:24-27; Lv 23; Hb 8 e 9)	
Profeta Final	Noé (Gn 6:3, 7, 8, 17; 7:4)	Moisés	Daniel 9:2 (Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias)	João Batista, Jesus Cristo, Pedro, Estêvão (Mt 11:7-11; Lc 24:19, At 2; 6:8; 8:1, 4, 5, 26-27)	Ellen G. White (Jl 2:28-29; Ef 4:1113; Ap 12:17; 14:12; 19:10; 22:9; 1:9-10; Jo 16:13-14)		
Atraso	7 Dias (Gn 7:4, 10-12)	40 anos no deserto (Nm 14:34)	3 ½ intervalos de um ano entre a unção de Jesus, a crucificação e o evangelho aos gentios no final de 70 semanas (Dn 9:24-27)	Intervalos de 3 anos e meio entre a unção de Jesus, a crucificação e o Evangelho aos gentios no final de 70 semanas (Dn 9:24-27)	Cristo não veio até a missão se cumprir (Mt 24:14, 36; Mc 4:26-29)		
Movimento	Salvos na Arca	Povo de Israel	Israel Restaurado	Igreja Cristã	Movimento Adventista		

<sup>8</sup> Adaptado de MOON, J. **The Pattern of Prophecy in relation to the Great Acts of God in History**. February, 2006. Disponível em: [https://www.andrews.edu/~jmoon/Documents/GSEM\\_534/Class\\_outline/16a.pdf](https://www.andrews.edu/~jmoon/Documents/GSEM_534/Class_outline/16a.pdf)

A partir desta tabela, é possível perceber que, no fim de cada período profético, há um profeta levantado por Deus para dirigir seu povo. Muitas manifestações proféticas ocorreram em todos os tempos, e especialmente atualmente com o crescimento dos movimentos carismáticos e pentecostais, mas o padrão segundo a Bíblia para discernir a legitimidade de um profeta é se o ensino dele está de acordo com a lei de Deus (conf. Is 8:20 e Ap 12:17). A relação dos profetas e a lei de Deus foi um marco que fundamentou a crença dos pioneiros no dom profético de Ellen White, pois, segundo Apocalipse 12:17, o povo que seria fiel a Deus no tempo do fim, após o fim dos 1.260 anos de perseguição papal (538-1798) e 2.300 anos de Daniel 8:14 (457 AC-1844 DC) são aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” que é o “Espírito de Profecia” (Ap 12:17 e 19:10), indicando que a Igreja do tempo do fim lembraria tanto o mundo a respeito da obediência aos dez mandamentos de Êxodo 20 mas que também receberia em seu meio o dom de profecia. O ministério de Ellen White cumpre tanto o requisito do tempo profético como do ensino a respeito da lei de Deus, especialmente quanto ao dia de descanso sabático que não estava sendo lembrado pelos cristãos protestantes do século XIX.

A função dos profetas que surgem após Moisés (que escreveu a Torah/Lei/Pentateuco) é aplicar os princípios da revelação anterior segundo a necessidade do povo em seu tempo presente. Sendo assim, Ellen não ensinou novas doutrinas, mas aplica os princípios da Bíblia a seu tempo. Ela escreveu que “o fato de que Deus revelou Sua vontade aos homens por meio de Sua Palavra não tornou desnecessária a contínua presença e direção do Espírito Santo. Ao contrário, o Espírito foi prometido por nosso Salvador para esclarecer a Palavra a Seus servos, iluminando e aplicando seus ensinos.” ([White, 2021, p. 8](#)). Ou seja, os dons do Espírito são uma marca para identificar a igreja verdadeira desde os dias de Moisés e, especialmente, após o Pentecostes em Atos 2.

Portanto, nos escritos de Ellen White, não se encontram novas doutrinas ou ensinamentos, mas a aplicação de princípios bíblicos que, devido a negligência de estudo às trevas morais do período medieval, foram esquecidos. Como ela mesmo afirmou: “os testemunhos não estão destinados a comunicar nova luz; e sim, a imprimir fortemente na mente as verdades da inspiração que já foram reveladas” ([White, 1948, p. 382, 383](#)). Ellen G. White apoiava a necessidade de interpretar cuidadosamente as Escrituras e não depender de seus escritos para formular doutrinas. Em vez de elevar seus próprios escritos como a chave interpretativa das Escrituras, ela repetidamente apontou para a Bíblia como

a norma autoritária para interpretar a si mesma e se recusou a usar seus escritos como um atalho para o estudo sério da Bíblia ([Hasel, 2020, p. 375](#)).

No ano de 1851 Tiago White (1851, p. 70), um proeminente escritor e um dos líderes do movimento, já afirmava que a Bíblia “é nossa regra de fé e prática”, sendo que o dom de profecia tinha um objetivo diferente, de “corrigir, reavivar e curar os que erram”, levando-os de volta para os ensinos da Bíblia. Ellen nos seus primeiros anos de ministério, escreveu: “Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos “últimos dias”; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica” ([White, 1851, p. 64](#)).

Nos primeiros anos do movimento adventista sabatista pós 1844, então, é possível observar que Ellen White não exerceu influência direta sobre as descobertas doutrinárias da igreja recém-formada. Na década de 1840, [Levtarov \(2017, p. 291-297\)](#) afirma que os adventistas aceitaram o dom profético de Ellen White baseado em quatro motivos: 1) seus ensinos eram confirmações de doutrinas bíblicas e não novas formulações doutrinárias; 2) há diversas promessas nas escrituras de manifestações do Espírito Santos para a igreja dos últimos dias; 3) sua obra produzia bons frutos, unidade e harmonia para o grupo adventista e 4) a existência de muitos falsos profetas surgindo na América indicava que só há contrafações onde há um dom verdadeiro sendo manifestado, uma vez que não há necessidade de ser falsificar algo que não existe.

Por isso, mesmo que os adventistas do sétimo dia não vejam diferença de natureza, autoridade ou caráter entre a inspiração de Ellen White em comparação com os escritores da Bíblia, pois o mesmo Espírito inspirou a ambos os profetas, a igreja comprehendeu que existe uma diferença entre o papel e a função da Bíblia e seus escritos dos profetas não canônicos. Os adventistas compararam os escritos dela aos dos profetas não canônicos, como Enoque, Hulda, Débora, Miriã, Elias, Eliseu, Natã, Gade, Aias, Ido, João Batista e outros profetas do NT, que não escreveram porções da Bíblia, mas levaram a mensagem de Deus para um tempo específico da história ([Burt, 2017, p. 329](#)). Deus sempre se comunicou com seu povo, do Éden perdido até o Éden restaurado e não seria diferente nos últimos dias, quando muitos enganos haveriam de sobrevir sobre os habitantes do mundo. Neste ano se comemoram 180 anos do grande desapontamento e o recebimento do dom profético por parte de Ellen White para guiar o povo remanescente de volta às Escrituras. Que a próxima década a ser comemorada desde o desapontamento ocorra no céu e não mais neste mundo de pecado.

## 6. Referências Bibliográficas

- BLISS, S. **Memoirs of William Miller**: Generally Known as a Lecturer on the Prophecies, and the Second Coming of Christ. Boston, MA: Himes, 1853.
- CANALE, F. **Basic Elements of Christian Theology**. 1. ed. Andrews University Lithotech.: 2005.
- CROSIER, O. L. **Day-Star Extra**, fev. 07, 1846, p. 37-44.
- DAMSTEEGT, P. G. **Foundations of the Seventh-day Adventist message and mission**. 3. ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1981.
- DAMSTEEGT, P. G. **God's Perspectives on Health**. In: The Journal of Health & Healing, Faculty Publications, 1996. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/church-history-pubs/89>. Acesso em: 08 mar. 2022.
- FROOM, L. E. **THE PROPHETIC FAITH OF OUR FATHERS VOLUME I**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1950.
- FROOM, L. E. **THE PROPHETIC FAITH OF OUR FATHERS VOLUME III**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1946.
- FROOM, L. E. **THE PROPHETIC FAITH OF OUR FATHERS VOLUME IV**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1954.
- GAUSTAD, E. S., ed. **The Rise of Adventism**: Religion and Society in Mid-Nineteenth-Century America. New York: Harper and Row, 1975.
- HARRISON, J. F. C. **The Second Coming**: Popular Millenarianism, 1780-1850. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1979.
- HASEL, F. **Biblical Hermeneutics**: An Adventist Approach. Pacific Press Publishing Association, 2020.
- HIMES, J. V.; LITCH, J. **Signs of the Times and Expositor of Prophecy** [Himes], vol. 3 (April 6 to September 14, 1842). Boston: Office No. 14 Devonshire Street, 1842.
- KNIGHT, G. R. **A Search for Identity**: The Development of Seventh-day Adventist Beliefs. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.
- LEHMANN, R. P. **O Remanescente no Apocalipse**. In: RODRIGUEZ, Á. M. (Org.). Teologia do remanescente: uma perspectiva eclesiológica Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- LEVTEROV, T. **Os Primeiros Adventistas e o Dom de Profecia de Ellen G. White**. In: TIMM, A. R.; ESMOND, D. N. (Org.). Quando Deus fala: o dom de profecia na Bíblia e na história. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

LITCH, J. Probability of the Second Coming, p. 157; **Signs of the Times**, Aug. 1, 1840, p. 70.

LOUGHBOROUGH, O. **O Grande Movimento Adventista**. Jasper, Oregon: Adventist Pioneer Library, 2014.

MAXWELL, M. **A Brief History of Adventist Hermeneutics**. Journal of the Adventist Theological Society, v. 4, n. 2, 1993.

MASON. **Two Essays on Daniel's Prophetic Number**, p. 23.

MILLER, W. **Apology and Defence**. Boston, MA: No. 14 Devonshire St., 01 de ago. 1845. Disponível em: <https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/12/William-Millers-Apology-and-Defence-August-1.pdf>.

NUÑEZ, S. **The Vision of Daniel 8**: interpretations from 1700 to 1900. Andrews University Seminary Doctoral Dissertations Series, v. 14. Berrien Springs: Andrews University Press, 1987.

REIS, D. A Crise Identitária e a Carismatização do Adventismo. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 10, n. 1, p. 11–30, 2016. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/666>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SCHWARZ, R. W. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016.

TEIXEIRA, C. F. **Os princípios macro hermenêuticos do santuário celestial e suas implicações – Parte I**. Theologika, v. 35, n. 1, jul. 2020.

TEIXEIRA, C. F. **O Método Alegórico**. Reflexus, Ano 15, n. 25, 2021.

TIMM, A. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas**: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. 7. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2018.

WHITE, A. **Mulher de Visão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito**. 44. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas**. 16. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**, v. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1948.

WHITE, E. G. **A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White**. Saratoga Springs, NY: Tiago White, 1851.

**WHITE, J. Life incidents, in connection with the Great Advent Movement, as illustrated by the Three Angels of Revelation 14.** Jasper, OR: Adventist Pioneer Library, 2017.

**WHITE, J. Sketches of The Christian Life and Labors of William Miller.** Steam Press, Battle Creek, MI, 1875.

**WHITE, J. The Gifts of the Gospel Church,** Review and Herald, 21 abr. 1851.

**ZUKOWSKI, S, S. Ellen G. White:** seu impacto hoje. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017.

## O Derramamento da Chuva Serôdia em Joel 2:23, 28-32: Estudo Escatológico à Luz do Contexto Histórico-bíblico e dos Escritos de Ellen G. White

---

Eduardo Pietrafessa Miranda Filho<sup>1</sup>  
Matheus Brito Fonseca<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga a dimensão escatológica de Joel 2:23, 28-32 à luz do contexto histórico bíblico e dos escritos de Ellen G. White. Fundamentado na Teoria do 7º Século para datação de Joel e na análise da estrutura literária simétrica do livro, o estudo demonstra que a promessa da chuva serôdia funciona como tipo da restauração espiritual escatológica. A exegese revela que o derramamento do Espírito sobre toda carne transcende o contexto agrícola palestino, apontando para manifestação pneumatológica bifásica: cumprimento parcial no Pentecostes como chuva temporânea e cumprimento pleno nos eventos finais como chuva serôdia. A interpretação de Ellen G. White estabelece paralelismo entre as chuvas palestinas e as manifestações do Espírito Santo, identificando requisitos espirituais para o recebimento da chuva serôdia, como santificação, unidade eclesiástica e arrependimento profundo.

**Palavras-chave:** Joel 2:28-32; Chuva serôdia; Derramamento do Espírito Santo; Ellen G. White; Escatologia adventista.

**Abstract:** This article investigates the eschatological dimension of Joel 2:23, 28-32 in light of the biblical historical context and Ellen G. White's writings. Based on the 7th Century Theory for Joel's dating and analysis of the book's symmetrical literary structure, the study demonstrates that the latter rain promise functions as a type of eschatological spiritual restoration. Exegesis reveals that the outpouring of the Spirit upon all flesh transcends the Palestinian agricultural context, pointing to a biphasic pneumatological manifestation: partial fulfillment at Pentecost as early rain and complete fulfillment in final events as latter rain. Ellen G. White's interpretation establishes parallelism between Palestinian rains and Holy Spirit manifestations, identifying spiritual requirements for receiving the latter rain, such as sanctification, ecclesiastical unity, and deep repentance.

**Keywords:** Joel 2:28-32; Latter rain; Outpouring of the Holy Spirit; Ellen G. White; Adventist eschatology.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [eduardo.filho@unasp.edu.br](mailto:eduardo.filho@unasp.edu.br)

<sup>2</sup> Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [matheus.bfonseca@unasp.edu.br](mailto:matheus.bfonseca@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

O livro profético de Joel apresenta-se como resposta divina a uma catástrofe nacional: a devastadora praga de gafanhotos e a seca que comprometeram a economia agrária de Judá e ameaçaram as ofertas diárias no Templo. Nesse contexto de crise, o profeta Joel convoca o povo ao arrependimento coletivo e proclama uma das mais significativas promessas pneumatológicas das Escrituras: o derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne (Jl 2:28-32). A profecia sobre a chuva temporânea serôdia em Joel 2:23, desenvolvida nos versículos 28-32, transcende seu contexto agrícola palestino para configurar-se como promessa central da economia salvífica.

O apóstolo Pedro, recorreu a Joel 2:28-32 para autenticar a experiência da igreja nascente durante o Pentecostes. Contudo, o cumprimento em Atos 2 não esgotou a profecia do oráculo de Joel, permanecendo pendentes os sinais cósmicos associados ao "grande e terrível Dia do Senhor". Esta tensão entre cumprimento inaugural e consumação futura caracteriza o caráter bifásico da profecia. No contexto da teologia adventista, Ellen G. White desenvolveu compreensão escatológica fundamentada na tipologia agrícola de Joel, estabelecendo paralelismo entre as chuvas palestinas e as manifestações do Espírito Santo.

O presente artigo propõe-se a investigar a dimensão escatológica de Joel 2:23, 28-32 à luz do contexto histórico bíblico e dos escritos de Ellen G. White. Serão analisados o contexto bíblico e histórico de Joel para esclarecer a compreensão do texto estudado, uma exegese de Joel 2:23, 28-32 e sua intertextualidade com Atos 2, revisar os escritos de Ellen G. White que citam o texto estudado e condensar sua interpretação escatológica da passagem. A metodologia empregada fundamenta-se na análise exegética com enfoque hermenêutico histórico-gramatical e uma revisão bibliográfica dos escritos de Ellen G. White.

## 2. Datação de Joel e Contexto Histórico Cultural

A data e o período histórico vividos pelo profeta Joel são temas amplamente discutidos na academia, sob diversas abordagens. Existe uma grande variação de datas propostas, [Hubbard \(1989\)](#) sugere que elas abrangem cerca de setecentos anos, desde o início do século IX a.C. até o período macabeu (c. 175 a 164 a.C).

Existem várias teorias possíveis para a datação de Joel. A Teoria do 9º Século remete e situa o livro no período da juventude de Joás (c. 835–825 a.C.), o que ajudaria a explicar a ausência de menção a um monarca. O Comentário Bíblico Adventista salienta esse detalhe:

Além disso, pensa-se que seu ministério foi exercido durante os anos que o sumo sacerdote Joiada (a partir de 835 a 796 a.C.)<sup>3</sup> atuou como regente do infante rei Joás (2Rs 11:17-12:2), e esse fato explicaria por que o rei não é mencionado em parte alguma do livro, ao passo que, nesse mesmo período, existia o serviço do templo. ([2011, p. 7, acréscimo nosso](#)).

Defensores dessa teoria também observam a condenação de inimigos como Tiro, Sidom, Filístia, Jônios, Egito e Edom, mas a ausência de menção à Assíria, à Babilônia ou à Pérsia ([Hubbard, 1989](#)). Hubbard destaca, em sua pesquisa, outros estudiosos que sugerem um período entre aproximadamente 630 e 500 a.C., pouco antes ou logo após o exílio, em harmonia com os paralelos existentes entre Joel e profetas como Sofonias, Jeremias, Ezequiel e Obadias ([Hubbard, 1989](#)).

A Teoria do 7º Século situa a composição do Livro de Joel no século VII a.C., posicionando o profeta no período pré-exílico tardio, anterior à queda definitiva diante da Babilônia, geralmente entre 630 e 600 a.C. ([Lasor, Hubbard, Bush, 1999](#)). Essa teoria é considerada uma proposta intermediária e promissora entre as diversas hipóteses cronológicas apresentadas pela academia.

Essa datação é justificada pela harmonia com os paralelos encontrados nas obras de outros profetas do final do século VII e VI a.C., como Sofonias, Jeremias e Ezequiel. Sofonias, por exemplo, é situado no reinado de Josias (640–609 a.C.), firmemente no século VII ([Walton, Matthews, Chavalas, 2016](#)).

Diversas datas têm sido propostas para a redação do livro de Joel. A datação adotada neste artigo segue a Teoria do 7º Século, conforme o Comentário Bíblico Adventista, que indica que o livro de Joel foi escrito durante o século VII a.C., em um período anterior à invasão babilônica. O Comentário apresenta a seguinte explicação:

---

<sup>3</sup> THIELE, E. R. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan/Kregel, 1983. p. 12

Esta teoria defende que o ministério de Joel parece se encaixar nos primeiros anos de Josias (a partir 640 a 609 a.C.)<sup>4</sup>, quando o poderio assírio se aproximava de seu fim e a Babilônia ainda era um reino fraco. ([2011, p. 7, acréscimo nosso](#)).

Durante o século VII a.C., o Império Assírio entrava em declínio após a morte de Assurbanípal (c. 627 a.C.), e a Babilônia, sob Nabopolassar, começava a emergir. Esse contexto de transição de impérios cria o pano de fundo para a mensagem de Joel, que adverte sobre o “Dia do Senhor” (*יום יהוה*, *Yom YHWH*) como julgamento iminente sobre Judá e as nações ([Walton; Matthews; Chavalas, 2016, p. 988](#)).

No cenário desse contexto, pouco se sabe sobre o profeta Joel. Há indícios de que ele possuía algum vínculo oficial com o templo (Jl 1:9, 13, 16; 2:14-17, 32) pois suas profecias revelam familiaridade com as práticas e fórmulas litúrgicas utilizadas no culto ([Hubbard, 1989](#)). Joel dirige suas mensagens aos habitantes de Jerusalém e de Judá; seu horizonte estava limitado à região em torno da cidade santa ([Treves, 1957](#)). O livro demonstra um profundo interesse por Jerusalém, bem como pelo monte Sião, apresentado como o lugar da habitação de YHWH ([Hubbard, 1989](#)).

Inicialmente há um anúncio de desastre, uma devastadora praga de gafanhotos, e essa crise imediata leva a pregação de Joel a acontecer. Conforme aborda Hubbard, a calamidade afetou todos os aspectos da vida, ameaçando as ofertas diárias no templo. O livro convoca o povo ao arrependimento (Jl 1:13-20; 2:12-17) e à humildade no templo como única esperança de livramento ([1989, p. 21](#)).

A crise dos gafanhotos e da seca ocorreu em um período de fragilidade nacional e desafio espiritual ([Hubbard, 1989](#)). Nesse contexto, o povo estava profundamente envolvido no culto do Templo ([Treves, 1957](#)), cuja atividade e fórmulas litúrgicas eram familiares ao profeta.

A catástrofe agrícola (a praga de gafanhotos e a seca) causou severa devastação, que não era hiperbólica, mas real ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)), e impediu a apresentação das ofertas de cereais e libações, o que era a maior calamidade para o povo, pois suspendia a relação da aliança e a comunhão com Deus. Essa catástrofe serviu como um aviso urgente de juízo divino, pois a praga era entendida como um castigo pelo descumprimento dos mandamentos de Deus, a desobediência ([Treves, 1957](#)), sendo os gafanhotos o

---

<sup>4</sup> THIELE, E. R. *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan/Kregel, 1983. p. 12

"grande exército" enviado por YHWH para julgar uma nação. Joel via a praga como um meio divino de correção e purificação do culto e do povo ([Hubbard, 1989](#)).

Em síntese, o livro de Joel reflete uma conjuntura de crise espiritual e social em Jerusalém. Contudo, como bem observa Lasor, Hubbard e Bush: "felizmente, a mensagem de Joel não depende da data" ([1999, p. 407](#)). Assim, independentemente da cronologia exata de sua composição, a profecia aponta para a necessidade constante de arrependimento e restauração. Sua mensagem transcende o tempo histórico, proclamando que o "Dia do Senhor" representa tanto o juízo divino quanto a esperança de renovação para o povo de Deus.

### 3. Análise da Estrutura Literária e de sua Simetria em Joel 1-2

A primeira metade do livro de Joel (1:2–2:17) é amplamente reconhecida nas fontes como uma unidade dramática que trata da "Praga de Gafanhotos" e do "Dia do Senhor" ([Hubbard, 1989](#)). Alguns estudiosos, como Wolff e Schwesig, veem esta seção (1:1–2:17) como o primeiro movimento principal do livro, denominado "Lamentação", ou a "Profecia Profética" propriamente dita ([McQueen, 2009, 13](#)).

A busca por simetria e paralelismo é uma característica marcante na análise de Joel. A estrutura de repetição que Joel propõe: "(1) Anúncio de Desastre", "(2) Chamado ao Arrependimento" e "(3) Atos de Arrependimento" é um modo de dar forma a essa unidade, preparando a transição crucial para a Resposta de Deus que começa em 2:18 ([Wolff, 1977](#)).

#### 3.1 Primeira Sessão (1:1–2:1)

Essa unidade literária pode ser dividida em três partes: os versículos 1:1–12 apresentam o (1) Anúncio de Desastre, caracterizando a devastação da praga de gafanhotos e da seca, eventos cuja memória deve ser transmitida às gerações futuras. A calamidade comprometeu a economia agrária e ameaçou as ofertas diárias no Templo (cereais, vinho novo e azeite). A praga é comparada a uma "nação" („גּוֹי goy)<sup>5</sup> poderosa e inumerável que invade a terra no versículo 6, conforme detalhado em 2:2-4 ([Seitz, 2016](#)).

---

<sup>5</sup> „גּוֹי (goy), um uso **metafórico e personificador**, aplicado ao **enxame de gafanhotos**. A palavra, normalmente reservada para povos e nações, intensifica a dimensão militar e teológica da praga, apresentando-a como um agente organizado do juízo divino. (Dicionário Bíblico Strong, Nova Concordância Strong Exaustiva, 2002, grifo nosso)

O verdadeiro “inimigo nacional” de Judá não é uma nação estrangeira, mas o próprio juízo de Deus.

Os versículos 1:13-18 compõem a segunda parte, o (2) Chamado ao Arrependimento. Nessa perícope são apresentados imperativos dirigidos aos sacerdotes: que se cingissem (*הִנְצַר, higrû*) de pano de saco e santificassem um jejum (*קָדֵשׁ, qadšû*)<sup>6</sup>, convocassem (*קִרְעָה, qir'âh*) uma assembleia solene. Frequentemente os versículos 1:15–18 são interpretados como o clamor ou a justificativa para o jejum, relacionando o sofrimento presente ao Dia do Senhor ([Seitz, 2016](#)). Essa conexão reforça o caráter teológico e espiritual da crise, situando o desastre não apenas como evento natural, mas como manifestação do juízo divino iminente.

A sessão se conclui nos versículos 1:19-2:1 com a terceira parte, os (3) Atos de Arrependimento, na qual o profeta encerra a descrição da calamidade inicial com um clamor individual ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)). Este é um ato de intercessão, no qual Joel clama ao Senhor por causa do fogo e da seca ([Treves, 1957](#)). O toque da trombeta em Sião (Jl 2:1) funciona como um sinal de alerta, demarcando a iminência do Dia do Senhor. Embora esse toque também possa introduzir o ciclo seguinte, ele encerra de maneira enfática esta primeira sessão, intensificando o avanço temático da obra e retomando o anúncio inaugural do Dia do Senhor já indicado em 1:15 ([McQueen, 2009](#)).

A análise dessa primeira sessão revela que Joel estrutura o desastre não como um fim em si mesmo, mas como um meio pedagógico para restaurar a consciência teológica do povo. Ao entrelaçar calamidade, convocação e intercessão, o profeta transforma a crise em um chamado ao discernimento espiritual, mostrando que o verdadeiro perigo não é a praga em si, mas a incapacidade de reconhecer a aproximação do Dia do Senhor.

### 3.2 Segunda Sessão (2:2–2:17)

A segunda unidade literária, em simetria com a primeira, também se subdivide em três partes. A ideia introdutória, nos versículos 2:2-11, constitui o (1) Anúncio de Desastre, apresentando a descrição do exército de destruição, entendido como a própria punição: o exército apocalíptico ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)). A profecia usa imagens

---

<sup>6</sup> *קָדֵשׁ* (qdš), em Joel 1:14, a ordem de “santificar um jejum” implica a preparação litúrgica e espiritual da comunidade para uma resposta adequada ao juízo divino. (Dicionário Bíblico Strong, Nova Concordância Strong Exaustiva, 2002)

poéticas vívidas para descrever os gafanhotos como um exército invasor futuro ([Troxel, 2015](#)). Trata-se de uma intensificação do juízo, na qual o Senhor é revelado como o agente que comanda esse exército e profere Sua voz em resposta a desobediência do povo.

Embora as metáforas militares sugiram uma invasão de exércitos humanos, e alguns estudiosos, como Stuart, E. B. Pusey<sup>7</sup> as interpretam como figuras das “invasões assírias ou babilônicas” ([Word Biblical Commentary, 1988, 233](#)), a maioria das interpretações sustenta que a praga literal de gafanhotos é o fundo constante e o referencial básico da destruição descrita em 2:2-11 ([Hubbard, 1989](#)), essa sessão finaliza com o juízo iminente, o anúncio de desastre que desolará o povo de Israel.

Os versículos 2:12-16 compõem o (2) Chamado ao Arrependimento na segunda sessão, onde o Senhor apela para que o povo se volte para Ele de todo o coração (2:16). Ao mesmo tempo que o apelo é urgente (**הַעֲגֹן**, wěgam ‘attâ - "ainda agora,") ([McQueen, 2009](#)), ainda é fundamentado na natureza compassiva e longâmiente de Deus.

Assim como na primeira sessão (1:13–18), aqui também surge um chamado ao arrependimento, agora ampliado: toda a comunidade é convocada, anciãos, adultos, jovens, crianças e até mesmo recém-casados (2:16). A inclusão de todas as faixas etárias e estados civis sublinha a natureza abrangente do arrependimento requerido: ninguém está dispensado quando a aliança está em risco ([Seitz, 2016](#)). É nesse ponto que o comentário do *Word Biblical Commentary* destaca a urgência, mostrando que há uma intensificação em comparação com a segunda parte da primeira sessão da convocação:

Os três imperativos do versículo 15 são aqui seguidos por mais quatro, além de um jussivo, NH” “**Que... saiam.**” As unidades métricas fluem rapidamente em um padrão métrico bastante **curto** e **entrecortado**, de modo que os versículos 15 e 16, no hebraico, dão ao ouvido a impressão de uma longa série de ordens rapidamente bradadas, como se dissesse: “**Pare tudo! Não perca tempo! Façam isso!**” ([v. 31, 1988, p. 253, tradução e grifo nosso](#)).

Esse estilo literário direto revela a urgência do momento. A rapidez das ordens reflete a proximidade do juízo e a brevidade da janela de oportunidade para o arrependimento. Deus intervém na história exigindo uma resposta imediata de toda a comunidade, que vai além de simples formalidades litúrgicas.

Concluindo a segunda unidade literária, a sessão finaliza com (3) Atos de Arrependimento. O versículo 2:17 é a súplica sacerdotal: **חִזְקָעْ לְעֵדָה יְהֻנָּה הַפְּתָח** (hûsâ YHWH

---

<sup>7</sup> E. B. Pusey chega a igualar os quatro tipos de gafanhotos com as sucessivas invasões da Assíria, Babilônia, Macedônia e Roma (**The Minor Prophets**. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.)

‘al ‘ammekā<sup>8</sup> - “Poupa, Senhor, o Teu povo”) um clamor coletivo que precede imediatamente o oráculo de salvação (2:18–27) de Deus ([Word Biblical Commentary, 1988](#)). Os sacerdotes e ministros devem chorar, clamar em resposta ao arrependimento entre o pórtico<sup>9</sup> do templo e o altar, implorando para que o Senhor poupe Seu povo para que o nome de Deus não seja escarnecido pelas nações ([Walton; Matthews; Chavalas, 2016](#)).

A análise das duas sessões iniciais (1:13–18 e 2:1–17) revela um movimento teológico claro: diante da devastação iminente e do juízo intensificado, Deus convoca todo o povo a um arrependimento abrangente, urgente e profundamente comunitário ([Troxel, 2015](#)). Tanto na primeira quanto na segunda sessão, o anúncio de desastre, seguido pelo apelo ao retorno e pelos atos de contrição, estabelece o padrão profético de que a restauração divina é precedida por um clamor sincero e coletivo ([Word Biblical Commentary, 1988](#)), o que culmina na súplica sacerdotal ([Seitz, 2016](#)).

Essa volta completa para YHWH e a subsequente manifestação de Sua graça e misericórdia, que restaurou a vida da nação, representa o reavivamento do povo na época do profeta ([Hubbard, 1989](#)).

Essa dinâmica literária e teológica prepara o terreno para o ponto alto do livro: a resposta de Deus ao arrependimento (Jl 2:18), que se manifesta não apenas em restauração agrícola e social, mas na promessa de uma intervenção espiritual inédita ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)). É a partir desse eixo, juízo, arrependimento e resposta divina, que irrompe o tema central do restante do livro: a chuva serôdia, apresentada em Joel 2:23 e ampliada em 2:28-32 como símbolo da renovação escatológica, da presença do Espírito ([Troxel, 2015](#)) e da inauguração de um novo momento na história da salvação. As sessões constituem, portanto, a base indispensável para compreender o alcance, a profundidade e o propósito da promessa da chuva serôdia ([Seitz, 2016](#)).

---

<sup>8</sup> O verbo ḥm — hus significa ter compaixão, ter pena, poupar, olhar com misericórdia. É um verbo de raiz primitiva que literalmente carrega a ideia de “cobrir”, no sentido figurado de proteger com misericórdia. (Dicionário Bíblico Strong, **Nova Concordância Strong Exaustiva**, 2002)

<sup>9</sup> A área que ficava entre o pórtico e o altar era um lugar de acesso limitado. Somente o sacerdote teria motivo para entrar além do altar em direção ao templo. Mas era uma área também usada como cenário de importantes atos públicos. (Walton; Matthews; Chavalas. **Comentário Histórico-Cultural Da Bíblia**, 2016. p.986)

#### 4. Análise Exegética de Joel 2:23, 28-32

A exegese de Joel 2:23 situa o versículo no centro do prolongado oráculo de salvação (2:18–27), que surge como a resposta divina ao arrependimento sincero e coletivo do povo (2:12-17). A estrutura da perícope 2:18-27 lida com a restauração da sorte material e espiritual do povo de Judá ([Lira; Barros; Pereira, 2021](#)). Iniciando-se com uma exortação direta para que os "filhos de Sião" se alegrem e se regozijem, uma inversão total do luto e da humilhação anteriores, e que é imediatamente seguida pela conjunção (יְ, kī), que introduz o motivo da ação de Deus (chuva temporâ e a serôdia) ([Word Biblical Commentary, 1988](#)).

Um dos pontos exegéticos de maior complexidade reside na expressão לִזְרָקָה הַמֹּרֶה (hamôreh lits'dâqâ). O termo *hamôreh*<sup>10</sup> carrega uma ambiguidade semântica entre "a chuva temporâ" (referente à chuva de outono, essencial para a semeadura) e "o ensinador" ou "o mestre". Embora tradições como a Vulgata (*doctorem iustitiae*) e a comunidade de Qumran tenham optado por uma leitura messiânica de um "Mestre de Justiça" ([Word Biblical Commentary, 1988](#)), no contexto imediato, a profecia da chuva literal atua como tipo para o antítipo espiritual ([Troxel, 2015](#)). A chuva material em 2:23 é o prelúdio indispensável para a intervenção escatológica ([Troxel, 2015](#)), sinalizando que as bênçãos não se restringem à agricultura, mas apontam para as vindouras "chuvas do Espírito" ([Lira; Barros; Pereira, 2021, p. 210](#)). Embora a possibilidade de tradução possa indicar הַמֹּרֶה לִזְרָקָה (hamôreh lits'dâqâ) como "ensinador de justiça", esse não será o foco exegético principal do contexto imediato do artigo.

É em Joel 2:28-32 que essa intervenção rompe as barreiras temporais. A promessa do derramamento do Espírito sobre "toda a carne" ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)) inaugura a era messiânica, cumprindo o anseio mosaico pela democratização do Espírito (Nm 11:29) e abrangendo todas as classes sociais ([Luna, 2018](#)). Contudo, a função desta profecia é eminentemente escatológica. O derramamento do Espírito não é um fim em si mesmo, mas o sinal precursor do "grande e terrível Dia do Senhor" (v. 31).

---

<sup>10</sup> O termo hebraico מֹרֶה (môreh) é um homônimo. Em sua acepção traduzida como 'chuva temporâ' (em substituição ao termo mais comum, yôreh), ocorre apenas três vezes no Texto Masorético: duas vezes em o termo aparece em Jl 2:23 e uma vez em Sl 84:6. Nas demais ocorrências no AT (ex: Gn 12:6; Is 30:20), o termo assume o sentido de 'mestre', 'ensinador' ou localidade, o que fundamenta a discussão exegética sobre a ambiguidade intencional do profeta." ([Hubbard, 1989, p.73, tradução nossa](#))

Joel conecta intencionalmente a efusão do Espírito aos sinais cósmicos: "prodígios no céu e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaça" (v. 30). Estes não são meras hipérboles poéticas, mas o vocabulário teofânico do Juízo Final. Conforme observa Larry McQueen:

O dia do juízo foi associado ao fogo, ecoando a visão de Joel sobre o exército de Yahweh (Joel 2:3, 5) e os sinais do Dia de Yahweh (Joel 2:30). [...] Por um lado, **estava ligado aos sinais e maravilhas que anunciariam o Dia do Senhor**. Por outro lado, tornou-se um dos sinais e maravilhas da irrupção salvífica de Deus. ([2009, p. 67, tradução e grifo nosso](#)).

O fogo e os sinais associam a irrupção salvífica de Deus ao contexto de guerra santa e julgamento universal. [Hubbard \(1996\)](#) nota que tais sinais aludem às pragas do Êxodo, sugerindo que, assim como no passado, os eventos finais envolverão uma distinção clara entre juízo para os ímpios e libertação para o povo de Deus.

O clímax da perícope ocorre no versículo 32, com a promessa de livramento para "todo aquele que invocar o nome do Senhor". No contexto de *yôm YHWH*, "invocar" implica uma lealdade pactual exclusiva e arrependimento profundo. A salvação prometida é para os "sobreviventes" (בָּשָׁרִידִים - *sarîdîm*), um remanescente que, fortalecido pelo Espírito, escapa da catástrofe universal ([Hubbard, 1989](#)). Portanto, a pneumatologia de Joel é inseparável de sua escatologia: o Espírito é o agente divino que sela e preserva o remanescente em meio ao juízo final.

No Novo Testamento, essa profecia é enquadrada no contexto do Dia do Senhor Jesus Cristo, associado à Sua segunda vinda como juiz. O derramamento do Espírito aumenta a urgência para a conversão ([McQueen, 2009](#)).

## 5. O Cumprimento Parcial em Atos 2

A interpretação do discurso de Pedro em Atos 2 constitui o ponto nevrálgico para a compreensão neotestamentária da profecia de Joel 2:23, 28-32 e, conforme observa o *Word Biblical Commentary*, trata-se de uma das nove ocorrências<sup>11</sup> em que essa passagem é retomada no Novo Testamento ([1988](#)). A escolha dessa profecia pelo apóstolo é interessante: diante da perplexidade dos judeus com o fenômeno do dom de línguas, Pedro recorre ao Antigo Testamento para autenticar a legitimidade do evento. De acordo com

---

<sup>11</sup> Mt 24:29; Mc 13:24–25; Lc 21:25; At 2:17–21, 39; 21:9; 22:16; Rm 10:13; Tt 3:6; Ap 6:12.

Miguel Luna, a própria estrutura literária de Joel reflete a mensagem de Pedro e do próprio ministério de Cristo:

Pedro inicia sua explicação citando Joel. A estrutura de Joel — arrependimento (2:12-27), derramamento do Espírito (2:28-30) e o Dia do Senhor (2:31-32) — fornece o arcabouço para seu discurso. Essa sequência reflete também o padrão tipológico das festividades e do ministério de Cristo: mensagem de arrependimento, ministério salvífico e juízo final. ([2018, tradução nossa](#))

Ao citar Joel, o apóstolo estabelece equivalência entre a experiência presenciada e a promessa divina do derramamento do Espírito, fornecendo ao público uma chave interpretativa aceita e respeitada ([Veloso, 2010](#)).

No entanto, Pedro não faz uma interpretação completa do oráculo de Joel. O contexto profético abrange elementos cósmicos e escatológicos, como o sol escurecido, a lua em sangue e sinais de fogo e fumaça, os quais não se fizeram presentes no Pentecostes. Richards destaca que, mesmo na ausência desses sinais, a aplicação de Pedro não requer a conformidade total da visão ([2008](#)). Dessa forma, o apóstolo escolhe e utiliza apenas a parte da profecia que está em sintonia com a experiência sobrenatural que presenciam.

A interpretação parcial de Pedro evidencia que, para ele, a vinda de Cristo inaugurara os “últimos dias”, compreensão compartilhada pelo restante do Novo Testamento (Hb 1:2; 9:26; 1Co 10:11; 1Pe 1:20) e destacada pelo Tratado de Teologia Adventista:

Da mesma maneira que os primeiros cristãos, Pedro achava que a primeira vinda de Cristo assinalava o início dos últimos dias (Hb 1:2; 9:26; 1Co 10:11; 1Pe 1:20) e aplicava a profecia de Joel à experiência do Pentecostes (At 2:16-21), associando o dom de profecia com o dom de línguas. A profecia de Joel sobre o dom profético vindouro se situa no contexto das chuvas temporâneas e serôdias (Jl 2:23-32). ([Rice, 2011, p. 699](#)).

Nesse sentido, o apóstolo comprehende que a promessa de Joel, ao menos em algum aspecto, começava a se cumprir. Keener confirma esse ponto ao observar que Pedro reinterpreta o “depois” de Joel 2:28 como “nos últimos dias”, concluindo que a era messiânica já havia se iniciado, ainda que seu pleno cumprimento permanecesse futuro<sup>12</sup> ([Keener, 2014](#)).

---

<sup>12</sup> Pedro possivelmente emprega uma argumentação do tipo *qal va-homer*: se o Espírito já concedera aos discípulos o dom de falar em línguas que não conheciam, quanto mais poderia conceder dons proféticos ainda maiores ([Keener, 2014](#)).

Embora o apóstolo Pedro tenha identificado um cumprimento inicial no Pentecostes (At 2:17-21), ele manteve a tensão escatológica. O derramamento do Espírito inaugura os "últimos dias", mas os sinais cósmicos plenos de Joel 2:30-31 apontam para a consumação futura na Parousia ([McQueen, 2009; Luna, 2018](#)). Logo, a "chuva" do Espírito tem a finalidade de preparar um povo para subsistir a esses eventos finais.

Assim, a profecia possui caráter bifásico: um cumprimento inicial na inauguração da igreja e outro cumprimento futuro no contexto escatológico. Sobre o tema do duplo cumprimento, Veloso afirma:

A profecia, de acordo com a interpretação de Pedro, devia se cumprir em dois momentos específicos: nos últimos dias da nação israelita, como povo de Deus (ou início da igreja cristã) e antes do dia do Senhor, o dia do juízo final. O que estão presenciando é o primeiro cumprimento. [...] Entre esses dois momentos da história cristã, o primeiro derramamento do Espírito Santo (a chuva temporâ) e o segundo momento (a chuva serôdia) todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. A salvação vem por meio de Jesus; Ele é o Senhor. ([2010, p. 33,34](#))

À luz da teologia adventista, o Pentecostes é, portanto, tradicionalmente compreendido como o derramamento da chuva temporâ, cuja finalidade é inaugurar e fortalecer a missão cristã inicial. Do ponto de vista escatológico, Ellen G. White também distingue estes dois momentos do derramamento do Espírito. A autora afirma que “a igreja cristã iniciou sua existência orando pelo Espírito Santo” ([1908, p.8](#)). Comentando essa frase, Osgood escreveu: “como em seu início, assim terminará sua missão — orando pelo Espírito Santo” ([1973, p. 58, tradução nossa](#)).

Deste modo, a análise do Pentecostes à luz da profecia de Joel e da teologia adventista revela que Atos 2 apresenta um cumprimento parcial, inaugurando a “era do Espírito”, mas não exaurindo as promessas proféticas. É justamente essa perspectiva, fundamentada tanto no texto bíblico quanto nos escritos de Ellen G. White, que orientará a próxima seção deste artigo, dedicada a examinar o derramamento final do Espírito e seu papel na escatologia.

## 6. A Visão Escatológica Segundo Ellen G. White

Tendo estabelecido o cumprimento parcial registrado em Atos 2, será examinada a forma como Ellen G. White comprehende o cumprimento pleno e escatológico da profecia de Joel. Esta seção analisa a visão de White sobre a chuva serôdia como evento

escatológico, suas características distintivas, os requisitos para seu recebimento e seu posicionamento na cronologia adventista dos eventos finais.

### **6.1 O Cumprimento Duplo da Profecia de Joel: Fundamento Hermenêutico**

Ellen G. White estabelece de forma programática o princípio hermenêutico que orienta sua interpretação da profecia de Joel. Em “O Grande Conflito”, ela afirma categoricamente:

Esta profecia recebeu cumprimento parcial no derramamento do Espírito, no dia de Pentecoste. Mas atingirá seu pleno cumprimento na manifestação da graça divina que acompanhará a obra final do Evangelho [...] a grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início ([2021b, p. 8](#)).

Esta declaração revela dois aspectos fundamentais: (1) Primeiro aspecto, o reconhecimento de que o Pentecostes constituiu uma realização genuína, embora incompleta, da promessa de Joel; (2) Segundo aspecto, a expectativa de um cumprimento futuro mais abrangente e definitivo. A autora desenvolve essa compreensão estabelecendo um paralelismo entre o início e o final da dispensação evangélica, sugerindo que Deus opera segundo padrões consistentes que validam tanto o passado quanto o futuro da obra redentora.

White não propõe uma mera repetição histórica, mas intensificação escatológica. A autora emprega consistentemente linguagem comparativa que indica superação:

isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo [...] as profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporânea no início do evangelho, devem novamente cumprir-se na chuva serôdia, no final do mesmo ([2021b, p. 533-534](#)).

Esta perspectiva de ampliação progressiva revela que, embora estruturalmente semelhantes, os dois derramamentos diferem significativamente em magnitude, alcance e consequências históricas. A relação entre cumprimento parcial e pleno é de complementaridade orgânica, preservando a unidade teológica da promessa enquanto reconhece suas manifestações históricas distintas.

### **6.2 A Tipologia Agrícola: Chuva Temporânea e Serôdia como Estrutura Pneumatológica**

Este fundamento hermenêutico de duplo cumprimento encontra sua expressão mais elaborada na tipologia agrícola empregada por Ellen White. A autora desenvolve

sistematicamente a metáfora das chuvas palestinas como estrutura interpretativa para compreender a economia do Espírito Santo na história da salvação. Conforme explica:

No Oriente a chuva temporâ cai no tempo da semeadura. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota o tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O Senhor emprega essas operações da Natureza **para representar a obra do Espírito Santo** ([2008a, p. 423, grifo nosso](#)).

A chuva temporâ, correspondente ao Pentecostes, desempenha função primordialmente germinativa: "foi dada no início da pregação do evangelho para efetuar a germinação da preciosa semente" ([White, 2021b, p. 323](#)). Esta primeira manifestação do Espírito capacitou a igreja nascente, converteu milhares e estabeleceu os fundamentos da comunidade cristã, relacionando-se ao início da vida espiritual, à conversão inicial e ao estabelecimento da fé. Em contraste, a chuva serôdia desempenha função maturadora e consumadora: "será dada em seu final para o amadurecimento da colheita" ([White, 2021b, p. 323](#)). "A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do homem" ([2008a, p. 423](#)).

A interdependência entre as duas manifestações constitui aspecto crucial da tipologia de White. A experiência da chuva temporâ torna-se pré-requisito para o recebimento da serôdia: "a menos que a chuva temporâ haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará" ([2008a, p. 423](#)). White desenvolve ainda mais essa tipologia ao vincular as manifestações pneumatológicas ao desenvolvimento orgânico da vida espiritual. Citando Marcos 4:28, ela afirma: "Deve haver 'primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga'. Deve haver um desenvolvimento constante das virtudes cristãs, um avanço constante na experiência cristã" ([2008a, p.423](#)). Sobre a transformação do caráter no processo da salvação, White declara:

O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoadas no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo ([2008a, p. 423](#)).

Assim, a chuva serôdia não apenas capacita para missão, mas completa a obra de santificação, preparando o povo de Deus para os eventos futuros.

Quadro 1: Comparação Funcional entre Chuva Temporâ e Chuva Serôdia

Aspecto	Chuva temporâ	Chuva serôdia
<b>Momento Histórico</b>	Pentecostes (31 d.C.)	Eventos Finais
<b>Função Agrícola</b>	Germinação da semente	Amadurecimento do grão
<b>Função Espiritual</b>	Conversão inicial, estabelecimento da fé	Aperfeiçoamento final, preparação para a volta de Cristo
<b>Relação com a Igreja</b>	Nascimento da Igreja Cristã	Preparação final da Igreja Cristã
<b>Objetivo Missionário</b>	Proclamação inicial do Evangelho	Alto clamor, conclusão da obra
<b>Transformação</b>	Início da vida espiritual	Completude da santificação
<b>Interdependência</b>	Fundamento inicial necessário	Depende da experiência anterior

Fonte: Elaborado pelos autores com base em [White, 2008a; 2021b](#).

### 6.3 A Preparação Coletiva: Unidade, Arrependimento e Oração da Igreja

Ellen White enfatiza consistentemente a dimensão corporativa e eclesiológica da preparação para o derramamento final do Espírito Santo. Esta ênfase encontra fundamento no padrão estabelecido no Pentecostes, onde a manifestação divina seguiu-se a um período específico de pregar coletivo da comunidade apostólica: "a igreja cristã iniciou sua existência orando pelo Espírito Santo" ([1908, p. 8, tradução nossa](#)). White desenvolve essa compreensão ao detalhar a experiência dos discípulos:

Em obediência à palavra de seu Mestre, os discípulos retornaram a Jerusalém, e por dez dias oraram pelo cumprimento da promessa de Deus [...] Esse dez dias foram dias de profundo exame de coração. Os discípulos deixaram de lado todas as diferenças que haviam existido entre eles e se uniram em comunhão cristã ([1908, p.8, tradução nossa](#)).

A conquista da unidade emerge como requisito indispensável. White observa de forma enfática:

Observe que foi depois que os discípulos entraram em **perfeita unidade**, quando não mais disputavam o lugar mais elevado, que o Espírito foi derramado [...] Eles estavam em pleno acordo. **Todas as diferenças haviam sido deixadas de lado** [...] A multidão dos que creram era de um só coração e uma só alma [...] ([1908, p.9, tradução nossa, grifo nosso](#)).

A eliminação de disputas por prestígio, a renúncia à ambição egoísta e a submissão mútua constituem características marcantes da comunidade preparada para o Pentecostes. Aplicando esse padrão ao contexto escatológico, White descreve a igreja do tempo do fim:

Vi uma grande luz repousando sobre eles, e uniram-se destemidamente para proclamar a mensagem do terceiro anjo [...] O povo de Deus foi fortalecido pela excelente glória que sobre ele repousava em grande abundância e o preparou para suportar a hora da tentação ([2007, p. 277](#)).

O arrependimento profundo também constitui um elemento essencial:

A tristeza encheu seus corações ao pensarem em quantas vezes haviam entristecido seu coração de amor por sua incapacidade de compreender as lições que, para o bem deles, Ele havia estado tentando ensinar-lhes ([1908, p. 8, tradução nossa](#)).

A preparação coletiva, portanto, envolve elementos interconectados: (1) oração persistente, (2) arrependimento profundo, (3) exame de coração, (4) remoção de diferenças, (5) conquista de unidade e (6) renovação de compromisso missionário. Estes elementos não são opcionais nem periféricos, mas constituem o contexto eclesial apropriado para o recebimento do poder pentecostal escatológico. A igreja preparada para a chuva serôdia será caracterizada pela mesma unidade, humildade e dependência de Deus que caracterizou a igreja apostólica.

#### **6.4 Manifestações Fenomenológicas: Características do Derramamento Final Genuíno**

A igreja em unidade e oração torna-se o vaso adequado para manifestações extraordinárias do poder divino. Ellen White descreve com riqueza de detalhes as características específicas que distinguirão o derramamento escatológico do Espírito Santo. A primeira característica saliente do derramamento final é sua magnitude sem precedentes. White estabelece que "isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo" ([2021b, p. 323](#)). Referindo-se ao alto clamor, declara: "Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia-noite (a pregação millerita de 1844)" ([2007, p. 278, acréscimo nosso](#)).

Além disso, o derramamento escatológico será acompanhado por manifestações carismáticas visíveis que autenticarão a mensagem proclamada: "Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados" ([2021b, p. 534](#)). White especifica: "Grandes prodígios eram operados, doentes eram curados, e sinais e maravilhas seguiam aos crentes" ([2007, p. 278](#)), evocando a terminologia neotestamentária para intervenções divinas sobrenaturais.

White reconhece que essas manifestações ocorrerão em contexto de contrafação satânica: "Satanás também opera com prodígios de mentira, fazendo mesmo descer fogo do céu, à vista dos homens" ([2021b, p. 534](#)), estabelecendo que o período do alto clamor será caracterizado por confronto sobrenatural entre poder divino autêntico e imitações demoníacas.

Outra característica distintiva do derramento escatológico é a qualificação especial dos instrumentos humanos. Ellen White estabelece um princípio que inverte valores convencionais: "Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino" ([2021b, p. 529](#)). A inversão de expectativas manifesta-se de forma ainda mais radical na utilização de instrumentos improváveis:

Quando os seres celestiais virem que os homens não mais têm permissão de apresentar a verdade, **o Espírito de Deus virá sobre as crianças**, e elas farão, na proclamação da verdade, um trabalho que os obreiros mais idosos não poderão fazer, pois seus passos serão entravados ([2004b, p. 188, grifo nosso](#)).

A soberania divina não está limitada por restrições humanas; quando canais convencionais são obstruídos, Deus abre canais alternativos. White identifica características específicas dos instrumentos transformados. Piedade genuína: "Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo" ([2021b, p. 529](#)); transformação visível: "Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu" ([2007, p. 278](#)) e uma ousadia santa: "Denodadamente deram a última advertência solene [...] Cada santo, sem temer as consequências, **seguia as convicções de sua própria consciência**" ([2007, p. 278, grifo nosso](#)).

Para White, a proclamação final terá dimensões globais: "Por milhares de vozes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência" ([2021b, p. 534](#)). Ela registra que essa pregação transcenderá barreiras sociais e econômicas: "A luz que se derramou sobre os expectantes penetrou por toda parte, e aqueles, nas igrejas, que tinham alguma luz e que não haviam ouvido e rejeitado as três mensagens, obedeceram à chamada" ([2007, p. 277, 278](#)).

Finalmente, o derramento escatológico será caracterizado por iluminação espiritual extraordinária. White descreve: "Vi uma grande luz repousando sobre eles" ([2007, p. 277](#)). Essa luz é uma representação de clareza doutrinal, discernimento espiritual e compreensão profunda da verdade. A iluminação se manifestará em revelação de enganos:

Os pecados de Babilônia serão revelados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será comovido. Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. ([2021b, p. 529-530](#)).

Ellen White resume: "O povo de Deus foi fortalecido pela excelente glória que sobre ele repousava em grande abundância e o preparou para suportar a hora da tentação" ([2007, p. 278](#)). A glória divina não apenas capacita para proclamação, mas fortalece para resistência no período de provação final.

## **6.5 Cronologia Escatológica: Posicionamento e Sequência dos Eventos Finais**

Em sua literatura, Ellen White apresenta a chuva serôdia como um elemento crucial em uma sequência ordenada de acontecimentos que culminam no retorno de Cristo. Esse evento posiciona-se primariamente no contexto da proclamação da mensagem do terceiro anjo. Ela desenvolve uma progressão teológica:

O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo [...] Mas isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo ([2021b, p. 533-534](#)).

O derramamento do Espírito não inaugura a mensagem do terceiro anjo, mas a intensifica dramaticamente. Intimamente associado à chuva serôdia está o fenômeno do "alto clamor" de Apocalipse 18:1-4. White descreve:

Vi então outro poderoso anjo comissionado para descer à Terra, a fim de unir sua voz com o terceiro anjo, e dar poder e força à sua mensagem [...] A mensagem da queda da Babilônia, conforme é dada pelo segundo anjo, é repetida com a menção adicional das corrupções que têm estado a entrar nas igrejas desde 1844 [...] 'Retirai-vos dela, povo Meu' ([2007, p. 277](#)).

A chuva serôdia capacita o povo de Deus para proclamar este chamado urgente de separação, resultando em êxodo massivo: "Os que eram preciosos retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas, assim como precipitadamente fora Ló retirado de Sodoma antes de sua destruição" ([2007, p. 278](#)). A sequência prossegue com o selamento final. White estabelece clara relação temporal:

Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, o povo de Deus terá cumprido a sua obra. Terão recebido a 'chuva serôdia' e estarão preparados para a hora de provação [...] os que se mostraram leais [...] terão recebido o 'selo do Deus vivo' ([2021b, p. 324](#)).

Esta formulação indica que a chuva serôdia precede imediatamente o selamento completo, preparando o povo de Deus para recebê-lo.

Subsequente ao selamento ocorre a cessação da obra mediadora de Cristo no santuário celestial. White descreve: "Então Jesus cessa Sua intercessão [...] e com grande voz anuncia: 'Está feito'" ([2021b, p. 324](#)). Este pronunciamento marca o término da obra

de salvação e o início da angústia de Jacó, período de provação final que antecede a segunda vinda de Cristo.

Esta sequência cronológica revela que a chuva serôdia é um evento catalisador que inicia a cascata de eventos finais. Sua função é preparar o povo de Deus para atravessar os acontecimentos subsequentes.

Diagrama 1: Sequência Cronológica dos Eventos Finais

**(1) CHUVA SERÔDIA / ALTO CLAMOR à (2) PROCLAMAÇÃO AMPLIFICADA DA TERCEIRA MENSAGEM à (3) SACUDIDURA: ÉXODO DE BABILÔNIA à (4) SELAMENTO à (5) FIM DA INTERCESSÃO NO SANTUÁRIO à (6) ANGÚSTIA DE JACÓ à (7) SEGUNDA VINDA**

*Fonte: Elaborado pelos autores com base em [White, 2007; 2021b](#).*

## **6.6 Requisitos Soteriológicos e Espirituais: Condições para o Recebimento da Chuva Serôdia**

Ellen G. White não apresenta o derramamento final como um evento automático, mas como manifestação divina que exige preparação deliberada e transformação genuína, abrangendo dimensões caracterológicas, experenciais e volitivas da vida cristã. O requisito fundamental é a santificação. White estabelece categoricamente:

Nenhum de nós jamais receberá o selo de Deus, enquanto o caráter tiver uma nódoa ou mácula sequer. Cumpre-nos remediar os defeitos de caráter, purificar de toda a contaminação o templo da alma. Então a chuva serôdia cairá sobre nós, como caiu a temporâ sobre os discípulos no dia de Pentecoste ([2008b, p. 64](#)).

Herbert Douglass esclarece que "o propósito do desenvolvimento do caráter é preparar cristãos para a chuva serôdia e o 'alto clamor'" ([2001, p. 272](#)), estabelecendo que a preparação caracterológica é meio para capacitação missionária. A urgência temporal emerge na declaração: "O caráter não pode ser mudado quando Cristo vier. A edificação do caráter deve realizar-se nesta vida" ([2001, p. 273](#)).

White estabelece um princípio de reciprocidade espiritual entre as duas manifestações pneumatológicas: "Podemos estar certos de que quando o Espírito Santo for derramado, os que não receberam nem apreciaram a chuva temporâ, não verão nem compreenderão o valor da chuva serôdia" ([2008a, p. 337](#)). A experiência presente com o Espírito capacita para experiência futura. A dependência permanente de Cristo constitui outro requisito essencial. White adverte:

"A menos que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade" ([2021a, p. 27](#)).

A consagração total emerge como expressão desta conexão vital entre criatura e criador. A dimensão volitiva manifesta-se na busca intencional e oração persistente. White exorta: "Com suas Bíblias em mãos, digam: 'Fiz conforme disseste. Apresento tua promessa: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á'" ([1908, p. 9, tradução nossa](#)). Finalmente, White estabelece conexão orgânica entre santificação e poder. Douglass sintetiza: "A santificação prepara o cristão para ser salvo para salvar, para a chuva serôdia e para a transladação" ([2001, p. 273](#)). O caráter transformado torna-se canal apropriado para manifestação do poder divino, estabelecendo que santidade e poder são realidades mutuamente dependentes.

Em síntese, Ellen G. White desenvolve compreensão multidimensional dos requisitos para o recebimento da chuva serôdia. Estes não constituem méritos que ganham a bênção divina, mas condições que possibilitam seu recebimento. A preparação é ao mesmo tempo dom divino e responsabilidade humana, exigindo cooperação ativa com a obra transformadora do Espírito Santo. Somente aqueles que satisfazem estas condições estarão preparados para receber a manifestação final do poder pentecostal e participar do alto clamor que encerrará a proclamação do evangelho eterno.

## **7. Conclusão**

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o derramento da chuva serôdia em Joel 2:23, 28-32, relacionando seu contexto histórico e literário com o cumprimento registrado em Atos 2 e com a compreensão escatológica de Ellen G. White. A adoção da datação da Teoria do 7º Século e a estrutura e análise literária do paralelismo simétrico de Joel 1–2, sendo essa: (1) Anúncio de Desastre (2) Chamado ao Arrependimento e (3) Atos de Arrependimento, permitiram mostrar que a promessa da chuva, inserida na resposta divina em Joel 2:18-32, está intrinsecamente ligada a um arrependimento abrangente e comunitário, e que a restauração material anunciada em Joel 2:23 funciona como tipo da restauração espiritual escatológica ampliada em 2:28-32.

Do ponto de vista exegético, verificou-se que a expressão “chuva temporânea e serôdia” em Joel 2:23 sinaliza em primeiro plano, a restauração agrícola de Judá após a

crise da praga de gafanhotos, e em segundo plano no fluxo do livro, prepara o leitor para o derramamento do Espírito sobre “toda carne” e para os sinais que antecedem o grande e terrível Dia do Senhor.

A leitura neotestamentária de Pedro em Atos 2 confirma o caráter bifásico dessa profecia: o Pentecostes inaugura os últimos dias como chuva temporânea, sem esgotar, porém, os elementos cósmicos e escatológicos que apontam para um cumprimento pleno no contexto da segunda vinda de Cristo.

Os escritos de Ellen G. White reforçam esse duplo cumprimento ao distinguir entre a chuva temporânea, ligada ao início da pregação evangélica, e a chuva serôdia, associada ao poderoso movimento final sob a última advertência do terceiro anjo. Sua interpretação retoma a tipologia agrícola para descrever a obra do Espírito no processo de santificação: a chuva temporânea germina a vida espiritual, enquanto a serôdia amadurece o “grão”, completando o desenvolvimento do caráter e preparando o povo de Deus para o selamento e para a crise final.

Ao mesmo tempo, White destaca que o derramamento final requer uma preparação concreta: santificação, abandono de dissensões, unidade eclesiástica, arrependimento profundo e vida de oração perseverante, em continuidade com o modelo de Atos 1–2.

Essa compreensão abre caminhos para pesquisas futuras. Estudos exegéticos e teológico-bíblicos poderiam explorar termos hebraicos presentes no texto original, como לְצַדְקָה הַמֹּרֶה (*hamôreh lits'dâqâ*, Jl 2:23) e sua aplicação messiânica, e שָׁרִידִים (*sârîdîm*, Jl 2:32) e sua possível ligação com o remanescente fiel. Outras investigações relevantes incluem um estudo aprofundado sobre o cumprimento progressivo das profecias de Joel e a perspectiva neotestamentária sobre o livro, além de uma análise mais detalhada da cronologia escatológica segundo os escritos de Ellen G. White.

Por fim, os resultados deste estudo apontam para implicações práticas significativas para a Igreja Adventista contemporânea. Se a chuva serôdia não é um evento mágico que substitui a experiência presente com o Espírito, mas a culminação de um processo de conversão, santificação e missão, então a comunidade crente é chamada a uma preparação intencional que envolva vida devocional sólida, compromisso com a santidade, cultivo da unidade e foco missiológico.

A profecia de Joel, lida à luz de Atos 2 e dos escritos de Ellen G. White, convida a igreja a esperar pela chuva serôdia engajando-se fielmente na missão e na reforma do caráter, na certeza de que a obra do evangelho não se encerrará com menor manifestação do poder de Deus do que aquela que marcou o seu início.

## **8. Referências Bibliográficas**

**BÍBLIA SAGRADA.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

**CANALE, F. L. Doutrina de Deus.** In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

**COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.** Volume 4: Isaías a Malaquias. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 7.

**DOUGLASS, H. Mensageira do Senhor.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

**HUBBARD, D. A. Joel and Amos:** An Introduction and Commentary. Nottingham: Inter-Varsity Press, 1989. (Tyndale Old Testament Commentaries; v. 25). Disponível: <https://archive.org/details/joelamosintroduc0000hubb>. Acesso em 25 out. 2025

**KEENER, C. S. The IVP Bible Background Commentary.** 2. ed. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2014.

**LASOR, W. S; HUBBARD, A; BUSH, F. W. Introdução ao Antigo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

**LIRA, G. S; BARROS, N. C. A. S.; PEREIRA, E. U. Análise exegética do termo invocar o nome do Senhor em Joel 2:32.** REVISTA LUZEIROS, v. II, n. 2, 2021. Disponível em: <https://luzeiros.faama.edu.br/index.php/revistaluzeiros/article/view/33>. Acesso em: 23 set. 2025.

**LUNA, M. Joel and Peter a Perspective on Eschatology and Mission.** Biblical Research Institute, 2018. Disponível: <https://adventistbiblicalresearch.org/articles/joel-and-peter-a-perspective-on-eschatology-and-mission>. Acesso em 23. set. 2025.

**MOURA, H. Preparo para a Chuva Serôdia:** a caminhada profética do povo de Deus entre o agora e o fim. 6. ed. São Paulo, SP: Silcolor Gráfica e Editora Ltda, 2004

**MCQUEEN, L. R. Joel and the Spirit:** The Cry of a Prophetic Hermeneutic. Cleveland, TN: CPT Press, 2009.

**OSGOOD, D. S. Preparing for the Latter Rain.** 1. ed. Nashville: Southern Publishing Association, 1973

**RICE, G. E. Dons Espirituais** In: DEDEREN, R. (ed.). Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011

RICHARDS, L. O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento.** 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SEITZ, C. R. **Joel.** (The International Theological Commentary on the Holy Scripture of the Old and New Testaments) London / New York: Bloomsbury T&T Clark, 2016.

TREVES, M. **The Date of Joel.** Vetus Testamentum, vol. 7, no. 2, 1957, pp. 149–56. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/1515837>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1515837?read-now=1>. Acesso em 23 set. 2025.

TROXEL, R. L. **Joel:** Scope, Genre(s), and Meaning. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2015. (Critical Studies in the Hebrew Bible; 6).

VELOSO, M. **Atos:** Contando a História da Igreja Apostólica. Comentário Bíblico Homilético. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia:** Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 983-989

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos:** Ellen G. White Estate, 2021a. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WHITE, E. G. **Eventos Finais:** Ellen G. White Estate, 2004a. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 11 set. 2025.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito:** Ellen G. White Estate, 2021b. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 11 set. 2025.

WHITE, E. G. **Primeiros Escritos:** Ellen G. White Estate, 2007. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 11 nov. 2025

WHITE, E. G. The Promise of the Spirit, **Review and Herald**, Washington, D. C., v.85, n. 18, p. 8-9, 30 de abril 1908.

WHITE, E. G. **Testemunhos para Ministros:** Ellen G. White Estate, 2008a. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a Igreja 6:** Ellen G. White Estate, 2004b. Disponível em: <http://www.egwwritings.org/ebooks>. Acesso em: 19 nov. 2025.

WOLFF, H. W. **Joel and Amos:** A commentary on the books of the prophets Joel and Amos. [Hermeneia] Philadelphia: Fortress Press, 1977. Disponível em: [https://archive.org/details/joelamoscommenta0000wolf\(mode/2up](https://archive.org/details/joelamoscommenta0000wolf(mode/2up)). Acesso em: 04 nov. 2025.

WORD BIBLICAL COMMENTARY, v. 31: **Hosea–Jonah.** Douglas Stuart (editor). Grand Rapids: Zondervan, 1988.

# Convergências e Divergências Entre a Teoria do Arrebatamento Secreto e a Escatologia Adventista do 7º Dia

---

Leila Amaral Carvalho<sup>1</sup>  
Melissa Querido Batista<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca fazer uma análise da doutrina do arrebatamento secreto, entender a sua definição, origem e com quais outras teorias ela se relaciona para corroborar seus preceitos. Paralelamente, será feito uma análise da escatologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sua origem e fundamentação bíblica, com enfoque na doutrina dos últimos eventos. Após detalhadas ambas as teorias, será feito uma análise comparativa. Através de um levantamento bibliográfico sobre o arrebatamento secreto, percebeu-se que ele não pode ser completamente entendido sem que se tenha uma compreensão a respeito da doutrina do dispensacionalismo e do pré-tribulacionismo. A escatologia adventista, por sua vez, advém de uma interpretação histórica das profecias, o que gera diferenças acentuadas do dispensacionalismo. Por conseguinte, ambas teorias têm mais divergência do que convergências em seus ensinamentos sobre a volta de Jesus.

**Palavras-chaves:** Arrebatamento Secreto, Escatologia Adventista, Milênio, Dispensacionalismo.

**Abstract:** This article seeks to analyze the doctrine of the Secret Rapture, understand its definition, its origin, and the other theories it relates to in order to corroborate its precepts. Concurrently, we will analyze the eschatology of the Seventh-day Adventist Church, its origins, and biblical foundations, with a focus on the Doctrine of Last Events. After formulating both theories, we will conduct a comparative analysis. Through a bibliographical survey on the secret rapture, we will see that it cannot be fully understood without an understanding of the doctrines of Dispensationalism, pre- and post-tribulationism. Adventist eschatology, in turn, stems from an interpretation of the history of prophecy, which generates marked differences from Dispensationalism. Consequently, both theories have more divergences than convergences in their teachings about Jesus' return.

**Keywords:** Secret Rapture, Adventist Eschatology, Millenium, Dispensationalism.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Especializada em Gestão Educacional. E-mail: [leila.carvalho@unasp.edu.br](mailto:leila.carvalho@unasp.edu.br).

<sup>2</sup> Bacharel em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [melissa.batista@unasp.edu.br](mailto:melissa.batista@unasp.edu.br).

## 1. Introdução

A Bíblia é uma obra cujo conteúdo é considerado sagrado por inúmeras denominações. Por ser um livro que abrange uma pluralidade de assuntos, redigido por dezenas de autores diferentes e lido por milhões de pessoas ao longo de milhares de anos, é inevitável que haja disparidades de interpretações — quer seja por fatores geográficos, cronológicos, hermenêuticos ou pessoais.

Um dos temas que mais gera divergências de opiniões são as profecias bíblicas, em especial as encontradas em Daniel e Apocalipse — já que contêm segredos relacionados aos eventos finais prévios ao retorno do Salvador. Tais profecias são difíceis de entender, pois podem ser enigmáticas em sua linguagem, denotar a passagem de um tempo inexato ou usar simbolismos para tentar revelar ao leitor o que há de acontecer. A compreensão retida dessas profecias, entretanto, varia de igreja para igreja. Duas perspectivas tocantes ao advento de Cristo são o arrebatamento secreto e a escatologia adventista do sétimo dia.

Com isso em mente, o presente artigo tem como objetivo contrastar as duas propostas, assinalando suas semelhanças e disparidades. Para tanto, os próximos dois capítulos irão discorrer sobre o arrebatamento secreto e a escatologia adventista, respectivamente; em seguida, haverá uma análise comparativa dos eventos propostos, com uma tabela de contrapontos entre as ideias. A fundamentação se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica dos principais autores defensores das respectivas teorias, enquanto a exposição de suas similaridades e diferenças foi delineada pelas autoras. É importante ressaltar que a intenção da pesquisa não é comprovar ou refutar as partes envolvidas, apenas analisar suas características.

Naturalmente, foram encontradas diversas discrepâncias entre as duas, incluindo a ordem de acontecimentos, a visibilidade do advento de Cristo, a localização do milênio e a duração da Grande Tribulação. Apesar disso, ainda houve pontos de convergência, como a crença na volta de Jesus, um milênio de paz literal após esse evento e o cerne da salvação de Deus.

## 2. A Doutrina do Arrebatamento Secreto

A crença do arrebatamento secreto atualmente faz parte de múltiplas igrejas, mas seu fundamento é, em grande parte, o mesmo. Antes de discorrer acerca do tema,

entretanto, é necessário abordar dois outros conceitos: o pré-tribulacionismo e o dispensacionalismo, bem como suas respectivas origens.

O pré-tribulacionismo, em suma, tem relação com a ideia de que Jesus virá buscar Seus fiéis antes do início da Tribulação descrita em Mateus 24 ([Walvoord, 1979; LaHaye e Jenkins, 2013](#)). Esse pensamento será melhor ilustrado abaixo à medida que os eventos do arrebatamento secreto forem trabalhados. Além do pré-tribulacionismo, há o midi-tribulacionismo e o pós-tribulacionismo, respectivamente, pensamentos de que Jesus voltará na metade e ao final da Tribulação.

Provavelmente uma das principais figuras não apenas para o pré-tribulacionismo, mas consequentemente também para o dispensacionalismo, é John Nelson Darby. Nos anos 1830, Darby começou a propagar a ideia de um segundo advento dividido em duas fases e uma Tribulação de sete anos, além da interpretação dispensacionalista das Escrituras, pensamento que encontraria solo fértil nos Estados Unidos ([Thompson, 1999](#)). Anos depois, teólogos como C. I. Scofield e Lewis Sperry Chafer sistematizaram e popularizaram as propostas, de forma que se espalharam para outros lugares ([Williams, 2003](#)).

O dispensacionalismo, por sua vez, é um conceito cuja definição exata ainda é debatida entre teólogos e estudiosos e tem se tornado um tópico mais estudado academicamente no último vicênio ([Williams, 2003; Sweetnam, 2010](#)). Williams ([2003, p. 15, tradução nossa](#)) o caracteriza como:

Uma compreensão da história e da agência histórica na qual a história é concebida principalmente em termos de, e até mesmo reduzida a, iniciativa sobrenatural e execução divina, sem levar em consideração a contribuição humana. Essa concepção antidesenvolvimentista e antinaturalista da mudança histórica foi agravada pela delineação de diferentes economias de dispensações (por isso o nome *dispensacionalismo*) da atividade divina na história humana. Cada época histórica sucessiva é caracterizada por seu próprio mandato divino para o fracasso da humanidade em atender à demanda divina e o subsequente julgamento de Deus sobre a humanidade.

[Ice \(2009\)](#) enumera três pontos essenciais do dispensacionalismo. Primeiramente, a interpretação literal das Escrituras, ou seja, a interpretação bíblica de acordo com os usos normais e costumeiros das palavras usadas. Em segundo lugar, a distinção entre Israel e a Igreja, pois os dispensacionalistas, da mesma forma que separam a ação de Deus em épocas, creem que o Criador tem um plano distinto para a Igreja e Israel. Finalmente, que o propósito da história é a glória de Deus, assim, “o plano de Deus significa que Ele é glorificado na história por mais áreas ou facetas do que aqueles que veem a salvação da

humanidade [...] como a única área que exibe a glória de Deus” (Ice, 2009, p. 10, tradução nossa).

Cyrus Ingerson Scofield, mencionado anteriormente, foi o criador da Bíblia de Referência Scofield e é o grande responsável pela sistematização do dispensacionalismo (Williams, 2003). Ele divide as dispensações em sete partes: o homem inocente, sob a consciência, como autoridade sobre a Terra, sob a promessa, sob a lei, sob a graça e, finalmente, sob o reinado pessoal de Cristo. As dispensações relevantes para este estudo são as duas últimas. De acordo com os ensinos de Scofield, atualmente nos encontramos na era da graça, em que:

A morte sacrificial do Senhor Jesus Cristo introduziu a dispensação da graça pura, que significa favor imerecido, ou Deus concedendo justiça, em vez de Deus exigir justiça, como sob a lei. A salvação, perfeita e eterna, é agora oferecida gratuitamente a judeus e gentios mediante o reconhecimento do pecado, ou arrependimento, com fé em Cristo (Scofield, 1923, p. 23, tradução nossa).

Essa dispensação findaria com a volta de Jesus, quando se iniciaria a sétima dispensação, o homem sob o reinado pessoal de Cristo. Nela, Jesus reinaria em Jerusalém “sobre o Israel restaurado e sobre a Terra por mil anos. Este é o período comumente chamado de milênio” (Scofield, 1923, p. 25, tradução nossa), temática que será abordada melhor abaixo.

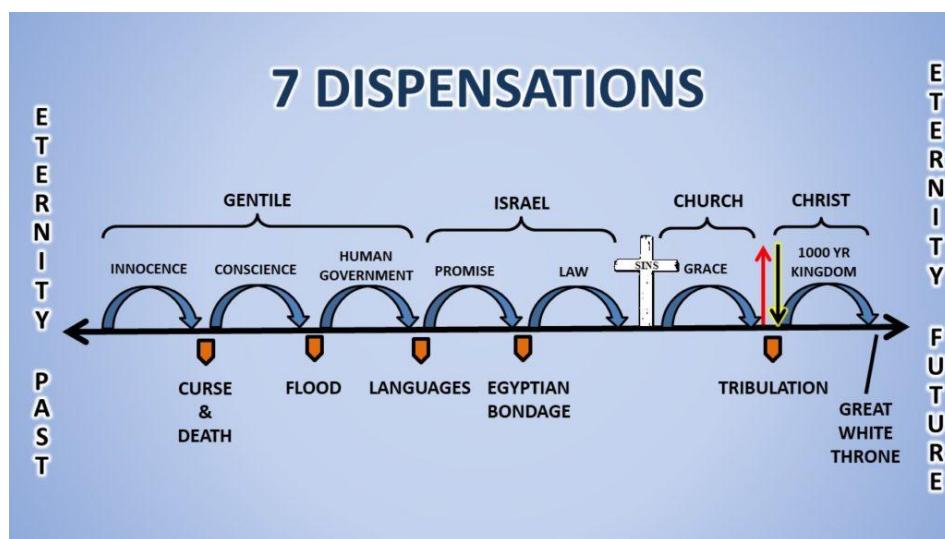


Figura 1 — As Sete Dispensações (Urling, 2023).

Definidos esses conceitos, é possível perceber por que não se pode tratar de um sem mencionar o outro. O pré-tribulacionismo, o dispensacionalismo e arrebatamento secreto interagem entre si. O arrebatamento secreto é o evento que define a alcunha “pré-

tribulacionismo”, ou seja, o Salvador retornará para buscar sua Igreja antes da Tribulação. O dispensacionalismo, por sua vez, é “a estrutura teológica geral para o pré-tribulacionismo” ([House e Thomas, 2010, p. 142](#)), enquanto o arrebatamento secreto é a primeira parte do final da sexta dispensação:

O primeiro evento no encerramento desta dispensação será a descida do Senhor do céu, quando os santos adormecidos serão ressuscitados e, juntamente com os crentes que então viverem, serão arrebatados “ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor” (1 Ts 4:16-17). Segue-se então o breve período chamado de “a grande tribulação” ([Scofield, 1923, p. 24, tradução nossa](#)).

Segundo o dispensacionalismo, a volta de Jesus ao término dos sete anos de tribulação é o que marca o fim da era da graça e dá início à última etapa de julgamento divino, o reinado pessoal de Cristo ([Scofield, 1923](#)).

Agora, tratando-se do arrebatamento secreto, os principais versículos bíblicos utilizados para sustentar a teoria são Mateus 24:40, 41; 1 Coríntios 15:51, 52 e, principalmente, o livro de 1 Tessalonicenses, com foco nos versos 16 e 17 do capítulo 4.

Na teologia do arrebatamento secreto, a Igreja (os fiéis em Jesus) é levada para o Céu, de repente e instantaneamente, deixando todos seus pertences (mesmo roupas) — enquanto os descrentes permanecem na Terra (Mt 24:40, 41). Esse evento deixaria para trás um cenário caótico, pois, por exemplo, veículos seriam deixados sem motoristas, salas de cirurgia sem médicos, fogões acesos e numerosos outros problemas, já que uma porção da população mundial desapareceria.

Depois disso, sucederiam sete anos de Tribulação (Dn 9:27). Durante esse período, o Anticristo surgiria, e consigo a Grande Tribulação (2 Ts 2:8-10; Mt 24:15-31). Por fim, ao término dos sete anos, Cristo retornaria para estabelecer Seu reino na Terra (Ap 1:11-21), e Satanás seria aprisionado. A imagem abaixo ilustra a cronologia de eventos:

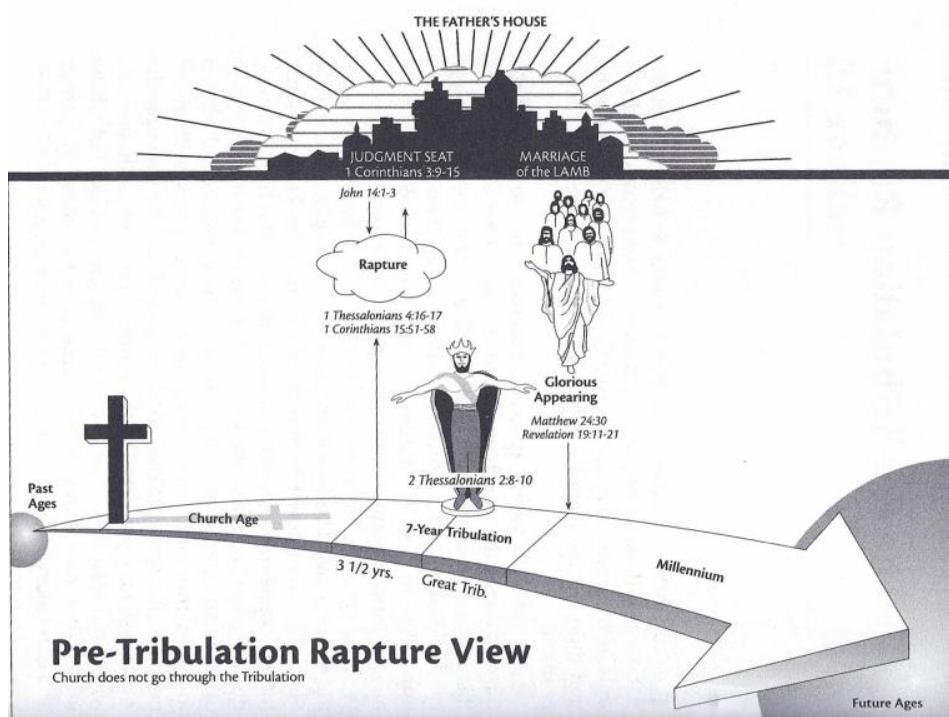


Figura 2 — Cronologia dos eventos finais segundo o pré-tribulacionismo ([LaHaye Jenkins, 2013, p. 134](#)).

Após sua volta, Jesus estabeleceria um controle universal, discricionário, político, espiritual (Dn 2:35) “e caracterizado pela retidão e justiça. Será zeloso para com os pobres (Is 11:3-5), mas trará recriminação e juízo para quem transgredir as ordenanças do Messias (Sl 2:10-12)” ([Jordan, 2010, p. 318](#)). Os súditos desse reino seriam os santos do Antigo Testamento (Dn 12:1-13), os santos da Tribulação (Ap 20:4) e a Igreja de Jesus. Contudo, aqueles que “escaparem da Tribulação adentrarão o reino em seus corpos naturais e com a capacidade de procriar. As crianças que nascerem durante o milênio precisarão de salvação, que lhes será oferecida por intermédio de Israel” ([Jordan, 2010, p. 319](#)), o qual serviria como mediador entre Deus e os que precisam de salvação.

No entanto, posteriormente, ao fim do milênio, o Diabo voltaria para tentar, por uma última vez, a humanidade (Ap 20:3). Ele seria solto de sua prisão e criaria outra rebelião, procurando destronar Cristo. “O fim do Milênio revelará que o coração humano, corrupto, ainda estará disposto a crer nas mentiras do Diabo e a segui-lo em sua revolta final contra Deus” ([Jordan, 2010, p. 319](#)), mesmo após mil anos de paz sob o reinado de Jesus. Depois de ser derrotado pelos exércitos celestiais, ele seria lançado no lago de fogo (Ap 20:10). Assim, iniciaria-se o julgamento de todos os ímpios, que ressuscitariam e encarariam as consequências de seus pecados. Os salvos, por sua vez, seguiriam vivendo em paz com Jesus pela eternidade ([Jordan, 2010](#)).

### 3. Escatologia Adventista

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem sua origem a partir do cumprimento de um evento profético. Em 22 de outubro de 1844, um grupo de crentes de diversas denominações nos Estados Unidos passou pelo que ficou conhecido posteriormente como Grande Desapontamento, em virtude de acreditarem que a profecia bíblica do livro de Daniel 8:14, em que diz: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”, culminaria com a volta de Jesus nesta data.

Confusão e desorientação caracterizaram tantos os líderes mileritas quanto os seguidores entre 22 de outubro de 1844 e o fim do ano. Por um período, muitos continuaram a buscar diariamente o cumprimento imediato dos 2.300 dias e a volta de Cristo. Alguns estabeleceram a vinda para 23 de outubro, enquanto outros estabeleceram datas subsequentes. Entretanto todas as previsões acabaram em frustração ([Knight, 2015, p. 208](#)).

Os adventistas “mileritas” (nome dado ao movimento por ter sido liderado por Guilherme Miller) se equivocaram quanto ao evento, Jesus não voltou, mas estavam corretos quanto ao cumprimento da profecia de Daniel nessa data. O historiador John Norton [Loughborough \(2014\)](#) relata que os adventistas revisaram cuidadosamente os cálculos e nenhum erro foi encontrado. Dentre os que continuaram estudando, estava Hiram Edson, que em 23 de outubro de 1844 foi impressionado pelo Espírito de Deus em oração e entendeu que o santuário a ser purificado estava no Céu e não na Terra. Essa nova compreensão foi se espalhando entre os adventistas, chegando às três pessoas que viriam a se tornar os principais cofundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia: o capitão José Bates e o casal Tiago e Ellen White.

O grande grupo adventista se encontrava, de certo modo, como ovelhas sem pastor. Poucas semanas antes, milhares deles haviam se separado de todas as igrejas e credos; agora viam-se sem qualquer organização humana que se responsabilizasse por seu bem-estar espiritual ([Loughborough, 2014, p. 157](#)).

[George Knight \(2015\)](#) relata que várias correntes surgiram no período seguinte ao Desapontamento, sendo um deles o grupo dos adventistas sabatistas, que em 1863, sob a liderança de Bates, Tiago e Ellen White, fundaram oficialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia. “Os adventistas do sétimo dia saíram de um segmento do adventismo dominado pelo extremismo. Naturalmente, eles rejeitaram o fanatismo e perseveraram a esperança de ver Jesus voltar em breve” ([Knight, 2015, p. 273](#)).

Agora como um grupo denominacional oficial, a Igreja Adventista do Sétimo Dia organiza e publica em 1872 suas crenças fundamentais baseadas na Bíblia, dentre as

quais, para a compreensão da escatologia adventista, iremos nos aprofundar, neste artigo, na doutrina dos últimos eventos.

Para entender os eventos finais da história da humanidade, é necessário compreender a interpretação da origem da vida para os adventistas e o que representava o cumprimento da profecia de Daniel 8:14 em 1844. Partindo da compreensão bíblica em Gênesis 2:7 de que “o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida, e o ser humano se tornou um ser vivente”, entende-se que a partir da união desses dois elementos passou a existir a vida. Com a introdução do pecado no planeta Terra, porém, a morte passou a existir, e desde então a humanidade anseia pelo fim desses momentos de dor e separação (Ro 8:18-23; 2 Co 5:2-4). Para haver perdão dos pecados e escapar da morte eterna, Deus criou o plano da salvação, enviando Jesus para morrer em lugar do ser humano (Jo 3:16; Lc 19:10; Mt 1:21). A partir de sua morte e ressurreição, Jesus assume o papel de intercessor dos pecadores que creem em Seu sacrifício e se arrependem dos seus pecados (Ro 8:34; Hb 7:25; 1 Jo 2:1). Tendo isso em mente, os adventistas creem que:

Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não seres humanos. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas na cruz. Em sua ascensão, Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou seu ministério intercessório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santo do santuário terrestre ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 385](#)).

Desde Seu retorno ao Céu até 22 de outubro de 1844 Jesus atuava como intercessor do ser humano junto a Deus, o Pai, no lugar santo do santuário celestial. A partir de 22 de outubro de 1844, Ele continuou intercedendo, porém, iniciou-se uma nova fase de Seu ministério, pois passou do lugar santo para o santíssimo do santuário celestial, iniciando-se o juízo investigativo. Esta é a compreensão do significado de Daniel 8:14:

Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de seu ministério expiatório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário terrestre. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Exiação ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 385](#)).

Os adventistas apontam que o livro de Apocalipse corrobora com essa interpretação: “de acordo com Apocalipse, Cristo está ocupado num juízo investigativo. Ele ‘sonda mentes e corações’ e retribui a cada um segundo as suas obras (Ap 2:23). E, portanto, importante para os crentes conservarem o que têm até que Ele venha (2:25;

3:11)” ([Rodríguez, 2011, p. 446](#)). No juízo investigativo, os seres celestiais julgam os que já estão mortos e quem dentre os vivos estará apto para a transladação no momento da volta de Jesus.

O Apocalipse presta atenção especial ao que acontece na Terra enquanto está se processando a purificação/vindicação do santuário celestial. Enquanto Deus está no Céu determinando que nomes serão conservados nos livros, na Terra o Senhor está reunindo Seu remanescente por meio da mensagem dos três anjos (Ap 14:6-11) ([Rodríguez, 2011, p. 446](#)).

Somente após o término deste trabalho de juízo investigativo, Cristo voltará. Jesus mencionou que na Terra alguns sinais apontam para a proximidade da Sua segunda vinda: “haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas” (Lc 21:25) e “o sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento” (Mt 24:29).

E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Por quanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo (Mt 24:6-7;12-13).

Todas essas manifestações marcam a proximidade da volta de Jesus, porém, ainda não é o fim. Há um sinal de que Jesus está voltando, entretanto, relatado em Mateus 24:14: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia comprehende, através dos textos bíblicos, que a volta de Jesus será um evento literal, pessoal, glorioso, visível e audível a todo o mundo. De acordo com Lucas 21:27, “então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória”. Jesus não voltará só, Ele virá acompanhado dos anjos, “e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:30 e 31).

De acordo com a Bíblia, aqueles que morreram estão em um estado de sono. A Bíblia diz em Daniel 12:2 que “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno”. Desta forma, aqueles que morreram tendo aceitado Jesus como seu salvador irão ressuscitar neste momento específico da história. O texto sagrado diz em 1 Tessalonicenses 4:16-17:

Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.

Este trecho, escrito por Paulo, nos revela o momento em que as pessoas justas vencerão a morte e serão transladados. Os ímpios, por outro lado, receberão sua condenação, conforme a Bíblia diz em João 5:28-29: “não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

Com o retorno de Jesus à Terra, os justos mortos ressuscitarão e juntamente com os justos vivos serão arrebatados com Jesus para viver no Céu durante um período de mil anos; é neste período que ocorre a segunda fase do juízo, chamado de juízo comprobatório. É um período em que os salvos poderão comprovar que Deus foi justo em Seu julgamento — tanto com os que se perderam, não presentes no Céu, quanto com os salvos ali presentes. Neste período, Satanás, que estará preso na Terra desolada sem ter a quem tentar, também será julgado, juntamente com seus anjos, por seus atos.

João viu que, durante o milênio, os santos estariam envolvidos em julgamento; ele contemplou “tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar” (Ap 20:4). Essa é a ocasião do julgamento de Satanás e de seus anjos, mencionada nas Escrituras (2Pe 2:4; Jd 6). É a ocasião mencionada por Paulo, de que os santos haverão de julgar o mundo e mesmo os anjos (1Co 6:2, 3) ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 449](#)).

Findados os mil anos, inicia-se a terceira e última fase do juízo, chamado de juízo executivo, ou juízo final. Neste momento, os ímpios serão ressuscitados para receberem sua sentença final. Deus enviará fogo do céu e queimarará os perdidos, Satanás e seus anjos. A nova Jerusalém desce do céu e se estabelece na nova Terra, aqui neste planeta renovado.

De acordo com o escritor do Apocalipse, a nova Terra surge após o milênio, após a purificação da Terra como a conhecemos agora, por meio do fogo (Ap 21:1). Nessa época, a "cidade santa, a nova Jerusalém" desce "do Céu da parte de Deus". E seguro assumir que é a capital do reino de Deus, o lugar de habitação de Deus. Depois de descer à Terra, Deus faz da nova Terra Sua morada entre os redimidos (v. 2, 3, 9) ([Nam, 2011, p. 1054](#)).

A profetiza e escritora adventista do sétimo dia [Ellen White \(1993\)](#), em seu livro Eventos Finais, explica que na nova Terra estará disponível à humanidade a árvore da vida, e não haverá árvore da ciência do bem e do mal para oferecer tentação. Dessa forma, não haverá possibilidade de o mal retornar a este mundo ou em qualquer outro.

Finalizando a história da redenção e do grande conflito com um final feliz, em seu livro o Grande Conflito, ela escreve que:

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. Daquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor ([White, 2021, p. 560](#)).

#### 4. Análise Comparativa

Há poucas convergências entre a teoria do arrebatamento secreto e a escatologia adventista do sétimo dia, especialmente pelo fato de que a compreensão bíblica das profecias de Daniel 8:14 desta é futurista e da outra historicista. Ainda assim conseguimos apontar algumas similaridades. A principal concordância é que ambas creem na promessa da segunda vinda de Cristo como o ápice da história da redenção. Para os dispensacionalistas, “no Arrebatamento, Cristo viria somente para os seus santos. Na segunda vinda, Cristo viria com os seus santos para derrotar o Anticristo e inaugurar o Milênio” ([Rocha, 2020, p. 614](#)). Para os adventistas do sétimo dia, “a vinda do Redentor traz a seu glorioso clímax a história do povo de Deus; é este o seu momento de libertação” ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 410](#)). Contudo, ainda divergem em muitos pontos sobre a forma como esse momento ocorrerá. Estas distinções serão detalhadas mais a frente neste artigo.

Adeptos da teoria pré-tribulacionista, defensores do arrebatamento secreto creem que “a Igreja seria removida para que Deus realizasse sua vontade final para o seu ‘povo terreno’, os judeus. Seria um período de grande perseguição aos judeus e durante esses anos vários deles compreenderiam que Jesus seria, de fato, o messias” ([Rocha, 2020, p. 614](#)). Os adventistas do sétimo dia também creem em um período de tribulação, entretanto, os crentes ainda estariam na Terra neste período e somente depois passariam pelo arrebatamento (não secreto), simultaneamente à volta de Jesus. Os seguidores de Cristo experimentariam um período de “grande tribulação”, mas sobreviveriam a ele (Mt 24:21, 22). Impressionantes sinais marcariam, na natureza, o fim dessa perseguição; os mesmos sinais determinariam a proximidade do retorno de Cristo (Mt 24:29, 32, 33) ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2016, p. 206](#)).

O milênio aparece como outra doutrina convergente. Ambas as teorias pregam que existirá um período de mil anos de paz após o arrebatamento dos justos e ao final dele,

Satanás seria solto. A escatologia adventista diz, com base em Apocalipse 20, que “Satanás é preso no início do milênio, encerrando-se sua oportunidade para enganar. Todos os justos, vivos e ressurretos, recebem imortalidade e são levados ao Céu para viver e reinar com Cristo enquanto durar o milênio” ([Webster, 2011, p. 1025](#)). Os dispensacionalistas, da mesma forma, entendem que o milênio “será um reino literal sob a égide de Cristo, que perdurará por mil anos” ([Larsen, 1995, p. 307](#)).

Por fim, existem similaridades na doutrina da salvação. Os dispensacionalistas creem que a salvação é pela graça, por intermédio da fé, em todas as dispensações. John Walvoord afirma que “as dispensações são regras de vida. Não existem diversos caminhos para a salvação. Há apenas um caminho para a salvação, que é pela graça por meio da fé em Jesus Cristo” ([Walvoord, 1983, p. 88](#)). Os adventistas do sétimo dia, da mesma forma, pregam que “é pela graça que somos levados em comunhão com Cristo, para com Ele sermos associados na obra da salvação” ([White, 2008, p. 90](#)).

Agora, tratando-se das divergências, há várias aparentes ao se comparar as duas teologias, das quais separaremos as mais importantes. Talvez a mais latente delas seja o contraste entre o pré e o pós-tribulacionismo. Como discutido anteriormente, o arrebatamento secreto é um episódio inherentemente pré-tribulacionista, é inadvertido, súbito e instantâneo, um prelúdio para o advento do Salvador. A escatologia adventista, por sua vez, é clara em afirmar que a volta de Jesus será um evento único, visível a todos e terminativo. É interessante como os dois lados utilizam 1 Tessalonicenses 4:16-17 para demonstrar sua visão, havendo uma discrepância de interpretação acerca dos versos. A visão pós-tribulacionista enxerga nas palavras corroboração com os eventos colocados em passagens como Lucas 21:27, Mateus 24:30-31 e Apocalipse 19:11-20, ou seja, todas se referem a um único evento, o retorno de Cristo ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2012](#)). Os pré-tribulacionistas, por outro lado, separam duas ocorrências, o arrebatamento (1 Ts 4:16-17; Mt 24:40-41; 1 Co 15:50-58) e a volta de Jesus (Mt 24:30-31; Lc 21:27; Ap 19:11-20) ([LaHaye, 2010](#)).

Outra característica que destoa significativamente ao comparar as duas frentes é o gerenciamento da salvação de Deus. Os pré-tribulacionistas a enxergam por lentes dispensacionalistas. Deus trabalha com a humanidade por dispensações, cada uma com suas promessas, mandamentos (testes), princípios, um fracasso subsequente e consequentemente um juízo divino, além de uma revelação progressiva. “Algumas promessas, ordenanças e princípios passam de uma dispensação para outra, enquanto que

outras são anuladas e substituídas por novas revelações” ([Towns e Ice, 2010, p. 146](#)). A escatologia adventista, por sua vez, crê que Deus elaborou o plano da salvação desde os primórdios do mundo, e toda sua atuação ao longo das eras tem relação com esse plano, sem uma mudança de administração ([White, 1997](#)).

Em conexão com isso, há a distinção entre Israel e a Igreja, tão importante para o dispensacionalismo que “todo aquele que continuamente deixa de diferenciar Israel da Igreja irá, sem a menor dúvida, afastar-se das características dispensacionalistas” ([Chafer, 1936, p. 39, tradução nossa](#)). Para os adventistas, Deus não diferencia entre os dois povos; Seu único interesse está na honestidade de sua adoração. De fato, “quando o povo judeu rejeitou a Cristo, o Príncipe da Vida, Ele tirou-lhes o reino de Deus e entregou-o aos gentios” ([White, 1993, p. 53](#)).

A última diferença que será apontada está na localidade do reino milenar. Os que acreditam no arrebatamento secreto entendem que os mil anos do governo de Cristo serão passados na Terra, e sua “capital” será a cidade de Jerusalém ([Jordan, 2010](#)). Já os adventistas defendem que o reino de Jesus será usufruído no Céu a princípio, deixando Satanás sozinho no mundo sem ter a quem tentar. Ali, os salvos terão parte no julgamento dos ímpios. Apenas após o fim do milênio os salvos habitarão novamente o planeta e desfrutarão a vida eterna na nova Terra ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2012](#)).

A seguir está um quadro esclarecendo as interpretações dos dois lados encontradas ao longo da pesquisa:

Tema	Escatologia IASD	Dispensacionalismo
Cronologia da Volta de Jesus	Leitura histórico-profética que liga 1844 e o juízo investigativo. A volta ocorre como evento único após sinais e juízo celestial.	Duas fases: arrebatamento pré-tribulacional (Igreja removida), depois sete anos de Tribulação, seguido pela volta pública.
Visibilidade da Segunda Vinda	Retorno será um único evento literal, pessoal, visível e audível a todo o mundo.	Distingue arrebatamento (invisível e privado) da volta pública no final da Tribulação.
Milênio	Literal, passado no Céu após a volta de Jesus.	Literal, passado na Terra sob o governo de Jesus após sua vinda.
Grande Tribulação	Uma grande aflição sinalizada por eventos naturais e perseguição. Crentes permanecem na Terra até o advento. Foco nos sinais.	Tribulação de sete anos (período definido na leitura de Dn 9). Igreja poupará por ter sido arrebatada antes.
Ressurreição	Mortos fiéis no retorno de Cristo. Mortos infiéis ao fim do Milênio	Mortos fiéis no arrebatamento secreto. Mortos infiéis ao fim do Milênio.

Tema	Escatologia IASD	Dispensacionalismo
Israel x Igreja	Não há separação entre Israel e Igreja. Ênfase na continuidade do plano salvífico e no remanescente, sem plano paralelo para Israel.	Distingue claramente Israel e Igreja. Profecias e promessas para Israel são tratadas separadamente e voltarão a cumprir-se em favor de Israel após o arrebatamento.
Hermenêutica	Interpretação histórico-profética de Daniel e Apocalipse. Utilização de tipologia (santuário) e leituras ligadas a eventos históricos.	Interpretação literal-futurista. Leitura literal de profecias e cronologia.
Salvação Divina	Salvação pela graça. Um único plano de salvação.	Salvação pela graça. Administrações (dispensações) diferentes através da história e testes específicos por época.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## 5. Conclusão

Tendo em vista os aspectos observados, percebe-se que no meio cristão há diferentes teorias sobre a atuação de Deus na história da humanidade, bem como sobre o modo que Ele porá fim ao reino de pecado instaurado por Satanás neste mundo. Nas duas teorias estudadas, foi possível constatar interpretações diversas para o mesmo texto bíblico, culminando com explicações divergentes para os mesmos acontecimentos.

A teoria do arrebatamento secreto faz parte de um conceito maior, chamado dispensacionalismo, o qual propõe que Deus atua na história através de sete dispensações, ou seja, períodos em que Ele interage com a humanidade de diferentes formas. O dispensacionalismo ensina que o cumprimento da profecia de Daniel 9:27 acontecerá no futuro. O arrebatamento secreto seria então um evento iminente que pode ocorrer a qualquer momento, finalizando a dispensação da graça e dando início ao juízo divino. A igreja será arrebatada secretamente ao Céu, enquanto na Terra ficarão os não conversos e os judeus, que passarão por uma tribulação de sete anos. Na metade desses sete anos o anticristo aparecerá e trará consigo a Grande Tribulação. Passado esse tempo, Jesus e os arrebatados anteriormente voltam para a Terra; os que se arrependeram durante a tribulação se juntarão a Ele, e os pecadores irão morrer. Assim, inicia-se na Terra a sétima dispensação, um período de mil anos de paz, conhecido como milênio. Após isso, Satanás, que estava preso, será liberto, tentará os vivos e liderará uma última rebelião. Os mortos ímpios ressuscitarão, serão julgados e condenados. Após o juízo final, Satanás, seus anjos e os ímpios serão lançados no lago de fogo e enxofre, então o bem vencerá a luta contra o mau.

A escatologia adventista entende que a profecia de Daniel 8:14 se cumpriu em 1844, quando Jesus passou do lugar santo para o santíssimo no santuário celestial, se iniciou o período do juízo investigativo — uma interpretação historicista da profecia. Findado o juízo investigativo, Jesus retornará à Terra de forma visível e audível, acompanhado de Seus anjos. Os mortos salvos ressuscitarão, e os santos serão arrebatados ao Céu, onde viverão um período de mil anos julgando os mortos e Satanás, que ficará preso na Terra sem ter a quem tentar. Findados os mil anos, os ímpios serão ressuscitados para receber sua sentença final, e descerá fogo do céu para consumir a todos — o Diabo, seus anjos e os perdidos. A nova Jerusalém então descerá do céu e será estabelecida novamente na Terra renovada. O pecado nunca mais existirá novamente.

Portanto, constatou-se que, embora existam algumas semelhanças nas duas teorias sobre a forma como o fim do mundo ocorrerá, maiores são as discrepâncias do que as concordâncias. Destacamos como as duas principais convergências: um arrebatamento será secreto, antes da volta de Jesus, e o outro será visível, junto com a volta de Jesus; e o local onde ocorrerá o Milênio, pois no dispensacionalismo ocorrerá na Terra, e para os adventistas será no Céu.

Futuros trabalhos de pesquisa poderiam investigar as divergências e convergências das teorias aplicadas ao conceito de imortalidade da alma e a aplicabilidade do conceito de reencarnação à promessa da ressurreição e volta de Jesus. Outro tema interessante seria uma comparação da compreensão da profecia das 70 semanas, ou 2.300 tardes e manhãs, visto que o dispensacionalismo apresenta uma visão futurista desta profecia, enquanto o adventismo as vê sob lentes historicistas. De igual forma, a relação entre Israel e a Igreja nas duas propostas são substancialmente diferentes, e um estudo mais aprofundado das interpretações traria mais clareza à visão de salvação divina tida por ambas.

## 6. Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHAFER, L. **Dispensationalism**. Dallas, TX: Dallas Seminary Press, 1936.

HOUSE, W; THOMAS, R. Dispensacionalismo Progressivo. In: LAHAYE, T, HINDSON, E. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2010. p. 142–146.

ICE, T. D. What is Dispensationalism? **Article Archives**, n. 71, 2009.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 9. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

JORDAN, J. Milênio. In: LAHAYE, T, HINDSON, E. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2010. p. 316–320.

KNIGHT, G. R. **Adventismo, Origem e Impacto do Movimento Milerita**. 1<sup>a</sup> ed. Tatuí. Casa Publicadora Brasileira, 2015.

LAHAYE, T. Segunda Vinda de Cristo. In: LAHAYE, T, HINDSON, E. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2010. p. 414-416.

LAHAYE, T.; JENKINS, J. B. **The Rapture**. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2013.

LARSEN, D. **Jews, Gentiles and the Church**. Grand Rapids: Discovery House, 1995.

LOUGHBOROUGH, J. N. **O Grande Movimento Adventista**. 2. ed. Oregon: Adventist Pioneer Library, 2014.

NAM, D. A Nova Terra e o Reino Eterno. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1046-1069.

NELSON, D. K. **Ninguém Será Deixado Para Trás**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

ROCHA, D. “Faça-se na Terra um Pedaço do Céu”: Perspectivas Messiânicas na Participação dos Pentecostais na Política Brasileira. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, p. 607–632, set. 2020.

RODRÍGUEZ, Á. M. Santuário. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 421-466.

SCOFIELD, C. I. **Rightly Dividing the Word of Truth (2 Tim. 2:15)**: Ten Outline Studies of the More Important Divisions of Scripture. Philadelphia, PA: Philadelphia School of the Bible, 1923.

STITZINGER, J. F. The Rapture in Twenty Centuries of Biblical Interpretation. **The Master’s Seminary Journal**, v. 13, n. 2, p. 149–172, 2002.

SWEETNAM, M. S. Defining Dispensationalism: A Cultural Studies Perspective. **Journal of Religious History**, v. 34, n. 2, p. 191–212, jun. 2010.

THOMPSON, R. C. **Restoration of the Apostolic Church.** Brushton, NY: Teach Services, 1999. v. 2.

TOWNS, E; ICE, T. Dispensações. In: LAHAYE, T, HINDSON, E. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica.** Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2010. p. 146-153.

URLING, T. **What is dispensationalism and is it Biblical?** Disponível em: <<https://westsidebaptist.church/what-is-dispensationalism-and-is-it-biblical/>>.

WALVOORD, J. F. **The rapture question.** 2. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan Pub. House, 1979.

WALVOORD, J. F.; ZUCK, R. B. **The Bible Knowledge Commentary:** An Exposition of the Scriptures by Dallas Seminary Faculty, New Testament, Wheaton, IL: Victor Books, 1983.

WEBSTER, E. C. O Milênio. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1024-1045.

WHITE, E. G. **Eventos Finais.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito.** 44. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas.** 15. Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, E. G. **Fé e Obras.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WILLIAMS, M. D. **This World Is Not My Home:** The Origins and Development of Dispensationalism. Fearn, Ross-Shire: Mentor, 2003.

WOHLBERG, S. **End Time Delusions:** the Rapture, the Antichrist, Israel, and the End of the World. Shippensburg, PA: Treasure House, 2004.

# “Sedes Perfeito” no Contexto da Parousia: Perspectiva Bíblica, Histórica e nos Escritos de Ellen G. White a Respeito do Perfeccionismo

---

Felipe da Silva Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo investiga o conceito de perfeição cristã em três eixos principais: histórico, bíblico e escatológico, com foco especial no contexto adventista. Historicamente, mostra como o perfeccionismo nasce de leituras distorcidas da relação entre graça e obras, desde o judaísmo e o pelagianismo até movimentos adventistas como a Assembleia de 1888 e o Movimento da Carne Santa, nos quais um legalismo prático produziu expectativas irreais de santidade. Biblicamente, a exegese de Mt 5:48 demonstra que “perfeitos” significa maturidade e plenitude no amor, não impecabilidade nesta vida, reforçado por outros textos que usam τέλειος. Escatologicamente, critica a Teologia da Última Geração, argumentando que a impecabilidade plena só ocorre na glorificação, conforme 1Co 15:51-56, e conclui que a perfeição cristã é crescimento contínuo na graça e reprodução do caráter amoroso de Cristo.

**Palavras-chave:** Perfeição cristã, Perfeccionismo, Escatologia, Mateus 5:48, Teologia da Última Geração

**Abstract:** This article examines the concept of Christian perfection across historical, biblical, and eschatological dimensions, with particular emphasis on the Seventh-day Adventist context. Historically, it traces perfectionism from its roots in Judaism and Pelagianism to Adventist movements such as the 1888 General Conference Session and the Holy Flesh Movement, highlighting how practical legalism fostered unrealistic expectations of holiness. Biblically, an exegesis of Mt 5:48 demonstrates that "perfect" denotes spiritual maturity and fullness of love, not sinlessness in this life, reinforced by other texts employing teleios. Eschatologically, it critiques Last Generation Theology, arguing that full sinlessness occurs only at glorification, as per 1Co 15:51-56, concluding that Christian perfection entails continuous growth in grace and reproduction of Christ's loving character.

**Keywords:** Christian perfection, Perfectionism, Eschatology, Matthew 5:48, Last Generation Theology

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia e História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [felipe.cruz@unasp.edu.br](mailto:felipe.cruz@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

O conceito de perfeição cristã permeia toda a história da Igreja Cristã, frequentemente originando interpretações divergentes e, em muitos casos, movimentos que se distanciam significativamente dos princípios bíblicos fundamentais. A má compreensão de o que a Bíblia apresenta como perfeição cristã tem levado diversos grupos religiosos a adotarem posições que ultrapassam os limites das Escrituras, resultando em movimentos com forte ênfase perfeccionista. Diante dessa realidade, surge a necessidade de uma construção teológica sólida e fundamentada que comtemple três dimensões essenciais: a perspectiva histórica do perfeccionismo, a análise bíblica a respeito da perfeição e a aplicação desse conceito no âmbito escatológico, no contexto da parousia.

A metodologia adotada neste artigo segue uma progressão cumulativa e lógica. Primeiramente, será exposto o desenvolvimento histórico do perfeccionismo, traçando suas raízes no judaísmo, seu surgimento no cristianismo primitivo e sua manifestação específica dentro do Adventismo, como o contexto da Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa. Essa análise histórica fornece o contexto e a compreensão dos erros interpretativos que originaram tais ênfases errôneas. Em seguida, será realizada uma exegese de Mateus 5:48, utilizando-o como chave hermenêutica para a interpretação de demais textos bíblicos que tratam da perfeição cristã, estabelecendo, assim, uma base textual sólida e contextualizada. Por fim, aplicam-se esses fundamentos históricos e bíblicos à escatologia, demonstrando que a perfeição plena (no sentido de impecabilidade) é uma realidade destinada à glorificação no contexto da parousia, e não um estado alcançável na vida terrena presente.

Desse modo, o presente estudo não apenas desconstrói as interpretações perfeccionistas que carecem de embasamento nas Escrituras, mas também reconstrói a compreensão bíblica autêntica da perfeição cristã em suas múltiplas dimensões: espiritual, moral e escatológica. Ao integrar história, exegese bíblica e teologia sistemática, este artigo oferece uma análise abrangente que permite ao leitor compreender tanto os desvios históricos quanto a verdade bíblica, preparando o terreno para uma aplicação correta e reafirmando a esperança cristã no breve retorno de Cristo.

## 2. Panorama histórico do perfeccionismo

O perfeccionismo permeia a história da igreja cristã em todas as suas etapas. Suas bases remontam a antes mesmo do cristianismo, tendo forte influência no judaísmo (religião que serviu de base para o cristianismo). A seguir, este artigo fará um panorama histórico do perfeccionismo, culminando no perfeccionismo dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

### 2.1. Perfeccionismo no Judaísmo

Em decorrência da distância temporal entre Cristo e seus seguidores, muitas ideias foram implementadas ao longo da história do cristianismo, ideias que ampliam conceitos cristológicos, mas também ideias que não seguem os ensinamentos de Cristo ou da própria Bíblia. Logo, tais ideias passaram a ser chamadas de heresias, palavra derivada do grego αἵρεσις e que significa basicamente “escolha” ([Rusconi, 2003](#)).

Contudo, as raízes do perfeccionismo remontam de antes de Cristo e do cristianismo, partindo do judaísmo e absorvendo os seus conceitos. A soteriologia judaica desenvolve a ideia de salvação com base nos méritos do indivíduo, através de suas obras ao longo da vida, diminuindo assim o papel divino na obra de salvação, mas não o excluindo completamente ([Moraes, 2016](#)).

Este pensamento é visível nos evangelhos entre os contemporâneos de Cristo, como no caso do rico que perguntou a Cristo o que deveria fazer para herdar a vida eterna (Mt 19:16) ou do intérprete da lei que lhe fez a mesma pergunta (Lc 10:25). Além do mais, Cristo, ao contar a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:9-14), repreendeu tal pensamento judaico legalista.

É importante notar que, como mencionado acima, após a ascensão de Cristo ao Céu, seus seguidores imediatos que conviveram com Ele tinham guardadas em suas mentes os ensinamentos de Cristo e Suas aplicações das Escrituras e, com base nisto, proclamaram tais conceitos e os adaptaram de acordo com as diversas realidades pertinentes daquela época. Um exemplo disto é a didaquê<sup>2</sup>, que foi escrita nos primórdios do cristianismo e que continha os ensinamentos apostólicos.

---

.....  
<sup>2</sup> A Didaquê ("Instrução dos Doze Apóstolos") é um documento do final do século I considerado a mais antiga fonte de lei eclesiástica e manual catequético da igreja primitiva (CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**, 2008. p. 69)

Logo, durante este período em que alguns dos seguidores de Cristo ainda estavam vivos, como os apóstolos, havia uma unidade doutrinária (não absoluta), haja vista que eles estavam próximos de sua Fonte no que tange ao tempo. Contudo, partindo da lógica, quanto mais longe no tempo eles estavam da Fonte, mais probabilidade havia de eles se distanciarem dos princípios de Cristo, e isto acabou ocorrendo.

## 2.2. Perfeccionismo no Cristianismo

Nos primeiros séculos da igreja cristã, muitas heresias surgiram, como o gnosticismo, marcianismo e o pelagianismo, do qual iniciou-se a ênfase perfeccionista dentro do cristianismo.

Pelágio foi um teólogo britânico, provavelmente de ascendência irlandesa, que viveu entre os séculos 4º e 5º. Sendo um erudito da teologia, desenvolveu algumas teorias, principalmente no que tange ao pecado. Pelágio não acreditava no pecado original ou em uma sucessão hereditária deste mal, pois, segundo ele, o pecado surge na vida do indivíduo a partir do ato pecaminoso dele, e não a partir dos atos dos antepassados. Em contrapartida, Pelágio cria em uma espécie de perfeição original, afirmando que o homem nasce com a plena capacidade de não cometer os atos pecaminosos; ou seja, para ele, viver isento do pecado era plenamente possível.

As ideias de Pelágio foram combatidas por seu contemporâneo, Agostinho de Hipona, e condenadas pelos sínodos de Mileva, Cartago e Éfeso. Entretanto, na tentativa de conciliar as ideias de Pelágio e Agostinho, foi desenvolvido ainda no século V, na região gaulesa da França, o chamado semipelagianismo que, diferente das ideias de Pelágio, admitia a graça como parte do processo da salvação, e não meramente como um auxílio externo, mas que cabia ao homem dar o primeiro passo. Assim como seu precursor, o semipelagianismo foi condenado através de um concílio, nesse caso, o Concílio de Orange, em 529 d.C ([Moraes, 2016; Champlin, 2021](#)).

Após esse protoperfeccionismo dentro do cristianismo, muitos outros teólogos ou grupos tiveram em suas declarações e crenças, ênfases perfeccionistas, como o monasticismo católico romano, os anabatistas e metodistas ([Champlin, 2021](#)).

### **2.3. Perfeccionismo no início do Adventismo**

Dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia também houve momentos de ênfase perfeccionista e/ou legalista, dos quais este artigo irá se ater em dois deles: a Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa.

Uma leitura superficial da declaração de crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia de 1872 pode gerar a ideia de que a igreja tinha uma forte ênfase legalista. Aparentemente, a ênfase estava na obra humana e não na Obra de Cristo. É certo que havia um reconhecimento de que ninguém poderia guardar os mandamentos, a não ser com o auxílio de Cristo, e sem Ele não poderiam ser justificados. Contudo, está declaração era suprimida por diversas proposições que enfatizavam a guarda dos mandamentos.

Os primeiros adventistas eram ridicularizados por outros cristãos, sendo chamados de legalistas e judaizantes. Com receio de a Lei de Deus ser novamente esquecida, tais adventistas deram um enfoque na obediência e validade da lei, utilizando-se de textos-provas que confirmavam, por exemplo, a perpetuidade do sábado, dando assim, de forma contraproducente, argumentos favoráveis àqueles que os criticavam ([Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Na tentativa de estruturar aquilo que era doutrina distintiva, como a verdade do sábado, o estado dos mortos e a mensagem do santuário, os pioneiros adventistas acabaram por negligenciar aquilo que era de vital importância para o cristianismo, como verdades sobre Cristo e Sua salvação. Inclusive, para alguns adventistas, a lei chegava a ser mais importante do que o próprio Cristo.

#### **2.3.1. Assembleia da Associação Geral de 1888**

Foi neste contexto que dois jovens se levantaram, por volta de 1884, para reafirmarem a Cristo e a fé: Ellet J. Waggoner e Alonzo T. Jones, ambos editores da *Songs of the Times* ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Por meio de um estudo aprofundado de Romanos e Gálatas, Waggoner e Jones passaram a se dedicar à pregação da justificação pela fé,

Buscando corrigir o que eles consideravam como um ponto de vista desequilibrado dentro do adventismo, a dupla pôs-se a convencer os leitores do Signs, estudantes do Healdsburg e membros das igrejas de São Francisco e Oakland de que a justificação pela fé deveria se tornar muito mais do que uma teoria doutrinária abstrata ([Schwarz; Greenleaf, 2009, p. 177](#)).

É válido ressaltar que, como já mencionado, o legalismo imperava entre os primeiros adventistas do sétimo dia, tendo eles como um dos seus lemas “obedeça e viva” ([Jones apud Knight, 2003, p. 56](#)). Alguns dos líderes, como George Butler e Uriah Smith, “ensinavam que o perdão dos pecados passados era um dom gratuito da graça mediante a fé, mas que a salvação presente e futura dependia da obediência do cristão” ([Fortin; Moon, 2008, p. 75](#)).

George I. Butler e Uriah Smith eram presidente e secretário da Associação Geral, respectivamente, na ocasião. Smith era também editor da *Review and Herald* ([Knight, 2003](#)). Ambos interpretavam que a lei em Gálatas 3 dizia respeito a lei ceremonial, sendo esta a interpretação tradicional dos adventistas do sétimo até aquele momento. Contudo, Waggoner, em um dos seus artigos publicados na *Signs of the Times*, defendeu que a lei mencionada por Paulo em Gálatas 3 referia-se à lei moral, isto é, os dez mandamentos.

Butler, receoso de tal interpretação fomentar a crença na abolição da lei, também se preocupava em dar combustível para os críticos, haja vista que, como supracitado, aquele era um momento em que a igreja recebia duras críticas oriundas das outras denominações cristãs.

Assim como havia divergência entre a interpretação da lei entre Butler e Waggoner, também havia uma divergência entre Jones e Smith. Smith era uma autoridade denominacional no que tange ao estudo das profecias de Daniel e Apocalipse, tendo escrito um best-seller editorial adventista, o livro *Thoughts on Daniel and the Revelation*. Smith compreendia que os hunos estavam entre os dez reinos mencionados em Daniel 7 (dez chifres), mas Jones acreditava que os hunos deveriam ser substituídos pelos alamanos ([Zukowski, 2023; Knight, 2003; Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Em decorrência de tais divergências, Butler decidiu criar uma comissão teológica, composta por nove membros, durante a Assembleia da Associação Geral de 1886. Butler, Smith e até mesmo Waggoner fazia parte desta comissão e, depois de algumas horas de debate, chegaram ao voto de cinco contra quatro a favor da opinião de que a lei em Gálatas 3 era a lei ceremonial.

Após esta acirrada votação, Butler concordou em suspender qualquer debate doutrinário que pudesse causar dissensão entre os membros, e neste quesito, obteve oito votos a favor, excetuando Waggoner que ainda mantinha a volição de haver liberdade de discussões ([Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Por fim, o confronto final ocorreu durante a Assembleia da Conferência Geral de 1888. Na ocasião da Assembleia, o pastor Butler estava enfermo e não pôde estar presente em decorrência de malária e exaustão nervosa. A Assembleia teve dois momentos: o instituto bíblico, que ocorreu dos dias 10 a 19 de outubro, e a assembleia propriamente dita, que ocorreu dos dias 17 de outubro a 4 de novembro. Dentre os assuntos discutidos na reunião do instituto ministerial estavam: a visão histórica dos dez reinos de Daniel sete e a questão da justificação pela fé.

Entretanto, o maior problema naquela ocasião não eram as diferenças teológicas, mas o espírito no qual as opiniões estavam sendo expostas. Para Ellen G. White, o espírito daquela reunião não refletia o espírito de Cristo ([White, 1987](#)). Segundo a profetisa, ela nunca foi tratada em toda a sua vida da forma como foi tratada na ocasião da Assembleia, visto que, Ellen G. White apoiava a mensagem de Waggoner e Jones. Este apoio gerou boatos de que Ellen fazia parte de uma conspiração para mudar as crenças doutrinárias da Igreja. Para Ellen, a Assembleia foi um triste marco em todo o seu ministério.

Por fim, a Assembleia ocasionou mudanças na liderança da Igreja. Butler e Smith perderam os seus cargos de liderança. Jones assumiu o lugar de Smith como editor da *Review and Herald*. Além de que, Jones e Waggoner passaram a ser os teólogos mais influentes da Igreja durante a década de 1890.

Após a Assembleia, já na década de 1890, Ellen G. White uniu-se a Waggoner e Jones e, juntos, eles viajaram por várias partes dos Estados Unidos proclamando a mensagem de Cristo, de Sua graça e Sua justiça. Após o triste evento de 1888, Ellen G. White escreveu grandes obras que tinham Cristo como centro, como: Caminho a Cristo (1892), O Maior Discurso de Cristo (1896), O Desejado de Todas as Nações (1898) e Parábolas de Jesus (1900) ([Schwarz; Greenleaf, 2009; Fortin; Moon, 2008; Knight, 2003](#)).

### 2.3.2. Movimento da Carne Santa

Entre os anos de 1892 e 1894 houve um grande movimento de reavivamento em busca da santificação nos arredores da cidade de Battle Creek, Michigan, liderado por Alonzo T. Jones e William W. Prescott. Ambos pregavam que a chuva serôdia estava para cair e se basearam nas experiências “proféticas” de uma jovem chamada Anna Rice. A jovem não reivindicava o status de profetisa de uma forma pretensa, mas de uma forma sincera. Ela até mesmo quis se aconselhar com Ellen White, para que ela recebesse a confirmação, ou não, do seu dom, mas Ellen estava na Austrália na ocasião. Na ausência de Ellen White, a jovem decidiu se aconselhar com A. T. Jones e ele não só aprovou o seu dom, como também a incentivou ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Jones e Precott pretendiam utilizar os “testemunhos” de Anna Rice na Assembleia da Conferência Geral de 1893 para provarem que a chuva serôdia havia caído, mas Ole A. Olsen, presidente da Associação Geral na época, não os autorizou. Porém, após uma viagem de Olsen para a Austrália, Jones e Prescott aproveitaram a deixa para colocarem o seu plano em prática.

Foi quando, já em 1894, que Ellen White, ciente dos acontecimentos, enviou uma série de carta desaprovando a atitude de Jones e Prescott. Segundo ela, o “dom” profético da jovem Rice não tinha provas suficientes que atestassem a sua autenticidade. A senhora White disse que o equívoco não havia sido da jovem, mas de quem a incentivou. Jones e Prescott se desculparam e prometeram serem mais cautelosos. Anna Rice, após isso, abdicou de suas reivindicações e passou a se dedicar como uma obreira bíblica ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Contudo, outros continuaram pregando a respeito da santificação, como Albion F. Ballenger que, a partir de 1897, juntamente com Jones, começou um segundo reavivamento exortando as pessoas a receberem o Espírito Santo. A mensagem de Ballenger era de que, depois de receber o perdão dos pecados, o crente deveria seguir para a próxima etapa: o batismo do Espírito Santo. Somente assim o indivíduo estaria apto para testemunhar e se curar de enfermidades. Assim como outros movimentos de reavivamento em busca da santidade fora do escopo adventista, o reavivamento promovido por Ballenger possuía uma forte ênfase na cura.

Através da mensagem de Ballenger, Robert S. Donnel e S. S. Davis, presidente e evangelista da Associação de Indiana, respectivamente, interpretaram os seus

ensinamentos de forma radical. Para eles, a conversão tinha a capacidade de substituir a carne terrena corruptível pela mesma carne da glorificação por ocasião da volta de Cristo. Essa ideia de uma mudança de carne em decorrência da conversão inspirou o nome do movimento: “carne santa” ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Além da influência de Ballenger, as afirmações de outros perfeccionistas também serviram para a formulação das ideias de Donnel e Davis, sendo eles: Jones e Sarepta Myrenda I. Henry, outra líder do reavivamento da vitória sobre o pecado e da cura do corpo.

Ellen White, ao saber do movimento, logo se posicionou. Ela considerou o movimento não só errado teologicamente, mas afirmou que ele poderia ocasionar uma espécie de anarquia moral. Segundo ela, tal movimento poderia fomentar a crença de que alguém convertido estava imune ao pecado. Após isso, Donnel confessou o seu erro e posteriormente o movimento perdeu a sua força ([Fortin; Moon, 2008](#)).

### 3. Perfeição Cristã: Uma Análise Bíblica

Na Bíblia, é possível encontrar diversos textos a respeito da perfeição cristã. De acordo com Heppenstal, há pelo menos nove palavras hebraicas e seis palavras gregas que traduzem a ideia de perfeito ou perfeição ([2016](#)). O Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia diz:

No AT, o conceito de perfeição é representado principalmente pelas palavras *tamim* e *shalem*, que significam completo, inteiro e pleno. No NT, perfeição está relacionada com a palavra grega *teleios*, que significa completo ou maduro – aquilo que alcançou seu alvo (*telos* em grego) ([Blazen, 2011, p. 335](#)).

A definição bíblica de perfeição é “compreendida como o aperfeiçoamento de uma relação correta com Deus, entrega completa, uma madura e inabalável fidelidade a Jesus Cristo” ([Heppenstal, 2016, p. 34](#)).

A ideia de que a perfeição moral e espiritual pode ser atingida e mantida nesta vida é atribuída ao perfeccionismo ([Ibid.](#)). No entanto, a Bíblia em nenhuma parte endossa a ideia de que ser perfeito é sinônimo de impecabilidade ([Blazen, 2011](#)).

Tendo isso em mente, este artigo analisará o texto de Mateus 5:48 e o utilizará como chave hermenêutica para interpretar os demais textos bíblicos que falam a respeito da perfeição e que são frequentemente utilizados por aqueles que aderem ao perfeccionismo.

### 3.1 Mateus 5:48

“Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês, que está no céu” (NAA). O texto de Mateus 5:48 está dentro do sermão do monte, trecho que vai de Mateus 5:1 até Mateus 7:29. O capítulo 5 de Mateus dá início ao sermão do monte. As perícopes do capítulo na Nova Almeida Atualizada estão divididas da seguinte forma: “O sermão do monte”; “As bem-aventuranças”; “Sal e luz”; Ensino a respeito da Lei”; “Ensino a respeito da ira”; “Ensino a respeito do adultério”; “Ensino a respeito do divórcio”; “Ensino a respeito de juramentos”; “Ensino a respeito da vingança” e, por fim, “O amor aos inimigos”. Siqueira, ao apresentar uma síntese do público-alvo do sermão do monte, diz:

Os ensinamentos éticos do sermão do monte não foram endereçados para gentios ou muito menos para os fariseus cheios de justiça própria, mas antes, para: os filhos de Deus que oravam a seu pai celestial (Mt 6:9 7:7-11); para os que são chamados de “sal da terra” e “luz do mundo”, cuja luz não deveria iluminar suas próprias boas obras, mas antes glorificar o “Pai que está no céus” (Mt 5:13-16); para aqueles que não se orgulham de sua justiça própria mas antes tem “fome e sede de justiça” e “buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça” (Mt 5:6; 6:33) ([Siqueira, 2009, p. 15](#)).

O sermão do monte é tanto o ato de inauguração do governo de Cristo como Rei do reino da graça quanto o conjunto de regras que definem o funcionamento deste reino ([Comentário Bíblico Adventista Do Sétimo Dia, v. 5, 2020](#)). O início do sermão é marcado pelas bem-aventuranças, que contém “segredos para uma felicidade real e profunda” ([McIver, 2024, p. 98](#)). Dos versos 13 a 16, Jesus exemplifica a relação dos discípulos com o mundo e, a respeito disso, Craig S. Keener comenta: “Um discípulo do Reino que não vive conforme sua identidade (5.3-12) tem o mesmo valor que o sal sem sabor ou uma luz invisível” ([2017, p. 57](#)). Logo, segundo esse pensamento, para o cristão ser sal e luz para o mundo, ele deve refletir em sua vida diária as lições contidas nas bem-aventuranças.

Por fim, dos versos 17 a 20, Jesus introduz o tema do restante do capítulo: como os seus seguidores devem entender as leis encontradas no Antigo Testamento (McIver, 2024). Usando por seis vezes a antítese (“ouvistes o que foi dito aos antigos [...] Eu porém vos digo), que iniciam em Mt 5:21 e vão até Mt 5:47, Jesus lida com os ensinamentos rabínicos a respeito da lei ([Silva, 2016](#)). “Mas, como bem observou Glen H. Stassen, não se trata de uma contradição entre Jesus e a Torá, e sim de uma oposição do Mestre a determinada interpretação da Torá” ([Stassen apud Silva, 2016, p. 80](#)). MacArthur ([2019, p. 1097](#)) também reflete este pensamento ao comentar:

Não devemos pensar que o ensino de Jesus nos versículos que se seguem pretendia alterar, revogar ou substituir o conteúdo moral da lei do AT. Ele não dá uma nova lei nem modifica a antiga, mas explica o verdadeiro significado do conteúdo moral da Lei de Moisés e do restante do AT.

Fato é que, Jesus estava demonstrando aos seus discípulos como eles poderiam exceder a justiça dos escribas e fariseus (5:20). Os fariseus pertenciam ao grupo religioso mais respeitado de toda Judeia e os escribas eram os especialistas da Lei. Entretanto, a guarda da Lei por parte dos escribas e fariseus era marcada pela superficialidade e pela mera aparência externa. Fica evidente, com base nos versículos que se seguem, que Jesus não compactuava com tal obediência farisaica, mas que, para Ele, a lei exige uma conformidade interna com o seu espírito e não unicamente uma simples conformidade externa com a letra ([Keener, 2017; Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, 2020; Macarthur, 2019; Silva, 2016](#)).

A fim de ensinar como os discípulos poderiam exceder a justiça dos escribas e fariseus, Jesus usa seis exemplos da lei. “Dois deles (v. 21-26, 27-30) se referem aos Dez Mandamentos (Êx 20:1-17), enquanto o restante está espalhado nos outros códigos de lei e um, talvez por implicação, nos Salmos” ([McIver, 2024, p. 100](#)).

A perícope onde se encontra o verso chave desta seção inicia no verso 43. A respeito deste verso, Robert K. McIver diz que o seu início (“ame o seu próximo”) reflete o ensinamento contido em Levítico 19:18, mas que o seu final (“e odeie o seu inimigo”) não está presente em nenhuma parte do Antigo Testamento, mas, provavelmente, reflete algum ditado popular dos dias de Jesus ([McIver, 2024](#)).

A temática da perícope (v. 43-48) está na centralidade do amor como o padrão de comportamento. Isto fica mais claro dada a repetição da raiz da palavra grega para amor (*ἀγαπάω*), raiz esta que se repete por quatro vezes no Novo Testamento Grego revisado da Sociedade Bíblica do Brasil ([2018](#)). Logo, a ideia é que sem o amor, todos os ritos e obrigações da lei são vazios ([Silva, 2016](#)).

Outro ponto a ser salientado é que Jesus não estava endossando o ódio para com os inimigos, como alguns grupos judaicos, mas enfatizando a necessidade de amar. Demonstrar amor para quem nos ama, segundo Jesus, até mesmo gentios e publicanos fazem. Cidadãos de Seu Reino devem ir além disso: devem amar até mesmo aqueles que os odeiam. Isto é exceder a justiça dos escribas e fariseus ([McIver, 2024; Keener, 2017](#)).

Dado este contexto, podemos analisar semanticamente a palavra grega traduzida para “perfeito” no verso 48: *τέλειος* (*teleios*). Segundo o Léxico Grego-Português do Novo Testamento, *τέλειος* pode ter amplos significados: “relativo a ser perfeito no sentido de não carecer de nenhuma qualidade moral” ([Louw; Nida, 2021, p. 664](#)); “relativo a ser verdadeiramente e totalmente genuíno” ([Ibid., p. 601](#)); “relativo a não ter nenhum tipo de defeito” ([Ibid., p. 628](#)); “relativo ao que está totalmente realizado ou concluído” ([Ibid., p. 586](#)); “relativo a ser maduro em seu comportamento” ([Ibid., p. 670](#)); “relativo a um ser humano adulto” ([Ibid., p. 96](#)); “alguém que é iniciado numa comunidade religiosa de fé” ([Ibid., p. 113](#)).

Em Mateus 19:21, *τέλειος* aparece pela segunda e última vez nos evangelhos ([Siqueira, 2009](#)). O texto diz: “[...] se você quer ser **perfeito**, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus [...]” ([NAA, grifo nosso](#)). Pelo contexto imediato, com base na pergunta do jovem sobre o que lhe faltaria para que ele herdasse a vida eterna (visto que, segundo ele, ele observava a lei), o sentido de *τέλειος* é o de completude. É como se Jesus dissesse: por mais que você observe toda a lei, falta-lhe algo e, se você quer ser perfeito/completo, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres.

O texto paralelo de Mateus 5:48 encontra-se em Lucas 6:36, onde, diferente do evangelho mateano que utiliza a palavra *τέλειος*, o texto lucano utiliza a palavra *οἰκτήρω*, que significa misericórdia. “Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês” (Lucas 6:36, NAA). O objetivo para a utilização de palavras diferentes pode ser entendido através do seguinte pensamento:

Lucas enfatiza a misericórdia como a qualidade divina a ser imitada, refletindo uma ênfase na compaixão ativa nas relações humanas. Mateus, por outro lado, estende o conceito para uma perfeição integral que inclui a misericórdia, mas que também abrange a integridade moral e espiritual total, em consonância com as exigências radicais do Sermão do Monte ([Del Águila Tananta, 2025, p. 9634, tradução nossa](#)).

A B'rit Hadashah<sup>3</sup>, ao traduzir *τέλειος*, *utilizou a palavra hebraica שָׁלֵם* (*shalém*) (1998) que, segundo Luis Alonso Schökel, significa: “completo, íntegro..., terminado, acabado...” ([Schökel, 2018, p. 676](#)). Contudo, diante do contexto já exposto neste artigo, diferentemente do contexto do capítulo 19, o sentido de *τέλειος* deva estar de fato associado a algo que deve atingir plenamente um estado sem defeito.

---

<sup>3</sup> A tradução do Novo Testamento para o hebraico.

A palavra grega *ώς* (*hōs*), traduzida por “como” (“[...] como é perfeito o Pai [...]”) pode ser tanto uma partícula comparativa como uma conjunção denotando comparação (Gingrich; Danker, 1993). A palavra *ώς* tem Deus Pai como objeto de comparação, logo, assim como o Pai é perfeito, nós devemos ser perfeitos. Mas que perfeição é esta que o texto está falando? Seria uma perfeição moral ou um indício de que a impecabilidade é possível antes da parousia?

Mediante o contexto, fica evidente de que Jesus não estava referindo-se a uma perfeição no sentido soteriológico. O contexto indica a necessidade de amar e, nesse sentido, os Seus discípulos deveriam buscar se assemelhar a perfeição amorosa do Pai. “Com relação aos inimigos, como o contexto indica, espera-se que os seguidores de Jesus os amem como Deus os ama. Assim, serão perfeitos como seu Pai celestial é perfeito” (Mciver, 2024, p. 104). Del Águila Tananta também comenta:

Essa perfeição se apresenta não apenas como uma aspiração moral, mas como um reflexo da perfeição de Deus, que manifesta amor indiscriminado para com todos, tanto justos quanto injustos. Nesse contexto, a perfeição (*τέλειος*) é compreendida não simplesmente como a ausência de defeitos, mas como uma plenitude de amor e misericórdia que caracteriza o próprio Deus (2025, p. 9635, tradução nossa).

Portanto, a interpretação perfeccionista de que a perfeição apresentada por Jesus na passagem trata-se de uma referência à perfeição soteriológica no sentido de impecabilidade não encontra respaldo com base no contexto mediato e imediato e nem com o objetivo de Cristo ao dizer estas palavras. Silva, ao responder tal interpretação perfeccionista, conclui:

O sentido, portanto, de Mateus 5:48 não é apresentar um padrão idealístico para a salvação, muito menos endossar qualquer entendimento perfeccionista da santificação. O intuito é mostrar como os discípulos do reino devem tratar os demais que, de um modo ou de outro, não fazem parte do seu círculo de relacionamento (Silva, 2016, p. 89).

Ainda há uma série de textos bíblicos que falam a respeito da perfeição cristã, especialmente no Novo Testamento. Textos estes que utilizam, assim como Mateus 5:48, *τέλειος* para se referir a perfeição. Contudo, o texto mateano pode ser utilizado como chave hermenêutica para interpretar os demais textos. A seguir, este artigo trará alguns destes textos. Em 1 Coríntios 2:6; 14:20; Efésios 4:13-14; Filipenses 3:15 e Hebreus 5:14, o uso de *τέλειος* denota o sentido de maturidade. Todavia, em nenhuma parte do cânon bíblico há a indicação de que alcançaremos a perfeição suprema ainda nesta vida terrena. Em Filipenses 3:12, Paulo deixa muito claro que a perfeição suprema é um alvo ainda a

ser alcançado ([Dicionário Bíblico Adventista Do Sétimo Dia, 2020](#)). O Dicionário Bíblico Adventista define o cristão perfeito como:

Aquele cujo coração e vida são totalmente dedicados à adoração e ao serviço de Deus, isto é, à meta de crescimento constante na graça, no conhecimento e na prática da verdade espiritual, e que obteve certo grau de experiência na cooperação com o Espírito Santo [...] Logo, o ser humano é perfeito aos olhos de Deus quando alcançou o grau de desenvolvimento esperado dele em um dado momento. É um cristão maduro, completamente dedicado ao Senhor, que, **embora ainda tenha fraquezas a superar**, prossegue rumo ao alvo da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3:12-15) ([2020, p. 1061, grifo nosso](#)).

#### 4. Perfeição Cristã no Âmbito Escatológico

Ao aplicar o conceito de perfeição no âmbito escatológico, muitos acabaram caindo no erro de concluir que a perfeição plena (impecabilidade) deve ser atingida antes da segunda vinda de Cristo. Dentro do meio adventista, proeminentes teólogos aderiram ao que foi intitulada de “Teologia da Última Geração”, teólogos como Herbert Douglass, Clifford Goldstein e M.L. Andreasen, o maior expositor dentre eles ([Meira Júnior, 2017](#)).

Andreasen, assim como os demais defensores da TUG (Teologia da Última Geração), entendem, com base em Apocalipse 14:4-5 e Filipenses 3:12-15, que a geração final de cristãos imediatamente antes da parousia deve atingir a perfeição absoluta. Para ele, Jesus só voltará quando a impecabilidade for alcançada por Seu povo ([Adams, 2016](#)).

Os adeptos da TUG utilizam textos-prova retirados da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White que, aparentemente, corroboram com suas ideias. Contudo, em ambas as fontes, deve-se utilizar critérios hermenêuticos para a correta interpretação dos textos, o que inclui entender o contexto das passagens, assim como o objetivo e o público-alvo ([Meira Júnior, 2017](#)).

Um texto, sem a análise do seu contexto, pode incitar uma interpretação errônea. Por exemplo, se uma noiva endereça uma mensagem a uma floricultura dizendo que todas as flores devem ser vermelhas, uma análise superficial do texto, sem o contexto, pode levar à interpretação de que tal noiva é favorável a que todas as flores existentes no mundo, segundo ela, devem ser vermelhas.

Como já mencionado neste artigo, a Bíblia não oferece embasamento para o perfeccionismo, tampouco para a TUG. Desse modo, ao não dispor de fundamentos bíblicos suficientes para sustentar suas proposições, os adeptos da TUG recorrem a textos

isolados de Ellen G. White. Assim, a primazia de sua construção teológica passa a estar fundamentada nos escritos de Ellen G. White ([Adams, 2016](#)).

Um dos textos mais utilizados de Ellen G. White para embasar uma ideia de impecabilidade pré-parousia encontra-se em seu livro “Parábolas de Jesus”, onde ela diz: “...Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus” ([1996, p. 69](#)). Roy Adams faz uma análise minuciosa do texto e conclui algo muito diferente do que os adeptos da TUG.

O texto mencionado foi retirado do terceiro capítulo do livro, um capítulo que fala a respeito da parábola do semeador (Marcos 4:26-29) e no qual Ellen G. White aplica os processos agrícolas ali descritos à vida dos seguidores de Cristo.

Segundo ela, a frutificação da semente não se dá para si mesma. Assim é com o cristão, ele existe para a salvação do próximo. Não há frutificação na centralidade do eu. Logo, o capítulo faz um chamado para um espírito altruísta e abnegado que deve ser desenvolvido na vida de todo cristão.

Ellen G. White também menciona as “graças do Espírito” que amadurecerão em nosso caráter. Essas “graças do Espírito” fazem referência a lista dos frutos do Espírito descrita em Gálatas 5:22-23. “Quando esses ‘frutos’ amadurecerem plenamente, Cristo, o lavrador celestial, imediatamente lança a foice, diz ela, ‘porque está chegada a ceifa’” ([White apud Adams, 2016, p. 65](#)).

Portanto, com base nessa ótica, o caráter de Cristo, no contexto da passagem em questão, não diz respeito à Sua impecabilidade, mas a reprodução de Seu espírito. “O Caráter de Cristo é o Espírito do amor abnegado e do sacrifício por outrem” ([Adams, 2016, p. 66](#)).

Portanto, em síntese, o contexto da passagem não dá margem para a compreensão de que o caráter de Cristo se refira à Sua impecabilidade, mas sim ao espírito de Cristo, um espírito abnegado, altruísta, compassivo e amoroso. Logo, segundo Ellen G. White, quando os cristãos refletirem esse espírito para o mundo, “[haverá] uma centena de conversões à verdade onde agora só existe uma” ([White, 2006, v. 9, p. 189](#)). Ou seja, não era a intenção de Ellen G. White endossar o perfeccionismo com tal frase. Antes disso, ela pretendia ensinar que os cristãos deveriam refletir a Cristo para o mundo, para que

assim Ele volte para resgatá-los; não somente a eles, mas também àqueles a quem alcançaram ([Adams, 2016](#)).

Outra passagem de Ellen G. White utilizada por aqueles que defendem uma impecabilidade antes do segundo advento de Cristo, encontra-se no livro “O Grande Conflito”, onde ela diz:

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal” ([White, 2013, p. 425](#)).

Com base neste texto, alguns defendem que por conta da impecabilidade dos justos, o ministério de Cristo no santuário celestial se encerrará. Em outras palavras, eles alcançarão tal grau de impecabilidade que não mais precisarão de um Salvador.

Contudo, como bem observa Knight, em seu livro “Pecado e Salvação”, Cristo deixará o santuário, pois a sua obra ali terminara, e não porque os salvos atingiram um nível de impecabilidade. Todos os casos foram julgados e decididos. A porta da graça se fechou e agora todos estarão selados. Uns receberam o selo de Deus; outros, porém, receberam a marca da besta. Ele diz: “...não precisam de um mediador, porque puseram fim ao pecado consciente, voluntário e militante. Tomaram a decisão de viver permanentemente a vida cristã [...]” ([Knight, 2016, p. 207](#)).

Há um outro trecho retirado de “O Grande Conflito” onde Ellen G. White afirma: “devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo” ([White, 2013, p. 623](#)). Como a citação é retirada de um capítulo onde ela fala do tempo de angústia, alguns entendem que naquele período, os salvos deverão alcançar a perfeição absoluta. Entretanto, o contexto indica a que tipo de perfeição ela estava se referindo.

Ela não estava dizendo que os salvos deveriam alcançar a impecabilidade, mas que deveriam subjugar os seus pecados acariciados. Os santos no tempo de angústia não alimentam mais os seus pecados, tampouco fomentam um espírito de rebeldia para com Deus. “Eles **estão** perfeitos, mas ainda não **são** perfeitos; sem pecado, mas ainda não impecáveis” ([Knight, 2016, p. 206, grifo nosso](#)).

Knight deixa muito claro, com respaldo bíblico e nos escritos de Ellen G. White, que a impecabilidade só será alcançada por ocasião da parousia, quando seremos transformados em um corpo incorruptível e, finalmente, perfeitos de forma plena, sem

qualquer resquício de pecado. Esta conclusão pode ser entendida através das seguintes palavras:

“Embora sejam impecáveis no sentido de não mais acariciarem o pecado e a rebeldia, sua impecabilidade definitiva aguarda a última trombeta de Deus [...] Os santos no tempo de angústia são impecáveis em atitude e ação consciente. Sua impecabilidade será completada na segunda vinda, quando Deus lhes transformará o corpo mortal e limitado [...]” (*Ibid.*, p. 206-207).

Há também uma citação de Ellen G. White em que ela, de forma clara, afirma que o estado no qual os perfeccionistas pensam que pode ser atingido ainda nessa vida, só ocorrerá na glorificação. Ela diz: “Não podemos dizer ‘estou sem pecado’, antes que este vil corpo seja transformado segundo a semelhança de Seu corpo glorioso” (*White, 1965, p. 749*). A citação ainda contém uma repreensão àqueles que, de forma equivocada, afirmam que alcançaram a impecabilidade.

Por fim, em 1 Coríntios 15:51-56, ao tratar da segunda vinda de Cristo, Paulo, inspirado por Deus, diz:

[...] nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta [...] nós seremos transformados [...] e quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘tragada foi a morte pela vitória’. ‘Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?’ O aguilhão da morte é o pecado [...]” (NAA).

Observa-se que, segundo o autor inspirado, o aguilhão da morte é o pecado, e sua derrota plena não ocorre antes, mas no momento da transformação escatológica, isto é, “quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade” (v. 53). Somente então, conforme afirma o apóstolo, “se cumprirá” (v. 54) a promessa da vitória definitiva sobre o pecado, o que implica a erradicação completa de sua presença e, consequentemente, a condição de plena impecabilidade, alcançada apenas na glorificação.

Conclui-se, portanto, que a Teologia da Última Geração não encontra respaldo nem nas Escrituras nem nos escritos de Ellen G. White quando estes são interpretados à luz de seus respectivos contextos. A perfeição exigida do povo de Deus diz respeito à maturidade espiritual e à reprodução do caráter de Cristo no sentido de amor, obediência e entrega, e não à impecabilidade pré-parousia. Conforme atestado por Paulo em 1 Coríntios 15:51-56, a erradicação plena do pecado ocorre somente na glorificação, no momento da transformação escatológica, reafirmando que a esperança cristã repousa na obra de Cristo e não no desempenho humano.

## 5. Conclusão

O presente artigo buscou demonstrar que o conceito de perfeição cristã, quando corretamente compreendido à luz das Escrituras, distancia-se substancialmente das propostas perfeccionistas que marcaram diversos movimentos ao longo da história da Igreja. A análise histórica evidenciou que tais ênfases não surgem de forma isolada, mas reaparecem de modo recorrente sempre que a centralidade da graça é obscurecida por uma confiança excessiva no desempenho humano. No contexto adventista, essa tendência manifestou-se de forma clara em episódios como a Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa, ambos ilustrando os perigos de uma teologia desequilibrada no que tange à santificação.

A investigação exegética de Mateus 5:48 mostrou-se fundamental para a construção de uma compreensão bíblica sólida da perfeição cristã. Longe de apresentar um ideal de impecabilidade soteriológica, o ensino de Jesus, inserido no contexto imediato e mediato do Sermão do Monte, aponta para uma perfeição fundamentada no amor e na misericórdia que refletem o próprio caráter de Deus. A análise semântica de τέλειος, bem como sua relação com o paralelo lucano, reforça a ideia de maturidade, integridade e plenitude no amor, e não de ausência absoluta de pecado. Assim, Mateus 5:48 não legitima o perfeccionismo, mas redefine o padrão da vida cristã como uma resposta contínua à graça divina.

Ao aplicar esse entendimento ao âmbito escatológico, tornou-se evidente que a perfeição plena, entendida como impecabilidade absoluta, não pertence à experiência presente do cristão, mas à realidade futura da glorificação por ocasião da parousia. A crítica à Teologia da Última Geração demonstrou que suas proposições carecem de respaldo bíblico e dependem, em grande medida, de leituras fragmentadas tanto das Escrituras quanto dos escritos de Ellen G. White. Quando interpretadas em seus contextos adequados, tais fontes não sustentam a ideia de uma geração final impecável que condicionaria a volta de Cristo, mas reafirmam a centralidade da obra redentora de Cristo e a transformação final operada por Deus.

Dessa forma, a perfeição exigida do povo de Deus deve ser compreendida como maturidade espiritual, fidelidade relacional e reprodução do espírito de Cristo, marcado pelo amor abnegado, pela obediência e pela dependência constante da graça. A esperança cristã não repousa na capacidade humana de erradicar o pecado nesta vida, mas na

promessa escatológica da transformação final, quando “este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade” (1 Coríntios 15:54). Conclui-se, portanto, que uma teologia bíblica da perfeição não conduz ao perfeccionismo, mas à humildade, à confiança em Cristo e à viva esperança na parousia, na qual a obra iniciada pela graça será, enfim, consumada pela glorificação.

## 6. Referências Bibliográficas

ADAMS, R. **O que Deus Requer?**: uma análise crítica da teologia da ‘última geração’. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.57-76.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLAZEN, Ivan. **Salvação**. In: DEDEREN, R. Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 305-352.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. v. 4. São Paulo: Hagnos, 2021.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. v.5. (ed. Vanderlei Dorneles). Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020

DEL ÁGUILA TANANTA, R. H. **El significado y la función de teleios en Mateo 5:48**: un estudio histórico bíblico-teológico. Ciencia Latina: Revista Científica Multidisciplinar, Ciudad de México, v. 9, n. 4, jul./ago. 2025. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10405097>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

DICIONÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

FORTIN, D; MOON, J. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. **Léxico do Novo Testamento**: grego – português. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HEPPENSTALL, E. “**Prossigamos para a Perfeição**”: o ensino bíblico sobre santificação e perfeição. In: RODOR, Amin; MILLI, Adriani; FOLLIS, Rodrigo. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.31-56.

KEENER, C. S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017

KNIGHT, G. R. **A Mensagem de 1888**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

KNIGHT, G. R. **Pecado e Salvação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2021.

MACARTHUR, J. **Comentário Bíblico MacArthur**: desvendando a verdade de Deus, versículo a versículo. Tradução de Eduardo Mano et al. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SIQUEIRA, P. **O conceito de perfeição bíblica no Antigo e Novo Testamentos**. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 5, n. 2, p. 199, 2º semestre 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/197>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

MCIVER, R. K. M. In: **Comentário Bíblico Andrews**, v. 3. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2024.

MEIRA JUNIOR, I. M. A hermenêutica da “teologia da última geração”. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 11, n. 2, p. 137–164, 2017.

MORAES, N. **Perfeição e Perfeccionismo**. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.93-112.

SCHWARZ, R; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2009.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, R. **Perfeição Humana?**: uma análise linguística de Mateus 5:48. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.77-92. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/769>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SIQUEIRA, P. **O conceito de perfeição bíblica no Antigo e Novo Testamentos**. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 5, n. 2, p. 199, 2º semestre 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/197>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

TRINITARIAN BIBLE SOCIETY. Hebrew New Testament. London: Trinitarian Bible Society, 1998.

WHITE, E. G. **Mensagens Escolhidas 3**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987

WHITE, E. G. **Para conhecê-lo.** [S.l.]: Ellen G. White Estate, 2013. E-book.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito.** 43. Ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja.** v. 9. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

ZUKOWSKI, J. **1888:** mensagem e história. In: SUÁREZ, A; TEIXEIRA, C. Justificação pela Fé: reflexões teológicas na perspectiva adventista. Benevides, PA: Norte Teológico, 2023. p.183-214.

## A Cruz, o Grande Conflito e a Herança dos Santos: Uma Perspectiva sobre os Eventos Finais

---

Bruno Moore da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a relação entre a cruz, o grande conflito cósmico e a herança dos santos dentro da perspectiva bíblica e teológica dos eventos finais. Parte da revelação dada a João em Apocalipse, que revela a vitória definitiva de Cristo sobre Satanás, enfatizando o significado da expressão “Está consumado!” (Tetelestai) como o marco da vitória redentora. Explora o contexto histórico e escatológico da missão de Jesus, o significado do protoevangelho (Gn 3:15) e o papel da cruz como centro do conflito entre o bem e o mal. Por fim, destaca a herança dos santos como a vida eterna concedida àqueles que perseveram na fé e obediência até a consumação do Reino.

**Palavras-chave:** Cruz, conflito cósmico, vitória, herança, escatologia.

**Abstract:** This article addresses the relationship between the cross, the great cosmic conflict, and the inheritance of the saints within the biblical and theological perspective of the final events. It draws from the revelation given to John in the Apocalypse, which unveils Christ's definitive victory over Satan, emphasizing the meaning of the expression “It is finished!” (Tetelestai) as the landmark of redemptive triumph. The work explores the historical and eschatological context of Jesus' mission, the meaning of the protoevangelium (Gen 3:15), and the cross's central role in the conflict between good and evil. Finally, it highlights the saints' inheritance as eternal life granted to those who persevere in faith and obedience until the consummation of the Kingdom.

**Keywords:** Cross, cosmic conflict, victory, inheritance, eschatology.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [bruno.moore@unasp.edu.br](mailto:bruno.moore@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

A história humana, desde o *bere' shiyt* (princípio), tem sido marcada por uma sequência temporal de eventos que se desenrolam sob a sombra de um grande conflito cósmico. Há dois mil anos, em um local improvável – a ilha de Patmos, João, o discípulo amado, exilado por pregar o Evangelho, recebeu a *apokalypsis* (Revelação) de Jesus Cristo. Essa instrução era de tamanha importância que o próprio Cristo veio do Céu para entregá-la a Seu servo, ordenando que fosse enviada às igrejas. Essa revelação não apenas decodificou a história e deu sentido aos eventos relatados, mas também expôs os detalhes dessa batalha espiritual.

O cerne da narrativa bíblica reside na missão de Jesus, cuja encarnação, morte e ressurreição marcam a vitória definitiva sobre Satanás. No clímax de Sua missão terrena, Jesus pronunciou as palavras gregas *Tetelestai* (Tetelestai), “Está consumado!” Esta frase possui um profundo significado que transcendeu o Calvário, sendo uma vitória de conflito cósmico. Para os anjos e os mundos não caídos, essa declaração de Cristo indicou que a grande batalha da redenção havia sido realizada para o benefício de todos, e eles compartilham o resultado dessa vitória.

Este artigo busca abordar a relação intrínseca entre o sacrifício de Cristo na cruz, o desenrolar do grande conflito cósmico e a herança dos santos. Exploraremos o significado redentor da primeira profecia messiânica (Gênesis 3:15) e como a vitória de Jesus na cruz garantiu a expulsão progressiva, mas certa, de Satanás. Em última análise, destacaremos a herança dos santos como a recompensa final e tangível concedida aos fiéis que perseveraram na fé e obediência, introduzindo-os em uma vida eterna de comunhão plena com Deus.

## 2. O Está Consumado

João, o discípulo amado, a dois mil anos atrás, foi exilado na ilha de Patmos por pregar o Evangelho. Naquele local improvável para o que estava para acontecer, ele recebe a “Revelação (ἀποκάλυψις) de Jesus Cristo” (Ap 1:1). Aqui, “a instrução a ser transmitida a João era tão importante que Cristo veio do Céu para dá-la a Seu servo, ordenando que enviasse às igrejas” ([Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, 2016, p 1064](#)). O grande conflito é real. E o discípulo amado descreve detalhes dessa batalha em Apocalipse 12:7-9. No entanto, João faz um *interlúdio* entre a batalha e a vitória:

“Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a *salvação*, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que o acusa de dia e de noite, diante de Deus.” (Ap 12:10)

A palavra salvação do gr. *Sôtēria*, pode ser traduzida como: “livramento”, “preservação”, “salvação”, e aqui, talvez, “vitória”. O Termo grego traz o artigo, portanto, deve-se ler “agora, veio a vitória”. ([Comentário Bíblico Adventista Do Sétimo Dia, 2016, p. 897](#)). Quando olhamos para a morte de Cristo na Cruz, o livro de João 28:30 descreve: “está consumado”, do gr. Τετέλεσται, outra possível tradução seria: “está completo” e a batalha foi ganha. Diz White:

“Para os anjos e os mundos não caídos, a frase “Está consumado!” teve profundo significado. A grande batalha da redenção havia sido realizada tanto para o nosso benefício quanto para o benefício deles. Junto conosco, eles compartilham o resultado da vitória de Cristo.” ([White, 2021, p. 610](#)).

As Escrituras descrevem o acusador como Satanás. Quando olhamos para a história de Jó, homem que viveu por volta do segundo milênio da criação, sem acesso à Revelação Especial, a Bíblia relata que “tudo parece estar sob seu controle” e que “ele possuía autoridade sobre a Terra” (Jó 1:7). Ele responde ao Senhor com a dúvida: “Porventura, Jó debalde teme a Deus?” (Jó 1:8). Como se o planeta Terra fosse onde ele tivesse seu império e todos estivessem a favor de seu governo, White nos ajuda a compreender que:

Satanás reclamou a Terra como sua, e intitulou-se príncipe deste mundo. Havendo levado os pais de nossa raça à semelhança com sua própria natureza, julgou estabelecer aqui seu império. Declarou que os homens o haviam escolhido como seu soberano. Através de seu domínio sobre os homens, adquiriu império sobre o mundo” ([White, 2021, p. 114-115](#)).

Depois, uma série de desastres aconteceu na vida de Jó. No final do conflito, Jó declara: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42:5). A expiação de Cristo é completa na cruz? Não, ela é suficiente. João em seu evangelho, nos apresenta esse fato: “Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo” (Jo 12:31). A ênfase está sobre o momento que Jesus é morto e ressuscita, recuperando o domínio perdido, pois essa vitória de Cristo não é para resolver o problema da Terra. Essa é uma vitória de conflito cósmico (Ap 12). Assim, quando olhamos para a cruz, temos a certeza pelos méritos de Cristo que ele cumpre a primeira Profecia Messiânica.

### 3. A Primeira Profecia Messiânica e a Inimizade

Na protologia de Gênesis 1:1, o termo hebraico *bere' shiyt* (“princípio”) indica não apenas o início absoluto da criação, mas também um ponto específico no tempo, o que revela que a narrativa bíblica está estruturada em uma sequência temporal de eventos. A expressão “houve tarde e manhã, o primeiro dia” (Gn 1:5) e o relato de que Deus “terminou no sétimo dia” (Gn 2:2) deixam claro que o tempo na Escritura é consecutivo, não cíclico, marcando um fluxo linear desde a criação até os acontecimentos históricos posteriores.

Antes da crucificação, Jesus usava a expressão “a minha hora ainda não chegou”, mostrando, assim, que Sua missão terrestre ocorreu em tempo histórico definido (João 7:30). Além disso, o nascimento de Jesus está firmemente situado em um contexto geográfico histórico: “Hoje, em Belém, a cidade de Davi, nasceu o Salvador...” (Lc 2:11), e Ele foi conhecido como Jesus de Nazaré durante Seu ministério (Mt 21:10–11; Lc 24:19; Jo 18:5, 7; 19:19).

Assim, o protoevangelho (do grego *prôtos* = “primeiro” e *euangélion* = “boa nova ou “evangelho”) significa literalmente “primeiro evangelho”. Em outras palavras, a primeira profecia messiânica relatada em Gênesis (Γένεσις), cujo significado do livro é “origem” ou “nascimento”, no capítulo 3 versos 14-15 dizem: “Então o Senhor Deus (YHWH Elohim - יהָה יְהוָה) disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcâncar.” Adão e Eva puderam visualizaram que o pecado deles viria sobre Deus e com esse sacrifício, Ele poderia resgatá-los. Antes da escrita deste livro presente na Torá, essa promessa foi preservada por meio da tradição oral, revelando que Deus permitiu que exista a inimizade entre esses dois poderes antagônico, na figura do povo de Deus e a figura da serpente ao longo da história.

O artigo definido que antecede a serpente, a destaca de todas as outras cobras, animais domésticos, selváticos ou marinhos que o Senhor havia criado. Moisés está utilizando elementos de sua época, João mostra que essa “antiga serpente” (Ap 12:9) descrita em Apocalipse era conhecido por ele e o Povo de Israel.

Essa serpente, antes da Criação de Deus em 7 dias literais (Gn 1-2), “a sua cauda levou apósi a terça parte das estrelas do céu” (Ap 12:4), ele também é descrito como “dragão” (Ap 12:4), “chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; (e) ele foi precipitado na terra, e os seus anjos com ele” (Ap 12:9. Voltando a Gênesis 3, curiosamente, “a serpente **era mais sagaz**” da palavra (‘ārûm - עָרֹם) significando “astuto”, da raiz (- עָרֹם ‘-r-m); a mesma raiz aparece em Gênesis 2:25 para “nus” (‘ārummîm), mostrando um jogo de palavras intencional. O homem e a mulher estavam ‘ārummîm (nus, inocentes. A serpente era ‘ārûm (astuta, enganadora). Em relação a palavra inocência, pode ser entendido segundo a revelação de White:

“Deus fez o homem reto; deu-lhe nobres traços de caráter, sem nenhum pendor para o mal. Dotou-o de altas capacidades intelectuais, e apresentou-lhe os mais fortes incentivos possíveis para que fosse fiel a seu dever. A obediência, perfeita e perpétua, era a condição para a felicidade eterna. Sob esta condição teria ele acesso à árvore da vida.” ([White, 2007, p. 23](#))

Portanto, a promessa de YHWH em Gênesis 3:15, é a primeira expectativa messiânica de Salvação. A “semente/descendência” mencionada neste versículo tornou-se a raiz da qual cresceu a árvore da promessa do AT de um Messias” (Kaiser, Messiah, 37-38). Desta forma, a narrativa da queda revela que a criação divina cai em rebelião e Satanás se torna o príncipe deste mundo. A terra fica sob a maldição (Gn 3:14 – ’ārûr - ,(אָרַר) o povo de Deus imergiu no grande conflito, e na tarefa de manifestar a imagem de Deus ao mundo caído.

A semente da mulher não são todos os descendentes dela. A descendência da serpente não são os demônios. A inimizade não é colocada entre a serpente e o Descendente, pois esta inimizade precede o texto. Por exemplo, Caim e Abel são os primeiros descendentes a manifestar inimizade (Gn 4:1-16). No NT, Jesus disse que os Judeus incrédulos têm como por pai o diabo (Jo 8:44). Foram anos de muitas expectativas até a vinda do Libertador. Vindo a autoria deste livro por meio de Moisés, datado geralmente entre o período do Êxodo, “provavelmente em meados do século 15 a 14 a.C., enquanto a nação peregrinava pelo deserto, forjando sua identidade sob a direção divina” (Septuaginta).

Esse período fazia parte do plano de Deus, ‘nos conselhos celestiais, foi decidido tempo que se concedesse tempo a Satanás para desenvolver seus princípios, o fundamento de seu sistema de governo’ ([White, 2021, p. 611](#)). Sua principal estratégia era ‘induzir o povo de Deus ao pecado’. “Por 4 mil anos, Cristo esteve trabalhando pelo reerguimento

do ser humano, enquanto Satanás se empenhou para causar-lhe ruína e degradação. E o universo contemplou tudo isso.” ([White, 2021, p. 611](#)). Desde o nascimento da Semente, por meio da mulher, explica White:

“Quando Jesus veio ao mundo, o poder de Satanás se voltou contra Ele. Desde o tempo quando apareceu aqui, como Criança de Belém, o usurpador tentou destruí-Lo. Por todos os meios possíveis, procurou impedir Jesus de desenvolver uma infância perfeita e uma idade adulta imaculada, bem como um ministério santa e um sacrifício irrepreensível. Porém foi derrotado. Não pôde levar Jesus a pecar. Não conseguiu desanimá-Lo ou desviá-Lo da obra que viera realizar no mundo. Do deserto ao Calvário, Cristo foi açoitado pela ira de Satanás; mas quanto mais impiedosa era essa fúria, mais firme o Filho de Deus Se apegava à mão do Pai, avançando no caminho ensanguentado. Todos os esforços de Satanás para oprimi-Lo e vencê-Lo só mostravam, mais nitidamente, a natureza de Seu caráter.” ([White, 2021, p. 611](#)).

À mão do Pai não estava mais com seu Filho, mas foi entregue nas mãos dos malfeiteiros. Não mais ouvia as boas conversas com os discípulos que o haviam negado, o mesmo comitê festivo quando entrou aplaudido sobre as ruas de Jerusalém. A narrativa de White é espantosa:

“Que cena terrível! O Salvador preso à meia noite no Getsêmani; arrastado de um lado para o outro, de um palácio a um tribunal; acusado duas vezes perante sacerdotes, *duas vezes* perante sacerdotes, *duas diante* do Sinédrio, *duas perante* Pilatos e *uma* diante de Herodes; zombado, açoitado, condenado e levado para ser crucificado, carregando o pesado fardo da cruz, em meio aos lamentos das filhas de Jerusalém e às zombarias da multidão.” ([White, 2021, p. 611-612](#))

A muitos anos a. C. profetizou Isaías entre ‘(c. 745-c. 685)’ segundo a Cronologia dos Profetas do Antigo Testamento ([Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, 2016](#)). Ele pertencia a tribo de Judá, seu ministério foi desenvolvido na região do reino do sul, sob dois períodos: (1) reinador de Acaz, num período crítico de guerra entre a Síria e Israel (Is 7 – 11) e (2) o reinado de Ezequias, que ocorreu o cerco de Jerusalém por Senaqueribe (Is 36, 37). ‘Os escritores do NT citaram Isaías mais de 90 vezes, tornando o percussor de diversos escritores bíblicos’.

Para os seus dias, um dos seus papéis mais importante foi encorajar o povo a confiar em Deus, com uma duração de “pôr mais meio século”. E como morreu Isaías? O livro de Hebreus no capítulo 11 verso 37 menciona: “...serrados ao meio”, e vai de acordo com ‘uma tradição Judaica, Isaías foi serrado ao meio’. Neste mesmo capítulo, continua hebreus no verso 38 com uma declaração sublime: “O mundo não era digno deles. Vagaram pelos desertos e montes, pelas cavernas e grutas”. Muitos que vieram a crer na promessa foram martirizados por amor a Deus. O que esse profeta escreveu sobre o

Messias, semelhantemente ele foi chamado a viver. Em seu livro no AT, a revelação divina o inspirou as seguintes palavras sobre o Servo sofredor que viria como Libertador:

“Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo ele foi atingido.” (Isaías 53:7-8)

Portanto, o Salvador venceu o combate contra a serpente com um golpe simbólico: a “semente da mulher” esmagou a cabeça da serpente, cumprindo a promessa profética (Gn 3:15), que revelou o verdadeiro caráter de Satanás. No texto, Jesus não é descendente da mulher, como se o Messias fosse parte da descendência da mulher, mas na verdade Ele é uma entidade que nasce por meio da mulher, assim como satanás fala por meio da serpente. A descendência da serpente não possuiu a imagem de Deus, mostrando em suas ações durante a crucifixão ser impossível de restauração.

A serpente feriu o Rei injustamente, e o Rei recebeu o Reino, ele e seus anjos ali não estarão. Conforme Ellen G. White destaca: “Cristo é o vencedor na grande batalha contra Satanás” ([1898, p. 678](#)). O apóstolo Paulo reafirma essa vitória em Romanos 16:20, dizendo que: “O Deus da paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés” (Rm 16:20). E Isaías aprofunda essa promessa messiânica: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; e o governo está sobre os seus ombros; e será o seu nome Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9:6). Esse triunfo é confirmado pelos eventos da redenção: YHVH resgata seu povo, como descrito no Êxodo ao pagar a dívida da escravidão, e assumindo o papel do Príncipe da Paz, esmagando o adversário. O Rei justo não é só prometido, mas efetivamente manifestado em Jesus, cuja vitória na cruz e ressurreição inaugura o novo Reino, e encerra o período dos últimos dias (Gn 49:1; Nm 24:14; Dt 31:29). Pois, o reinado de Satanás como príncipe deste fundo findou-se.

Jesus ressuscitou, fato central para a fé cristã e evidenciado nos evangelhos (Lc, 24:1-12; Mt, 28:1-10; Mc, 16:1-8; Jo 20:1-10). A morte é a maldição do pecado (Rm 6:23), mas a ressurreição de Jesus é o raiar da manhã após a noite escura. A noite é sempre mais escura antes da manhã. Como mostra Apocalipse 12:7-9, Satanás e seus anjos são expulsos do Céu, lugar do Reino que agora será exclusivamente do Rei e seus seguidores fiéis.

#### **4. A Vitória de Jesus e dos Crentes fiéis na Visão Escatológica**

A vitória de Cristo sobre a morte é descrita por João, como: E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno”. Após sua ressurreição, Ele apareceu aos discípulos e a várias pessoas, isso nos mostra que ele tinha um corpo possível de ser visto e que foi tocado por Tomé (Jo 20:28). Ele também comeu com Pedro, já estando ressurreto (Jo 21:15-19), e Lucas, que lhes apareceu surpreendentemente (Lc 24:36-49), fortalecendo-os para a missão que tinham pela frente (Jo 20-21).

O apostolo continua descrevendo de qual forma o povo de Deus vence, após a morte e ressureição de jesus nos Eventos Finais: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa do testemunho que deram, e mesmo não amando a própria morte, não amaram a própria vida.” (Ap 12:11)

De maneira breve e resumida, João busca deixar claro a vitória, que deixa de ser progressiva, com a expulsa do Céu (Is 14 e Ez 28) para definitiva, como já foi apresentado, sobre o caráter de satanás. Podemos notar que a vitória continua quando os crentes testemunham e escolhem servir a Deus, pelo sacrifício expiatório.

A revelação que concedeu ao discípulo amado na ilha de Patmos compre o papel muito específico para os eventos finais: a morte é um inimigo derrotado e podemos obter por meio das Escrituras vislumbres da Nova Vida (1Ts 4:13-19). Como O Senhor Jesus vive pelos séculos dos séculos, Ele declarou, “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11:25), a nossa esperança está ao lado vencedor do Grande Conflito. Nem mesmo a morte existirá no Paraíso de Deus. Não seria coerente apresentar parte das bênçãos da herança dos santos sem esclarecer partes importantes do plano da redenção, o valor do preço pago para a salvar a raça caída, que é um processo ainda em desenvolvimento. Beale comenta que “a vitória de Cristo é tanto uma obra já realizada quanto uma promessa futura que será plenamente consumada na erradicação do pecado” ([2011, p. 342](#)). Esses fatos nos motivam a sofrer por Cristo, pois não existe nada mais grandioso do que ter no trono do universo um Deus que se fez homem: Soberano.

White reforça que “a consumação do grande conflito se dará quando não houver mais pecado nem pecadores, e o reino de Deus for plenamente estabelecido” ([1898, p. 678](#)). Sendo assim, vamos analisar o conceito de herança dos Santos e como possivelmente será após o Grande Conflito.

## 5. A Herança dos Santos: Perspectiva Sobre os Eventos Finais segundo Ellen G. White

A Revelação Divina não apenas nos apresenta o conceito da herança dos santos, mas também nos convida a compreender a sua profundidade e multiplicidade no âmbito escatológico e teológico. A herança dos santos, que é a recompensa prometida aos fiéis na consumação dos tempos, envolve a plenitude das bênçãos espirituais e eternas que Deus concede àqueles que perseveram em fé e obediência até o fim. Linguisticamente, herança ‘procede da raiz da palavra hebraica יָשׁ – yesh - DITAT - 921; subst’, ‘significando sobressair, ou existir;’. E posse, vem da palavra hebraica “יְשֻׁחַד – yeushah” ([Dicionário Bíblico Strong, 2002, p.450](#)), respectivamente, e essas palavras ligam diretamente o conceito de posse e promessa nas alianças divinas com os patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó (Gn 12:1-3; Gn 15:1-21; Gn 17:1-8; Gn 26:2-5; Gn 28:10-22; Gn 35:9-15). A dimensão prática dessa herança é essencialmente uma vida de santificação, em que a fé é confirmada pelas obras, como bem ressalta White:

Pela obediência, o povo devia dar prova de fé. Assim, todos os que esperam ser salvos pelos méritos do sangue de Cristo devem conscientizar-se de que eles próprios têm algo a fazer para conseguir a salvação. Embora apenas Cristo possa nos remir da pena da transgressão, devemos desviar-nos do pecado para a obediência. O ser humano é salvo pela fé, e não pelas obras; contudo, a fé deve ser mostrada pelas obras ([White, 2022, p. 232](#)).

Esta perseverança não é uma garantia passiva, mas uma jornada constante de entrega sob a graça de Deus, que preserva o fiel até a manifestação plena da herança. O apóstolo Paulo reforça este conceito ao afirmar que somos “co-herdeiros com Cristo”, que sofreremos com Ele para também sermos glorificados (Rm 8:17). A herança não é apenas individual, mas coletiva, pois a comunhão dos santos é parte inseparável da posse final do Reino (At 1:14; 2:42-44). É essa esperança que fortalece a igreja que vive no Reino da Graça, perseverando no meio das tribulações. A galeria dos heróis da fé em Hebreus 11, apresenta que “os antigos obtiveram bom testemunho” por meio da fé. O primeiro mártir Abel ‘foi obediente ao oferecer o que Deus havia pedido como oferta’, em contrapartida, Caim escolheu não proceder assim. E o justo que foi morto, por meio das suas obras, nos dá testemunho até hoje’. Enoque, o sétimo depois de Adão (Jd 1:14-15), White revela sobre esses dois justos:

Abel cria em Cristo, e foi tão certamente salvo pelo Seu poder, quanto o foram Pedro e Paulo. Enoque foi tão certamente representante de Cristo quanto o amado discípulo João. Andou Enoque com Deus, e não se viu mais, porquanto Deus para Si o tomou. A ele foi confiada a mensagem da segunda vinda de Cristo. “Destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos”. [Judas 14](#). A mensagem pregada por Enoque e sua trasladação para o Céu, foram um argumento convincente para todos quantos viviam em seu tempo; foram um argumento que Matusalém e Noé puderam usar com autoridade para demonstrar que os justos podiam ser trasladados ([White, 2007, p. 91](#)).

Noé obedecendo as instruções divinas, “aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé”, diz White: “os justos sobre a Terra eram poucos, e só oito viveram até entrar na arca. Estes foram Noé e sua família” (Hb 11:7). Quando Abraão foi chamado por Deus para sair da sua Terra (Gn 12:1-3), e “obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros como ele da mesma promessa.” Notemos o que o texto de Gênesis 12:1-3 diz sobre a aliança que Deus estabelece com Abraão:

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engradecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

O Teólogo Santos no seu livro “Em Missão” apresenta um pilar importante para esse tema da herança por meio de Abraão, sua descendência e transcende os escritos veterotestamentário, dizendo que:

O propósito universal é o fundamento do chamado de Abraão e provê o motivo para a bênção divina: ele e seus descendentes foram abençoados para que fossem uma bênção. Essa promessa de Deus a Abraão tem sido cumprida ininterruptamente ao longo de todos os séculos subsequentes. Primeiro, recebeu cumprimento histórico imediato na experiência dos descendentes físicos do Abraão durante o Antigo Testamento. Esse processo culminou com o nascimento de Jesus, “filho de Davi, filho de Abraão (Mt 1:1). Depois se cumpriu por meio do estabelecimento da igreja. Deus levantou filhos de Abraão de uma fonte improvável – os gentios (Gl 3:26-29). Contudo, o cumprimento final e definitivo dessa promessa acontecerá por ocasião da volta de Jesus, quando finalmente os salvos entrarão na “terra prometida”, e então, “o reino e o domínio e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo” (Dn 7:27) ([Santos, 2023, 15-16](#)).

Portando, vemos que o propósito de Deus é de salvar a todos. Homens fiéis receberam benções que outros não receberam nesta vida. Mas, o que podemos notar é que ambos buscam andar com Deus e crer em suas promessas. “Todos esses receberam bom testemunho por meio da fé; no entanto, nenhum deles recebeu o que havia sido prometido.

Deus havia planejado algo melhor para nós, para que conosco fossem eles aperfeiçoados”. (Heb 11:39 – 40) e Isaías diz: “Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si” (Is 53:10,11) Naquele momento glorioso, a vitória de Cristo fará com que os santos herdam as promessas por toda a eternidade.

White comenta que Cristo, só Cristo e Sua justiça, obterão para nós um passaporte ao Céu. Em outras palavras, ela apresenta que fazemos parte família humana. Será um grande dia, e ainda melhor quando os santos ouvirem: “Venham, benditos do meu pai! Recebam como herança o reino que foi preparado para vocês desde a criação do mundo.” (Mt 25:34 – NVI). Porém, muitos tem espiritualizado a herança futura:

Um receio de fazer com que a herança futura pareça demasiado material tem levado muitos a espiritualizar as mesmas verdades que nos levam a considerá-la nosso lar. Cristo afirmou a Seus discípulos haver ido preparar moradas para eles na casa de Seu Pai ([White, 2008, p. 210](#)).

A herança, apesar de ser espiritual em sua origem (a salvação), possui um caráter tão real e tangível que devemos evitar o erro de espiritualizar as verdades que nos levam a considerá-la nosso lar. Cristo afirmou que foi preparar moradas para Seus discípulos na casa de Seu Pai ([White, 2021, p. 674-675](#)).

## **6. Olhando para o Futuro: A Nova Terra e a Vida Edênicas**

As palavras do profeta João devem ser entendidas em seu sentido literal, pois ele afirma: “Vi um novo céu e uma nova terra” (Ap 21:1). A visão indica que a vida futura dos redimidos se dará neste próprio planeta, renovado e restaurado por Deus. Atualmente, vivendo sob as consequências do pecado, não conhecemos na prática como seria habitar um mundo semelhante ao que os primeiros seres humanos desfrutaram. A flor que murcha, a terra árdua para o cultivo e tantos outros sinais de deterioração testemunham os efeitos do mal. Contudo, a herança futura reserva realidades inteiramente novas.

No planeta restaurado, “os redimidos empenhar-se-ão em ocupações e prazeres que trouxeram felicidade a Adão e Eva no princípio; viverão a vida edêника, a vida do jardim e do campo”. White descreve o Céu, a capital do universo, como o lar inicial dos salvos, onde terão acesso à árvore da vida antes de habitarem plenamente o Novo Céu e a Nova Terra:

Ali vimos a árvore da vida e o trono de Deus. Do trono provinha um rio puro de água, e de cada lado do rio estava a árvore da vida. De um lado do rio havia um tronco da árvore, e do outro lado outro, [288] ambos de ouro puro e transparente. A princípio pensei que via duas árvores. Olhei outra vez e vi que elas se uniam em cima numa só árvore. Assim estava a árvore da vida em ambos os lados do rio da vida. Seus ramos curvavam-se até o lugar em que nos achávamos, e seu fruto era esplêndido; tinha o aspecto de ouro, de mistura com prata ([White, 1988, 17](#)).

O mundo restaurado estará repleto de todas as espécies de flores que “nunca murcharão”. Um campo cheio de todas as espécies de animais revelará a paz perfeita: o leão, o cordeiro, o leopardo e o lobo, juntos em perfeita união ([White, 2004, p. 210](#)). A ressurreição assegura que a identidade dos remidos será preservada. O corpo glorificado, livre de doenças e todo defeito, ressurgirá da mesma forma que o corpo ressuscitado de Cristo, permitindo que os amigos se reconheçam uns aos outros ([White, 2021, p. 804](#)).

A herança do Seu povo é o Senhor. Não como possessão, mas como participação eterna na vida divina. No Fim desse grande conflito que estamos envolvidos, todas as coisas irão declarar que Deus é amor. A herança dos santos, portanto, não é dom que se consome, mas relacionamento que se expande, eis uma porção incorruptível reservada ao povo de Deus.

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. Daquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor ([White, 2021, p. 591](#)).

No universo purificado, onde toda criação testemunha que "Deus é amor", os santos desfrutam da plenitude de sua herança: consciência crescente e incessante desse amor. A atualidade não revelará completamente o mistério porque a própria essência da herança é a descoberta contínua do Inesgotável. Assim cumpre-se a promessa: o Senhor é a porção do seu povo, para sempre.

## 7. Conclusão

Ao traçar a jornada da salvação, demonstrando que a cruz de Cristo é o epicentro do grande conflito cósmico. A declaração “Está consumado!” (*Tetelestai*) marcou não apenas o fim da vida terrena de Jesus, mas também a vitória decisiva sobre Satanás, encerrando seu reinado de usurpação neste mundo. Essa vitória, de natureza cósmica, vindicou o domínio usurpado e revelou o verdadeiro caráter do adversário. O protoevangelho (Gênesis 3:15) estabeleceu a primeira expectativa messiânica,

prometendo que a “semente da mulher” esmagaria a cabeça da serpente. Jesus, o Rei justo e Príncipe da Paz, cumpriu essa promessa, resgatando Seu povo e inaugurando o novo Reino. A vitória final se manifesta na perseverança dos crentes, que vencem pelo sangue do Cordeiro e pelo testemunho.

A culminação do grande conflito, conforme Ellen G. White reforça, se dará quando "não houver mais pecado nem pecadores, e o reino de Deus for plenamente estabelecido". A herança dos santos é a recompensa gloriosa dessa vitória, um reino tangível e real preparado desde a fundação do mundo. A promessa da Nova Terra (Ap 21:1) não é uma fuga espiritualizada, mas a restauração plena do lar edênico. Ali, os remidos, em corpos glorificados e imortais, desfrutarão da comunhão íntima com Deus e terão o privilégio de dar testemunho eterno da ciência da redenção aos mundos não caídos.

Em última análise, o grande conflito encontra seu desfecho no fato de que o Deus Soberano que Se fez homem no Calvário é o mesmo Deus que se sentará no trono do Universo, concedendo aos Seus filhos “a gloriosa riqueza da vida eterna”. Os salvos entrarão na “terra prometida”, um lugar onde nunca mais se ouvirá lamento ou tristeza, pois lá a paz e a justiça reinarão para todo o sempre.

## 8. Referências Bibliográficas

**BÍBLIA.** Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

**BÍBLIA.** Português. Bíblia Sagrada. Tradução: Comitê de tradução, Nova Versão Internacional.

SANTOS, B. S. **Em Missão:** Fundamentos, História e Oportunidades. 2. ed. - Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS; Universidade Adventista de Chile, 2023, 15-16.

BEALE, G. K. **O Livro do Apocalipse:** Comentário sobre o Texto Grego. Grand Rapids: Eerdmans, p. 342, 2011.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: Filipenses a Apocalipse. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016

DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG: léxico hebraico, aramaico e grego em português. Disponível em: <<https://dn720705.ca.archive.org/0/items/dicionario-biblico-concordancia/Dicion%C3%A1rio%20biblico%20concordancia.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2025.

REVIEW AND HERALD. “The Book of Revelation and the Great Controversy”. 31 ago. 1897, p. 678.

RODRÍGUEZ, Á. M. **Teologia do Remanescente**: uma perspectiva eclesiológica. Tradução de César L. Pagani. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009

RODRÍGUEZ, A. M. **A Igreja**: adoração, ministério e autoridade, Tatuí: 2020, p. 80.

SEPTUAGINTA. **Gênesis**. Disponível em: <<https://www.septuaginta.online/gênesis>> Acesso em: 12 nov. 2025.

WHITE, E. G. **Conselhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 91-92. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Conselhos-para-a-Igreja.pdf>> Acesso em: 24 de nov. 2025

WHITE, Ellen G. **História da Redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 433.

WHITE, E. G. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021. Disponível em: <<https://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/4>> Acesso em: 24 de nov. 2025

WHITE, E. G. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, ed. 44<sup>a</sup>, 2021, p. 591. Disponível em: <<https://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1>> Acesso em: 24 de nov. 2025

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2022, p. 232

WHITE, E. G. **Primeiros Escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira ed. 3,1988, 17

WHITE, Ellen G. **Eventos Finais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004